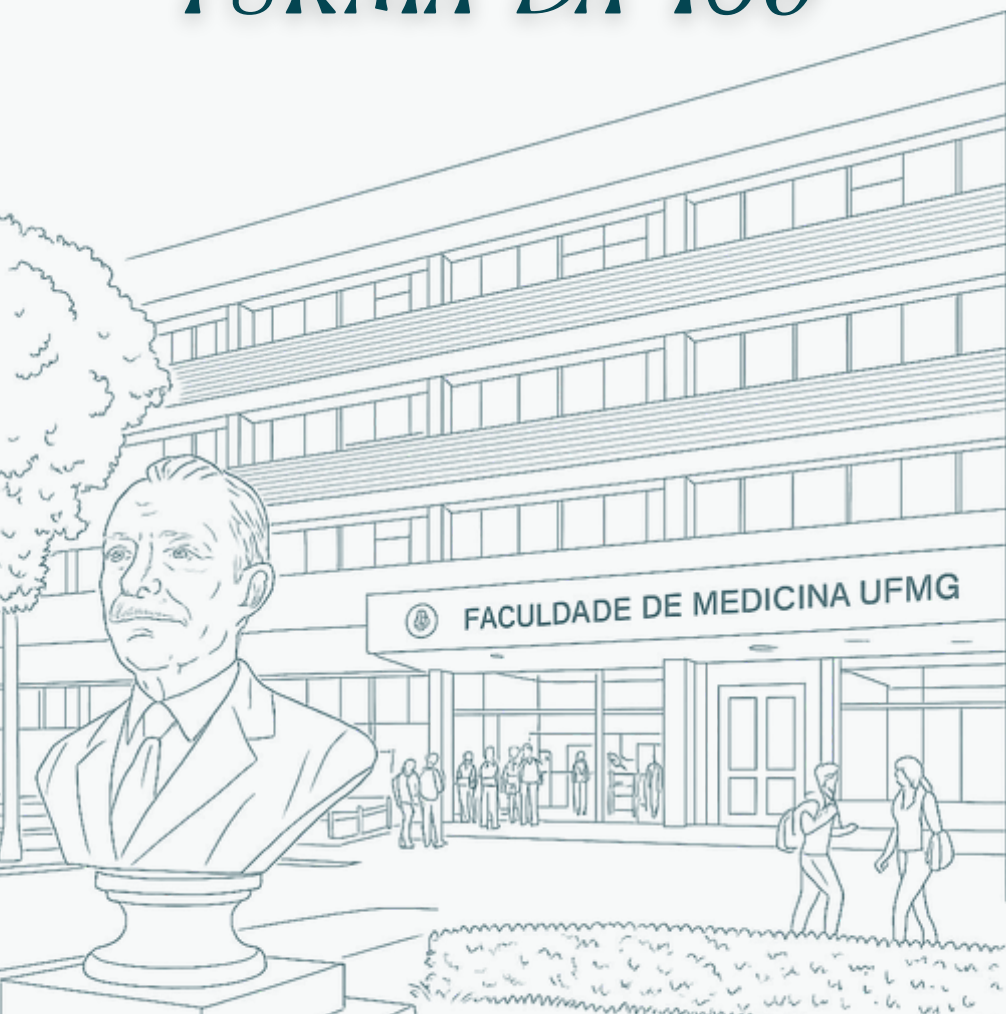


MEDICINA UFMG

A maior de Minas

CARTILHA

TURMA DA 169



CARTILHA DA TURMA

169

Sumário

1. BOAS VINDAS	3
2. COLABORADORES	6
3. UFMG E A FACULDADE DE MEDICINA	8
4. PERCURSO ACADÊMICO	11
5. PRINCIPAIS ENTIDADES	14
6. LIGAS ACADÊMICAS	18
7. ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL	23
8. COMO É VIVER EM BH	26
9. BANCAS DE HETERO-IDENTIFICAÇÃO E VALIDAÇÃO PCD	28
10. DESEMPENHOS	37
11. DADOS GERAIS DOS APROVADOS	48
12. EVOLUÇÃO RUMO À APROVAÇÃO	60
13. REDAÇÕES	67
14. DEPOIMENTOS	86
15. AGRADECIMENTO	103

Boas Vindas

NÓS SOMOS A 169!

Ingressamos no curso de Medicina no início de 2025 e, desde então, nossas vidas mudaram completamente. A vida universitária, apesar de desafiadora, tem sido a experiência mais única e especial que já vivemos. Fizemos amizades que levaremos para a vida inteira, choramos antes das provas e, acima de tudo, estamos colhendo os frutos de anos de estudo e persistência. É uma honra fazer parte da Medicina UFMG, e esperamos que alguns de vocês que estão lendo este texto, em breve, também façam parte dessa família.



Esta cartilha foi criada com muito carinho e trabalho com o objetivo de compartilhar as nossas trajetórias, experiências e informações sobre o ingresso na Faculdade de Medicina da UFMG.

Aqui reunimos dados de desempenho no ENEM, notas de corte nossos colegas de turma e relatos pessoais sobre os desafios e conquistas vividos durante o processo seletivo, incluindo depoimentos de quem passou pela banca de heteroidentificação, uma etapa importante no acesso à universidade.

Acreditamos que a democratização do acesso à informação é essencial para tornar o caminho até a aprovação mais transparente, possível e humano. Nosso intuito é mostrar que, por trás de cada conquista, há uma história de esforço, dúvida, persistência e, acima de tudo, acreditar que é possível.

Esta cartilha faz parte do projeto “Educar para Acreditar”, e todos os dados aqui apresentados foram coletados por alunos, sem vínculo institucional com a UFMG.

Não parece, mas cada página dessa reflete o sonho de quem já esteve exatamente no seu lugar e provou que, com determinação, apoio, fé e oportunidade para crer no seu próprio potencial, a aprovação deixa de ser um acaso, e passa a ser uma consequência.

Acredite. Seu nome também pode estar entre os próximos aprovados.

VEM PRA UFMG!

Colaboradores

Coordenadores / Representantes da cartilha

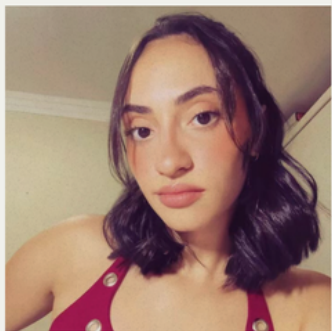


Sarah Gomes
[@sarahggomes_](https://www.instagram.com/sarahggomes_)



José S. Ângelo
[@ojosesilvaangelo](https://www.instagram.com/ojosesilvaangelo)

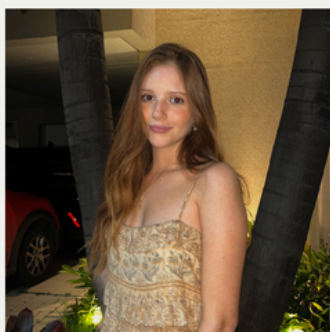
Equipe Colaboradora



Luiza Lima
[@luizalimarr](https://www.instagram.com/luizalimarr)



Pedro Bié
[@pedrbie](https://www.instagram.com/pedrbie)



Júlia Guerra
[@j.guerraa](https://www.instagram.com/j.guerraa)

UFMG

e

A Faculdade De Medicina

A FACULDADE DE MEDICINA



Fundada em 1911 pela Sociedade Médico-Cirúrgica de Minas Gerais, a Faculdade de Medicina da UFMG teve como um de seus principais idealizadores o professor Alfredo Balena, figura central na consolidação da instituição. Em homenagem a ele, a avenida onde a faculdade está localizada recebeu o nome de Avenida Alfredo Balena.

A unidade está situada no Campus Saúde, no centro de Belo Horizonte, região estratégica que reúne importantes centros de ensino, pesquisa e atendimento em saúde.



Nos últimos anos, a Faculdade de Medicina viveu uma melhora expressiva na titulação docente e uma conseqüente expansão do número de projetos de pesquisa e de publicações, sempre conjugados com a formação teórica e prática dos estudantes. Um movimento que se traduz em resultados concretos, visíveis nas notícias e nos reconhecimentos recentes da Universidade a seguir

UFMG E A MEDICINA

UFMG tem o curso de Medicina mais bem avaliado do país entre as federais, segundo o RUF.

10 NOV 2025

O curso de Medicina da UFMG é o mais bem avaliado entre as universidades federais do Brasil, segundo o Ranking Universitário Folha (RUF) 2025. Foram avaliadas 204 universidades brasileiras, públicas e privadas. Na categoria Ranking de Cursos, a Medicina da UFMG ficou atrás apenas de três estaduais de São Paulo: USP, Unicamp e Unesp.



UFMG é a melhor federal do Brasil, segundo nova edição do ranking de Xangai

22 AGO 2025

A UFMG é a melhor instituição federal de ensino superior do Brasil ao lado da UFRJ. As duas instituições dividem o quarto lugar geral, entre as universidades brasileiras, no Academic Ranking of World Universities (ARWU) 2025. O resultado da UFMG no ARWU soma-se ao bom desempenho obtido no ranking de impacto universitário em sustentabilidade da Times Higher Education (THE) e no QS World University Rankings 2026, divulgados em junho

UFMG sobe três posições e está entre as 10 melhores universidades da América Latina

A UFMG é a 10ª melhor universidade da América Latina segundo o mais recente ranking divulgado pela Times Higher Education (THE). A Universidade subiu três posições em comparação ao levantamento divulgado em 2024. Na nova classificação, a UFMG aparece como a sexta melhor do país e a terceira melhor federal.

UFMG sobe 76 posições no ranking global da QS

A UFMG avançou 76 posições no QS World University Rankings 2026 e entrou pela primeira vez no grupo das 600 melhores universidades do mundo. Com esse salto, a Universidade se posiciona agora entre as 40% mais bem avaliadas globalmente um feito ainda mais significativo diante do cenário de retração das instituições latino-americanas na mesma edição do ranking.

Percurso Acadêmico

O PERCURSO ACADÊMICO

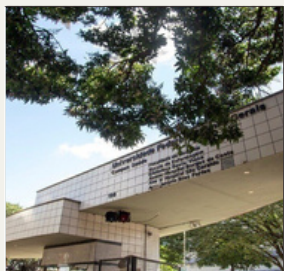
Na Medicina da UFMG, o nosso caminho ao longo do curso vai mudando aos poucos e isso faz parte da formação. Nos primeiros períodos, a gente vive o chamado ciclo básico, que acontece em dois campi diferentes: Campus Pampulha e Campus Saúde (Região central de Belo Horizonte).



Campus Pampulha



**Instituto de Ciência Biológicas
(ICB)**



Campus Saúde

No ciclo básico, as aulas acontecem no Campus Pampulha, onde nós temos contato com as bases da ciência que sustentam a medicina, por exemplo, Bioquímica, Histologia (insuportável!), Fisiologia dos Sistemas, Neuroanatomia, Farmacologia Médica, entre outros. E as aulas são ministradas em dois prédios diferentes: o ICB e o CAD1.



**Centro de Atividade Didáticas 1
(CAD1)**

A outra parte das aulas ocorrem no Campus Saúde, como Anatomia (terror do calouro), Pediatria e outros. Importante ressaltar que, apenas no 3º período as matérias obrigatórias acontecem integralmente no Campus Pampulha.

A partir do 5º ao 8º (ciclo clínico) e no internato, nossa rotina passa a acontecer inteiramente no Campus Saúde. É quando começamos a nos aprofundar mais da clínica, a entender o e a nos aproximar, de fato, da prática médica e a vivência no HC-UFMG

O PERCURSO ACADÊMICO

(ESPECIFICAMENTE O CICLO BÁSICO)

Nesse começo (1º ao 4º), é muito comum surgir a sensação de parecer que estamos mais estudando para ser cientistas do que médicos. As disciplinas têm um foco forte em biologia, bioquímica, fisiologia e estrutura, e exigem bastante da nossa capacidade de entender processos, mecanismos e detalhes (em outras palavras, é puxado e você vai se sentir um verdadeiro acéfalo muitas das vezes, mas calma que é um evento canônico na vida do mediciner). E isso dá aquela impressão de estar longe da prática médica que a gente idealiza quando passa no vestibular.

Mas é um sentimento normal e comum e vai passar conforme o curso caminha!! Esse ciclo é extremamente importante e não à toa se chama básico, ele forma nossa base pros períodos que vêm e nos ajudam no raciocínio clínico e nas práticas. Aproveitem esse ciclo, é caótico, é inesquecível e muito bom!

HOSPITAL DAS CLÍNICAS: HC-UFMG

O complexo hospitalar da nossa universidade, HC-UFMG, realiza, em média, 30 mil consultas ambulatoriais por mês, 2.100 consultas de emergência, 4.500 cirurgias ambulatoriais e 160 mil exames ambulatoriais.

O HC-UFMG é formado por um prédio principal: o Hospital São Vicente de Paulo e sete anexos para atendimento ambulatorial:

1. Ambulatório Bias Fortes (Policlinicas)
2. Anexo de Dermatologia Osvaldo Costa
3. Ambulatório São Vicente (Pediatria)
4. Hospital Borges da Costa
5. Hospital São Geraldo (oftalmologia e otorrinolaringologia)
6. Instituto Jenny de Andrade Faria (Atenção à Saúde do Idoso e da Mulher)
7. Anexo Maria Guimarães (Moradia dos Médicos Residentes).



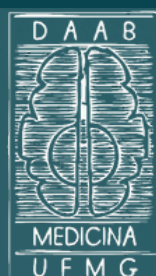
HC - UFMG

Principais Entidades



DIRETÓRIO ACADÊMICO

ALFREDO BALENA



O Diretório Acadêmico Alfredo Balena (DAAB) é a entidade que representa os estudantes da Faculdade de Medicina da UFMG, com sede no Campus Saúde.

As funções do DAAB estão a de ocupar as cadeiras nas câmaras deliberativas departamentais e defender os interesses dos alunos; prezar pela manutenção da universidade pública, gratuita, de qualidade, inclusiva e alinhada ao SUS; acolher e dar prosseguimento nas queixas e problemas de estudantes com a faculdade; realizar eventos culturais e campanhas educativas; receber bem os novos alunos da faculdade; organizar eventos para orientar os alunos sobre os processos seletivos de residências e as diversas especializações; manter a sede física funcional para descanso e confraternizações, etc.

O DAAB é responsável pela organização dos dois eventos semestrais mais emblemáticos: a Semana de Recepção e a Vinhada.

O DAAB é dividido em coordenações, sendo elas:



CULTURAL



EVENTOS



RDOCS



ENSINO MÉDICO



INFRAESTRUTURA



MOVIMENTO
ESTUDANTIL



COMUNICAÇÃO



SAÚDE MENTAL



RELAÇÕES
INTERNACIONAIS



EXECUTIVA



PROMOÇÃO
INSTITUCIONAL



PRODUTOS

Dentro das coordenações, há os(as) Coordenadores(as), que são as pessoas que construíram ativamente a chapa eleita e tem a responsabilidade de guiar as diretorias, e a **Rede de Ajuda**, que são as pessoas que entram posteriormente para ajudar a construir os projetos e o DAAB.

GRUPOS ESTUDANTIS DA FM/UFMG

CMD

CONCLAVE MÉDICO DESPORTIVO E CULTURAL



 @conclaveufmg

Oficializado em 1996, o CMD surge do espírito de garra demonstrado desde 1994, quando alunos da Medicina UFMG competiram na Intermed mesmo em desvantagem. A organização a partir de 1996 consolidou a tradição de ser a Maior de Minas, com 24 títulos da Intermed Minas e vice-campeonato da CIA 2023. Hoje, o CMD organiza a delegação esportiva, o Intramed e projetos sociais da Medicina UFMG.

COLAR

COLETIVO LGBT+ DE ACOLHIMENTO E RESISTÊNCIA DO CAMPUS SAÚDE



 @colarufmg

O COLAR é um espaço seguro e acolhedor para a comunidade LGBT+, onde cada pessoa é respeitada em sua individualidade e onde fortalecemos o plural. Nossa forma de resistência passa pela ocupação dos espaços que nos pertencem e pela circulação de informação verdadeira, como caminho de educação e enfrentamento da intolerância.

GENI

GRUPO DE ESTUDOS DE NEGRITUDE E INTERSECCIONALIDADES



 @geni.ufmg

O GENI se propõe como um espaço de inclusão e acolhimento do corpo discente negro do Campus Saúde, fortalecendo redes de apoio, cuidado e pertencimento na experiência universitária.

DIRETUCADA

BANDA UNIVERSITÁRIA DA UFMG



 @diretucada

Fundada em 1999 por estudantes da Medicina UFMG, a Diretucada nasceu da batucada entre amigos. Daí surgiu o Praia Med, hoje o maior encontro universitário de Medicina do Brasil. Após a pandemia, a banda retomou suas atividades em 2022 e segue como um espaço aberto, diverso e acolhedor, presente em eventos como Intermed, Carnaval e festas da Medicina UFMG.

GRUPOS ESTUDANTIS DA FM/UFMG



@psicoseufmg

PSICOSE

BATERIA DA MEDICINA UFMG

A PsicoSe é a bateria da Medicina UFMG desde 1997 e a maior campeã da InterMed, com 8 títulos e um tricampeonato seguido. Entre ensaios, oficinas e botecos, a gente faz música, amizade e história. passou pela Maior de Minas? Então vem pra PsicoSe!



@ageralratorcida

A GERAL

A GERAL RATORCIDA

A Geral Ratorcida nasceu em 2018, durante a Intermed, quando percebemos falta de integração e de uma torcida que representasse a Medicina UFMG. Na virada histórica do futsal feminino contra a UFJF, surgiu o sentimento de coletividade que nos move até hoje: agitar as arquibancadas da Maior de Minas e fortalecer o pertencimento à FM/UFMG.



@showmedicinaufmg

SHOW MEDICINA

GRUPO TEATRAL DA UFMG

Criado em 1954 por estudantes da Medicina UFMG, o Show Medicina é uma das mais tradicionais expressões culturais de Belo Horizonte. Após ser interrompido pela ditadura nos anos 1970, foi retomado em 1986 e segue até hoje, com produções estudantis, teatros lotados e o mesmo espírito criativo de sua origem.

Ligas Acadêmicas

LIGAS ACADÊMICAS NA UFMG

As Ligas Acadêmicas são grupos formados por estudantes, orientados por docentes e, muitas vezes, apoiados por profissionais da área, que se organizam a partir dos princípios do tripé universitário:

Ensino;
Pesquisa;
Extensão.

O objetivo é ter a oportunidade de aprofundar conhecimentos em um campo específico do seu interesse ou qualquer outra área temática, se envolver em atividades de estudo, projetos de extensão e ações voltadas para a comunidade, sempre sob orientação de professores especializados, promovendo tanto o desenvolvimento científico quanto a vivência prática de quem participa, sendo assim, uma imprescindível atividade para complementar a formação médica !!

E essas são elas:



LIGA ACADÊMICA DE
ANATOMIA CLÍNICA E CIRÚRGICA



LIGA ACADÊMICA DE
ANATOMIA PATOLÓGICA



LIGA ACADÊMICA DE
BIOÉTICA DA UFMG

LIGAS ACADÊMICAS NA UFMG



LIGA ACADÊMICA DE
IMUNOLOGIA MÉDICA DA UFMG



LIGA ACADÊMICA DE
MEDICINA DA FAMÍLIA E COMUNIDADE



LIGA ACADÊMICA DE
NEONATOLOGIA E
ALEITAMENTO MATERNO



LIGA ACADÊMICA DE
OFTALMOLOGIA E
OTORRINOLARINGOLOGIA



LIGA ACADÊMICA DE
ANESTESIOLOGIA DA UFMG



LIGA ACADÊMICA DE
NEUROPSIQUIATRIA NO ADULTO
DA UFMG



LIGA ACADÊMICA DE
PSICOPATOLOGIA E
PSICANÁLISE APLICADA



LIGA ACADÊMICA DE
PEDIATRIA DA UFMG



LIGA ACADÊMICA DE
PRÁTICAS INTEGRATIVAS E
INTERDISCIPLINARES NA SAÚDE



LIGA ACADÊMICA DE
SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA



LIGA ACADÊMICA DE
SEXOLOGIA



LIGA ACADÊMICA DE
MEDICINA DO ESTILO DE VIDA

LIGAS ACADÊMICAS NA UFMG



LIGA ACADÊMICA DE
HUMANIDADES MÉDICAS



LIGA ACADÊMICA DE
GERIATRIA E
GERONTOLOGIA DA UFMG



LIGA ACADÊMICA DE
GESTÃO E INOVAÇÃO EM SAÚDE



LIGA ACADÊMICA DE
DIABETES



LIGA ACADÊMICA DE
CLÍNICA MÉDICA DA UFMG



LIGA ACADÊMICA DE
CIRURGIA PLÁSTICA DA UFMG



LIGA ACADÊMICA DE
MEDICINA E PSICOFARMACOLOGIA



LIGA ACADÊMICA DE
DOENÇAS CONGÊNITAS E
GENÉTICAS



LIGA ACADÊMICA DE
DOENÇAS, INFECÇÕES E
PARASITÁRIAS DA UFMG



LIGA ACADÊMICA DE
FERIDAS DA UFMG



LIGA ACADÊMICA DE
ENDOCRINOLOGIA E
METABOLISMO



LIGA ACADÊMICA DE
GENÉTICA MÉDICA

LIGAS ACADÊMICAS NA UFMG



LIGA ACADÊMICA DE
CIRURGIA CARDIOTORÁCICA
DA UFMG



LIGA ACADÊMICA DE
SIMULAÇÃO EM SAÚDE



LIGA ACADÊMICA DO
TRAUMA DE MINAS GERAIS



LIGA ACADÊMICA DE
SAÚDE COLETIVA



LIGA ACADÊMICA DE
MULHERES NA CIRURGIA



LIGA ACADÊMICA DE
PESQUISA CIENTÍFICA



LIGA ACADÊMICA DE
NEUROANATOMIA, NEUROLOGIA



LIGA ACADÊMICA DE
REUMATOLOGIA DA UFMG



LIGA ACADÊMICA DE
NEFROLOGIA DA UFMG



LIGA ACADÊMICA DE
DIAGNÓSTICO POR IMAGEM

Assistência Estudantil

Sabemos que, para alguns, passar na federal foi apenas o primeiro passo e apesar da mensalidade ser zero, os custos de vida em BH não são baixos. E, para garantir que todos possamos permanecer em nossos percursos acadêmicos, as políticas de permanência estudantil são mais que necessárias e um ponto muito importante a se considerar ao escolher sua futura faculdade. A notícia boa é que a UFMG possui tais políticas e elas são ofertadas pela Fundação Universitária Mendes Pimentel (FUMP)

COMO TER ACESSO E QUAIS SÃO OS BENEFÍCIOS

Para ter acesso a certos benefícios e concorrer a outros, a FUMP subdivide os assistidos em um sistema de nivelção que define a prioridade e o conjunto de benefícios - níveis I, II ou III. Sendo nível 1, o mais socioeconomicamente vulnerável. E para isso, é preciso passar por um processo de 4 etapas que são:

1. Preenchimento do Questionário Socioeconômico (dados do seu grupo familiar)
2. Análise Documental (comprovação de renda)
3. Entrevista com Assistente Social (eles dirão data, local e hora)
4. Por fim, posicionamento em um Nível (I, II ou III)

Validade da nivelção: 2 anos (com renovação) | Direito a pedido de atualização: A qualquer mudança na situação familiar.

Dentre os principais benefícios estão:

AUXÍLIOS FINANCEIROS

Auxílio para necessidade básicas

- Moradia
- Manutenção
- Material Acadêmico
- Transporte

Auxílio para Situações Específicas

- Auxílio a Estudante com filho
- Moradia Maternidade
- Auxílio Óculos
- Inclusão Digital Tecnologia Assistiva

Auxílio para Públicos Específicos

- Auxílio permanência para Estudantes Indígenas e Quilombolas

MORADIA UNIVERSITÁRIA

Moradias Universitárias Tradicionais: administradas pela FUMP.

(Nota: As vagas nas moradias são limitadas e abertas por processo seletivo a cada semestre.)

Casas Indígenas:

Para estudantes indígenas aldeados de todo Brasil.

Três casas culturalmente adaptadas: Cerrado, Amazônia, Caatinga.



SERVIÇOS DE SAÚDE

São oferecidos gratuitamente três tipos de cuidados à saúde:

- **Atendimento Médico**

Urgência: atendimento inicial na FUMP

Emergência: dirigir-se ao SUS

- **Atendimento Odontológico** (vagas limitadas por semestre)

Parceria com a Faculdade de Odontologia (FAO)

- **Atendimento Psicológico**



ALIMENTAÇÃO NA UFMG

Três RUs: 2 no Campus Pampulha e 1 no Campus Saúde

Café da Manhã Gratuito: Para estudantes dos níveis I, II e III.

RU com Desconto para o Nível I: gratuito; Nível II e III: R\$ 1,00

Entrega de Marmitas / Marmitex:

- Para moradores: entrega nas Moradias via App da FUMP
 - Para Pessoas com Transtorno do Espectro Autista:
Opção de retirada para maior conforto

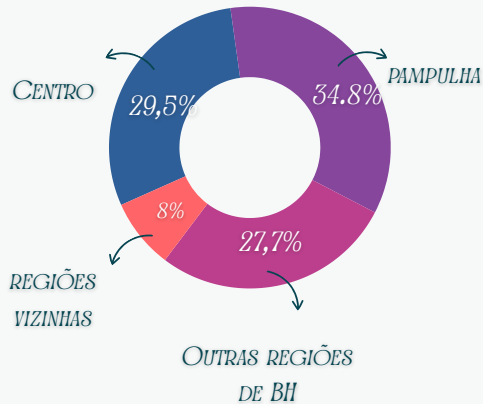


Para saber mais acesse: fump.ufmg.br/programas/

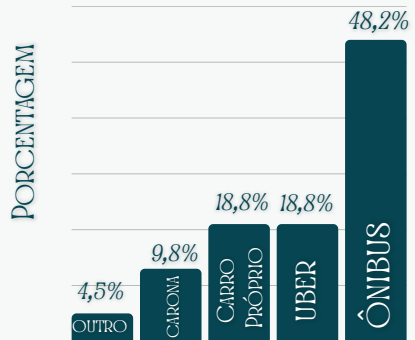
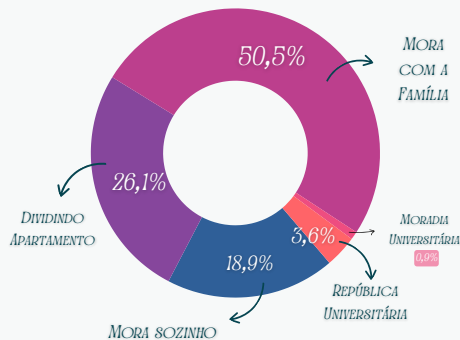
*Como é viver em
Minas Gerais*

MORANDO EM BH

A galera está espalhada por diferentes regiões de Belo Horizonte e também por áreas vizinhas. A Pampulha aparece bastante, assim como o Centro, mas não existe um lugar “certo” para morar, tudo depende principalmente do que funciona melhor para a realidade de cada pessoa, seja pelo custo, pelo transporte ou pela proximidade com a faculdade.



Na 169, muita gente já morava em BH ou tem família na cidade, por isso viver com parentes ainda é a realidade mais comum. Mesmo assim, muitos moram sozinhos, dividem apartamentos com amigos ou vão para repúblicas, principalmente quem vem de fora.



Como no curso de Medicina as aulas do ciclo básico acontecem em dois campi diferentes, alguns estudantes preferem começar morando na Pampulha e, mais pra frente, se mudar para regiões mais centrais. Mas isso não é regra, muita gente passa pelo curso inteiro sem precisar mudar.

*Bancas de
Heteroidentificação
e Validação PCP*

A BANCA DE HETEROIDENTIFICAÇÃO

Desde 2018, a UFMG adota a banca de heteroidentificação como uma etapa obrigatória no processo de matrícula de candidatos aprovados pelo sistema de cotas raciais (pretos e pardos). A banca é uma comissão composta por pessoas previamente capacitadas para analisar, com base em critérios fenotípicos, se o candidato se enquadra na autodeclaração como pessoa negra (preta ou parda).

A comissão vai identificar no candidato o conjunto de características fenotípicas étnico-raciais, ou seja, as suas características físicas que são lidas socialmente como negras ou pardas.

É importante ressaltar que a banca **não** investiga ascendência familiar, como a cor ou raça dos seus pais ou avós. nem solicita documentos, nem entrevista os candidatos sobre identidade ou vivência.

O critério é exclusivamente fenotípico e visual, como orientado por decisões do STF e pelo Ministério da Educação.

Sendo assim, a avaliação será realizada e orientada exclusivamente com base nas características fenotípicas do próprio candidato, considerando a forma como essas características são lidas socialmente em conjunto com sua autodeclaração racial no CONTEXTO DAS RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL.

RECURSO: Caso a banca não reconheça a autodeclaração do candidato, ele poderá apresentar um que será avaliado por uma nova comissão. O objetivo não é constranger, mas proteger o acesso à universidade pública por pessoas que, historicamente, foram privadas desse direito.

A UFMG disponibiliza previamente o edital com todas as informações sobre datas, documentos e orientações para o comparecimento.

Além disso, os resultados das bancas são divulgados com prazos definidos para recursos, garantindo transparência e direito à defesa!!

E COMO É A EXPERIÊNCIA NA PRÁTICA?

Reunimos alguns depoimentos de alguns integrantes da nossa turma pra explicar e relatar como foi passar pela banca.

A BANCA DE HETEROIDENTIFICAÇÃO

ANA LAURA

”

“Oi gente, meu nome é Ana Laura e eu passei pela banca de heteroidentificacao da UFMG. Sou uma pessoa negra de pele clara e, por isso, fiquei com muitooo receio de passar pela banca e não ser aceita, porque eu me sentia branca demais pra ser negra e negra demais pra ser branca kkkkkkkkkkkkkk.

Se você é uma pessoa parda que está pensando em participar da banca, saiba que nao é apenas seu tom de pele que vai contar, assim como não foi a única coisa que contou no meu caso. A banca é super tranquila, o pessoal é bem respeitoso e consciente. Nós fomos recebidos e avaliados por pessoas de diferentes tons de pele que explicam como funciona o processo de cotas da UFMG e quais são os critérios usados na heteroidentificação, mas, basicamente, o foco é avaliar se você seria visto como uma pessoa negra e passível de racismo perante à sociedade. Antes da entrevista eles tiram fotos dos nossos rostos e depois entramos numa sala e lemos um termo nos autodeclarando como parte da cota. Isso acontece em frente a 5 pessoas, nas quais, no mínimo 3 têm que concordar com a nossa autodeclaração. Depois da minha entrevista, fiquei com muuuito medo de dar errado, mas acabou que deu tudo certo. Não tentem fraudar pelo amor de deus, né!!”

”

MAR BARBOSA

“Oi!! Meu nome é Mar e eu passei pela banca de heteroidentificação da UFMG. Já passei por outras bancas e entendo um pouco o sentimento: acho que todo mundo sempre se sente inseguro sobre sua cor, características e identidade antes da banca, sabe? Muito comum se olhar no espelho e pensar "Nossa, será se eu não sou branco?" e ficar doidinho com isso. Mas calma!! A banca da UFMG é muito tranquila e justa. É composta por duas fases, uma no registro (onde você escreve brevemente um textinho dizendo porque se declara como negro) e a entrevista de fato, pessoalmente (onde te apresentam a origem da banca, registram uma foto sua e pedem pra você se declarar como você se identifica pros entrevistadores). A banca foi MUITO de boa! Fiquei ansiosa mas passa bem rapidinho. Você apenas se declara e espera o resultado em casa. Caso alguma injustiça ocorra, você pode recorrer e passar por uma nova banca, todos tem direito a ela e vi muitas pessoas passarem com o recurso. Esse período é muito complicado em questão de ansiedade, mas fiquem tranquilos que passa e vai dar tudo certo! Logo espero ver vocês na maior de Minas (e do Brasil)!”

A BANCA DE HETEROIDENTIFICAÇÃO

”

ISABELLY

“Olá, futuros calouros! Espero que estejam bem. Meu nome é Isabelly e venho aqui para conversar com aqueles que concorrem nas modalidades LI_PPI e LB_PPI, e que, por essa razão, terão de passar pelo processo de heteroidentificação. Vou compartilhar com vocês a minha experiência pessoal e espero que isso ajude a tranquilizar o coração de quem está ansioso. Esse não foi o meu primeiro contato com uma banca de heteroidentificação. Em 2022, ingressei no curso de engenharia química da EEL-USP pela mesma modalidade e fui aprovada sem problemas no processo. Então, na edição do Sisu 2025, também concorri pelo mesmo sistema, mas, desta vez, para o curso de medicina. Confesso que toda essa questão sempre me causou certa ansiedade. O medo de não ser “parda o suficiente” aos olhos dos examinadores me deixava aflita. Acredito que, de certa forma, quando concorremos em uma modalidade que depende de uma análise adicional - seja de renda, heteroidentificação ou validação da condição de PCD - nunca nos sentimos de fato aprovados até que saia o comprovante de matrícula. O processo em si é bem simples e super rápido. Todos foram muito respeitosos e me orientaram bem. Assim que terminou, fui informada de que o resultado sairia em alguns dias e, cerca de uma semana depois, recebi em meu e-mail que havia sido indeferida. Fiquei arrasada, só sabia chorar. Pela movimentação no grupo de whatsapp dos calouros, houve também algumas outras pessoas que, assim como eu, também passaram por bancas de outras universidades e foram aprovadas, mas que, dessa vez, haviam sido indeferidas. Felizmente, o edital permite que os candidatos indeferidos solicitem uma segunda banca e assim eu fiz. Segui as orientações do edital, protocolei e enviei o recurso, e recebi as informações de quando seria a segunda avaliação. Em relação ao recurso, o processo é exatamente o mesmo; a única diferença é que as pessoas que compõem a segunda banca são diferentes da primeira. Novamente, foram todos muito respeitosos e educados. Ao final, informaram sobre a possível data para o resultado e pude voltar para casa. Para a minha felicidade e alívio, ocorreu tudo bem! Fui deferida na segunda avaliação e pude finalmente ter a matrícula concluída. Então, o que quero dizer é: fiquem tranquilos. Mesmo que, assim como eu, você seja inicialmente indeferido, sempre existe a possibilidade de solicitar o recurso e passar por uma nova banca. Confie no processo, sigam as orientações do edital e não desistam. Vai dar certo! Espero encontrar vocês em breve na maior de Minas! Vem pra UFMG!!”

A BANCA DE HETEROIDENTIFICAÇÃO

JOSÉ S. ÂNGELO

— ” —

Eu passei pela cota LB_PPI, então precisei passar tanto pela banca de heteroidentificação quanto pela avaliação de renda. E pelas experiências que eu tive, as duas foram bem tranquilas.

A parte mais caótica foi a heteroidentificação, mas não pela banca em si, e sim porque eu acabei sendo antecipado. Eu achava que entraria no segundo semestre e, de repente, meu nome saiu na lista do primeiro (uma dica: sempre olhem a lista de antecipação e de espera, não percam uma vaga à tia !!). Uma semana depois já tinha data, horário e local marcados, então eu e minha mãe tivemos que organizar tudo correndo para viajar do Rio de Janeiro para Minas Gerais.

Cheguei ao campus Pampulha bem cedo (recomendo, porque é enorme e meio confuso), esperei uns 10 minutos e fui chamado. O processo foi rapidíssimo: li meu nome, declarei que não estava fraudando e pronto, giquei lá na sala menos de um minuto. A banca foi super tranquila e não houve nenhuma dúvida quanto à minha autodeclaração. Como nossa volta era só à noite, aproveitamos o dia para conhecer BH e o campus, o que acabou sendo bem legal. ❤️

Já a avaliação de renda é toda online e, para mim, também foi de boa. Mesmo quem entra no segundo semestre precisa enviar os documentos junto com os demais candidatos, então é importante ficar atento. Minha principal dica é: separe toda a documentação com muita antecedência, porque reunir documento é sempre um estresse. No site da UFMG tem a lista completa dos documentos exigidos!! O resultado não demorou muito e, em caso de indeferimento, você tem direito a entrar com recurso!

A BANCA DE HETEROIDENTIFICAÇÃO

PEDRO BIÉ

”

“Quando passei para Medicina na UFMG, tinha sido chamado para o segundo semestre. Isso me deixou bem agoniado, principalmente porque a validação das cotas só aconteceria em julho e eu tinha muito medo de algo dar errado. Por causa dessa insegurança, também participei do ProUni no início do ano e acabei passando em Medicina nas Ciências Médicas com bolsa de 100%. Cheguei até a começar as aulas lá, mas logo depois a UFMG me antecipou do segundo para o primeiro semestre, e aí comecei todo o processo de validação das cotas raciais e de renda.

A validação racial foi bem tranquila. Precisei ir até o campus Pampulha, que é longe do centro, então vale a pena se organizar com antecedência. Levei minha prima comigo porque eu estava nervoso, e acho importante ir com alguém de confiança. Quando você chega, eles mostram um vídeo sobre a importância das políticas de cotas e depois você entra em uma sala separada para ler e assinar um texto de autodeclaração. Em cerca de uma semana o resultado saiu, sem nenhum problema.

Já a parte da renda é mais burocrática, então me preparei mais. Antes de tudo, fui ao CRAS e fiz meu cadastro único. A UFMG aceita tanto o envio dos documentos quanto o CadÚnico, e usar o cadastro facilitou muito porque ele já mostra a renda per capita. Quando a universidade me pediu os comprovantes, eu já estava com tudo organizado e mandei. Não precisaram solicitar nada extra, mas é importante saber que, se faltar algum documento ou se alguma foto ficar ruim, eles entram em contato pedindo a complementação. Você não perde a vaga por falta de documento (só perde se realmente não estiver dentro dos critérios).

No fim, deu tudo certo. O processo foi mais tranquilo do que eu imaginava e fui muito bem acolhido pela UFMG. Depois que você entra, ninguém fica perguntando se veio por cota ou ampla concorrência. Todo mundo ali está vivendo o mesmo sonho e a comunidade da UFMG é muito querida.”

A BANCA DE VALIDAÇÃO E VERIFICAÇÃO PCD

A Banca de Verificação e Validação da condição de Pessoa com Deficiência (PCD) é um procedimento obrigatório adotado pela UFMG para assegurar a correta aplicação da política de cotas destinada a pessoas com deficiência, conforme a legislação vigente. A banca ocorre após a convocação para matrícula e é uma etapa indispensável para a confirmação e manutenção da vaga no curso.

O objetivo da banca é verificar se a condição de deficiência declarada pelo candidato está de acordo com os critérios legais e se ela configura, de fato, impedimentos ou limitações que caracterizam a pessoa como PCD nos termos da Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015), da Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012) e da Lei nº 13.409/2016.

Na UFMG, a banca é composta por uma **equipe multiprofissional e interdisciplinar**, formada por profissionais das áreas da saúde e das ciências humanas. A avaliação é realizada de forma presencial e individual, e o comparecimento do candidato no dia e horário agendados é obrigatório. Em caso de ausência injustificada ou documentação incompleta, o candidato pode ter a validação da condição de PCD indeferida, resultando na perda da vaga.

ANÁLISE BIOPSISSOCIAL:

A análise biopsicossocial é o modelo de avaliação adotado para a verificação da condição de pessoa com deficiência. Esse modelo parte do entendimento de que a deficiência não se resume apenas ao diagnóstico médico (modelo biomédico), mas resulta da interação entre condições de saúde, limitações funcionais, fatores ambientais e sociais.

DOCUMENTOS NECESSÁRIOS:

O documento essencial e obrigatório para a banca de verificação é o relatório médico.

Esse relatório deve:

- Conter a descrição clara da deficiência, nos termos legais;
- Apresentar o código correspondente da Classificação Internacional de Doenças (CID);
- Indicar, sempre que possível, a provável causa da deficiência e as limitações funcionais decorrentes dela;
- Estar legível, com assinatura, carimbo e registro profissional (CRM) do médico responsável.

Outros documentos, como avaliações neuropsicológicas, laudos complementares, exames ou pareceres multiprofissionais, não são obrigatórios, mas podem ser apresentados como documentação complementar, caso o candidato considere pertinente. A banca também pode, a seu critério, solicitar documentos ou exames adicionais durante o processo de avaliação.

RECURSO:

O recurso administrativo é o instrumento legal que permite ao candidato contestar decisões administrativas com as quais não concorda, como o indeferimento da validação da condição de Pessoa com Deficiência (PCD) pela Banca de Verificação e Validação da UFMG. Esse mecanismo garante o direito ao contraditório e à ampla defesa, possibilitando a revisão de decisões que possam ter sido influenciadas por erros, falhas de interpretação ou avaliações inadequadas.

O recurso pode ser interposto após a divulgação do resultado da banca, exclusivamente nos casos de indeferimento da condição de PCD. Os prazos e procedimentos são definidos no Edital SISU/UFMG vigente e divulgados no cronograma oficial, sendo o prazo geralmente curto, em torno de até cinco dias úteis a partir da publicação do resultado. A perda desse prazo impede a revisão da decisão, tornando essencial o acompanhamento atento das comunicações oficiais da universidade.

Na elaboração do recurso, o candidato deve apresentar documentos e argumentos que comprovem sua condição de pessoa com deficiência, como relatórios médicos detalhados, laudos e exames complementares, pareceres técnicos multiprofissionais e documentos legais que fundamentem o enquadramento da condição. O texto deve ser claro, objetivo, respeitoso e bem fundamentado, sem necessidade de linguagem jurídica complexa, mas embasado na legislação vigente, especialmente na Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015), na Lei nº 12.711/2012 e na Lei nº 13.409/2016, além dos decretos regulamentadores.

Após a submissão, o recurso será analisado pela instância administrativa competente da UFMG, dentro de prazo variável, geralmente de alguns dias úteis. O resultado poderá manter o indeferimento ou revertê-lo, validando a condição de PCD e garantindo a permanência do candidato na vaga. Durante esse período, é fundamental acompanhar os canais oficiais da universidade.

Ressalta-se que o indeferimento na banca não significa, necessariamente, inexistência de deficiência, podendo decorrer de falhas no processo avaliativo, na documentação apresentada ou na aplicação dos critérios legais. O recurso administrativo é um direito do candidato e uma ferramenta legítima para buscar a revisão da decisão, devendo ser utilizado com organização, fundamentação adequada e clareza na exposição da própria condição.

E COMO É A EXPERIÊNCIA NA PRÁTICA?

JÚLIA GUERRA

”

Olá, calouros! Meu nome é Júlia, sou aluna da MED 169 e PCD. Sou uma pessoa com deficiência auditiva, sou surda unilateral total, gostaria de compartilhar um pouco da minha experiência com vocês!

A experiência da banca de verificação para PCD é muito pessoal, afinal as perguntas não são prontas e os avaliadores não são sempre os mesmos.

Geralmente as perguntas envolvem suas dificuldades específicas, se precisou de alguma adaptação durante a vida e se vai precisar na faculdade.

No meu caso foi um momento muito difícil e traumático, as perguntas pareciam não fazer muito sentido com minha deficiência e meu nervosismo não me deixou desenvolver bem as respostas. No fim recebi o resultado como indeferida, chorei muito e me senti injustiçada.

Porém, é importante que você insista na sua vaga e não desista assim como eu fiz! Vá atrás do recurso administrativo e de medidas legais se atentando ao edital e as leis.

Desempenhos

TABELA DE DESEMPENHOS

80 vagas de ampla concorrência para o 1º período

Classificação	Acertos	Acertos LC	Nota LC	Acertos CH	Nota CH	Acertos CN	Nota CN	Acertos MT	Nota MT	Redação	Média
1º	-	-	680,6	-	795,0	-	867,2	-	961,9	960	852,94
2º	-	-	740,5	-	734,1	-	867,2	-	941,7	940	844,7
3º	-	-	740,5	-	810,4	-	766,9	-	935,6	960	844,46
4º	169	-	742,6	-	757,0	-	824,4	-	945,1	920	837,82
5º	171	43	742,2	43	796,9	41	776,6	44	950,9	920	837,32
6º	172	38	637,6	45	819,7	45	867,2	44	941,7	920	837,24
7º	-	-	717,4	-	788,1	-	795,5	45	961,9	920	836,58
8º	-	-	703,6	-	765,7	-	867,2	-	945,1	900	836,32
9º	-	-	671,2	-	789,9	-	816,2	45	961,9	940	835,84
10º	-	-	726,4	-	741	-	836,8	-	935	940	835,84
11º	-	-	745,9	-	723	-	785,5	45	961,9	960	835,26
12º	-	-	738,2	-	819,7	-	853,9	-	834,4	920	833,24
13º	166	42	744,5	42	784,8	39	758,2	43	918,3	960	833,16
14º	170	41	678,8	43	769,3	42	823,1	44	951,8	940	832,6
15º	-	-	752	-	755,7	-	810,2	-	916,7	920	830,92
16º	-	-	668,1	-	736,9	-	807,7	45	961,9	980	830,92
17º	172	41	715,7	44	736,3	44	867,2	43	914	920	830,64
18º	169	42	717,4	43	787,9	39	764,5	45	961,9	920	830,34
19º	172	44	774,7	44	792,8	41	778,1	43	904,9	900	830,1
20º	-	-	713,2	-	763,7	-	811,2	-	961,9	900	830
21º	166	-	711,5	-	726	-	790,7	-	941,4	980	829,92
22º	-	-	730,1	-	700,7	-	823,1	-	948,8	940	828,54
23	166	39	691,8	42	783,4	40	784,6	45	961,9	920	828,34
24º	169	-	666,7	-	756,6	-	813,9	45	961,9	940	827,82
25º	169	39	674	44	817,4	42	791,1	44	934	920	827,3
26º	-	-	694,9	-	785,7	-	851,4	-	903	900	827
27º	170	-	691,3	-	787,6	-	793,3	45	961,9	900	826,82
28º	-	-	699,2	-	792,2	-	750,1	-	931,8	960	826,66
29º	-	-	704,6	-	810,4	-	741,1	-	937,1	940	826,64
30	169	39	674	44	817,4	42	791,1	44	934	920	826,54
31	-	-	696,7	-	777,2	-	798,7	-	937,1	920	825,94
32	168	41	705,6	41	732,9	42	818	44	951,8	920	825,66
33	-	-	654,2	-	797,6	-	787,6	-	948,8	940	825,64
34	168	39	673,5	44	817,4	44	835,7	41	901,3	900	825,58
35	164	42	711,9	43	808,2	37	737	42	909,2	960	825,26
36	-	-	704,7	-	737,6	-	778	-	945,9	960	825,24
37	-	-	664,1	-	808,2	-	823,1	-	889,9	940	825,06
38	165	41	720,06	43	767,6	38	750	43	925,2	960	824,68
39	-	-	721,2	-	792,2	-	747,7	-	961,9	900	824,6
40	-	-	750	-	787,1	-	730,5	-	894,4	960	824,4

Classificação											
41	-	-	729.7	-	783.8	-	755.3	-	913.1	940	824,38
42	-	-	662	-	808.2	-	750.1	-	941.1	960	824,28
43	168	43	738.2	43	783.7	37	716.2	45	961.9	920	824
44	-	-	738.2	-	810.4	-	773.9	-	855.6	940	823,62
45	162	39	660,6	42	774	37	754,5	44	947,9	980	823,46
46	168	41	700.7	44	789.3	40	769.2	43	917.2	940	823,28
47	168	43	699.1	44	782.8	37	741.5	44	951.8	940	823,04
48	-	-	725	-	819.7	-	720.8	-	889	960	822,9
49	-	-	657.3	-	734.5	-	799.3	-	961.9	960	822,6
50	167	39	685,1	41	756,3	43	786,1	44	945,1	940	822,52
51	-	-	714.3	-	781.1	-	812.1	-	863.9	940	822,28
52	162	43	757.9	41	753.4	34	698	44	941.1	960	822,08
53	168	41	691.1	42	730.3	41	782.5	44	945.7	960	821,92
54	-	-	721.8	-	819.7	-	725.9	-	900.6	940	821,6
55	166	42	681	44	817,4	38	770,7	42	916,7	920	821,32
56	168	40	693,2	41	744,5	43	811,1	44	917,4	940	821,24
57	-	-	652.7	-	792.8	-	806.1	-	894.4	960	821,2
58	165	42	734.6	41	771	39	759.7	42	900.7	940	821,2
59	166	42	681.5	44	729.7	38	792.7	42	916.7	920	821,16
60	-	-	683	-	710	-	806.7	-	945.7	960	821,08
61	164	43	745,5	40	753,6	38	741,7	43	919,5	940	821,06
62	-	-	695	-	770.3	-	797.3	-	941.7	900	820,86
63	-	-	754.2	-	766.4	-	747.3	-	935.6	900	820,7
64	165	40	697,1	44	782,8	38	746,6	43	916,7	960	820,64
65	-	-	684.6	-	797.6	-	790.5	-	908.3	920	820,2
66	-	-	749.1	-	780.6	-	705.6	-	945.1	920	820,08
67	163	43	745.5	40	753,6	38	741,7	43	919,5	940	820,06
68	-	-	716.9	-	777.6	-	696.7	-	928.1	980	819,86
69	-	-	658.1	-	713	-	832.4	-	935.6	960	819,82
70	-	-	707.6	-	781.1	-	738.9	-	911.1	960	819,74
71	164	39	670.1	42	763.5	41	778.4	42	906.5	980	819,7
72	-	-	692.2	-	782.5	-	749.5	-	894.1	980	819,66
73	163	42	736.6	43	808.2	36	724	42	869.2	960	819,6
74	165	39	669.5	39	709.1	44	846.9	43	932.1	940	819,52
75	165	40	671,9	44	817,4	41	781,4	40	866	960	819,34
76	162	40	680,3	43	764,7	36	724,1	43	926,2	1000	819,06
77	-	-	670.6	-	761.4	-	741.2	-	961.9	960	819,02
78	167	43	740.5	39	709.4	41	791.4	43	913.3	940	818,92
79	-	-	730.3	-	770.3	-	755.2	-	898.2	940	818,8
80	-	-	684	-	755.8	-	777.7	-	916.3	960	818,76

Antecipados - Ampla Concorrência

Classificação											
81	161	36	648,6	41	728,1	39	771,9	45	961,9	980	818,7
82	-	-	718.1	-	721		759.1	-	935	960	818,64
83	-	-	666.7	-	783	-	791.6	-	931.8	920	818,62
84	-	-	677.7	-	741.6	-	770	-	961.9	940	818,24
85	-	-	732.3	-	779.2	-	767.7	-	871.4	940	818,12
86	-	-	648.6	-	728.1	-	771.9	-	961.9	980	818,1
87	-	-	622.9	-	738.7	-	826.8	-	961.9	940	818,06
88	161	39	690,6	41	758,8	37	760,2	43	940,6	940	818,04
89	-	-	675.5	-	743.4	-	811.1	-	920.1	940	818,02
90	-	-	681.7	-	817.4	-	743.3	-	927.6	920	818
91	-	-	747.3	-	781.1	-	700.9	-	900.4	960	817,94
92	-	-	701.6	-	789.9	-	783.7	-	874.1	940	817,86
93	165	38	665.7	42	775.2	42	797.6	43	910.7	940	817,84
94	162	42	728.3	41	769.2	37	740.5	42	910.9	940	817,78
95	165	44	766.6	39	706.2	38	740.5	44	914.8	960	817,62
96	-	-	690	-	819.7	-	764.4	-	853.2	960	817,46
97	161	41	714.2	40	752.8	37	734.1	43	924.8	960	817,18
98	-	-	710.9	-	780.6	-	747.1	-	886.9	960	817,1
99	-	-	704.7	-	768.9	-	741.1	-	910.6	960	817,06
100	163	41	704.7	43	768.9	36	741.1	43	910.6	960	817
101	170	41	696.3	40	705.7	44	840.2	45	961.9	880	816,9
102	162	36	628.2	44	810.4	42	792	40	893.8	960	816,88
103	170	41	696.3	40	705.7	44	840.2	45	961.9	880	816,82
104	-	-	689.9	-	742.8	-	769	-	961.9	920	816,72
105	-	-	669.7	-	719.3	-	772.5	-	961.9	960	816,68
106	164	40	683.7	44	810.4	38	748	42	900.4	940	816,5
107	164	-	734.6	-	758.1	-	731.3	-	897.5	960	816,3
108	162	41	704.3	41	749.2	36	732.4	43	935.6	960	816,3
109	-	-	718.5	-	762.1	-	734	-	906.7	960	816,26
110	-	-	693.5	-	745.1	-	720.6	-	961.9	960	816,22
111	-	-	665.4	-	771.6	-	748.1	-	935.3	960	816,08
112	-	-	695.8	-	766.9	-	780.7	-	896.3	940	815,94
113	-	-	718	-	746.7	-	764.9	-	889.5	960	815,82
114	165	44	724	44	810.4	35	711.4	42	873	960	815,76
115	-	-	676.3	-	676.3	-	777.7	-	945.7	980	815,68
116	165	41	709.6	44	777.7	38	753.3	42	897.8	940	815,68
117	-	-	655.3	-	782.5	-	765.6	-	894.3	980	815,54
118	-	-	649.4	-	788.1	-	737.9	-	961.9	940	815,46
119	-	-	795.8	-	723.1	-	727.9	-	870.4	960	815,44
120	-	-	726.6	-	749.3	-	774.2	-	847	980	815,42

Classificação											
121	-	-	669	-	749,5	-	771,9	-	945,7	940	815,22
122	165	41	694,3	42	746,5	38	740,3	44	934	960	815,02
123	-	-	682,5	-	788,1	-	756,4	-	908,1	940	815,02
124	-	-	647,5	-	819,7	-	776,6	-	891	940	814,96
125	164	42	718	42	763,7	38	739,3	42	913,4	940	814,88
126	-	-	665,4	-	723,4	-	723,4	-	937,1	900	814,84
127	-	-	675,9	-	785,4	-	759,8	-	893	960	814,82
128	-	-	685	-	722,4	-	781	-	945,7	940	814,82
129	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	814,78
130	164	43	720,8	40	732,6	39	743,2	42	917,3	960	814,78
131	164	41	680,9	39	720,6	42	805,3	42	906,9	960	814,74
132	163	43	718,1	43	789,8	33	700,1	44	945,7	920	814,74
133	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	814,4
134	-	-	681,2	-	794	-	789	-	927,4	880	814,32
135	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	814,28
136	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	814,18
137	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	814,16
138	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	814,12
139	159	40	690,3	43	808,2	35	727,2	41	884,7	960	814,08
140	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	813,68
141	162	41	702,6	42	781,1	38	751,5	41	893,2	940	813,68
142	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	813,64
143	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	813,42
144	165	38	667	42	784	43	809	42	907	900	813,42
145	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	813,36
146	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	813,32
147	161	41	697,6	41	735,2	36	738,1	43	935,6	960	813,3
148	-	-	704,1	-	744,6	-	735,4	-	961,9	920	813,3
149	165	42	697,9	42	710,2	39	753,9	43	924,6	980	813,12
150	163	41	696,5	40	774,8	37	800,1	45	961,9	920	813,1

12 vagas para LI_EP no 1º período

Classificação	Acertos	Acertos LC	Nota LC	Acertos CH	Nota CH	Acertos CN	Nota CN	Acertos MT	Nota MT	Redação	Média
1º	161	40	660,1	42	781,9	38	745,5	41	906,1	960	810,72
2º	162	41	679,9	42	756,3	39	771,4	40	877,7	960	809,06
3º	161	42	713	41	767,2	37	724,1	41	900,1	940	808,88
4º	164	39	670,5	43	767,4	41	763,2	41	900,1	940	808,24
5º	160	39	659,2	41	753,3	37	737,1	43	931,1	960	808,14
6º	158	41	685,1	43	795,7	32	703	42	909,2	940	806,6
7º	162	39	668	40	737,2	39	758,8	44	927,9	940	806,38
8º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	806,28
9º	161	41	686,8	40	733	36	712,1	44	939,2	960	806,22
10º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	806,1
11º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	805,74
12º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	805,34
13º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	804,26
14º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	804,18
15º	156	41	705	44	805,2	31	696	39	852,9	960	803,82
16º	158	40	-	42	-	33	-	43	-	940	803,72
17º	160	42	-	40	-	37	-	41	-	940	803,64
18º	-	-	-	-	-	--	-	-	-	-	802,62
19º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	802,58
20º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	802,36
21º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	802,34
22º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	801,58

10 CANDIDATOS ANTECIPADOS!

24 vagas para LI_PPI no 1º período

Classificação	Acertos	Acertos LC	Nota LC	Acertos CH	Nota CH	Acertos CN	Nota CN	Acertos MT	Nota MT	Redação	Média
1º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	797,16
2º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	782,02
3º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	781,88
4º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	781,5
5º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	779,16
6º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	776,02
7º	148	38	671,3	40	759,2	34	711,1	36	833,1	900	774,94
8º	144	38	667,9	38	695,7	27	657	41	891,9	960	774,5
9º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	773,88
10º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	771,8
11º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	771
12º	151	31	608	42	745	36	715	42	886	900	770,5
13º	146	37	647	37	672,9	35	736	37	836	960	770,38
14º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	770,28
15º	151	40	682,4	40	702,7	31	647,9	40	878,2	940	770,24
16º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	768,44
17º	149	35	637,6	41	729	35	704,8	38	829,9	940	768,26
18º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	767,86
19º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	767,56
20º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	767,4
21º	147	39	676,6	42	739,2	33	676,9	33	781	960	766,74
22º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	766,58
23º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	765,94
24º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	765,06
25º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	764,6
26º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	764,12
27º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	763,78
28º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	763,2
29º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	762,44
30º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	762,04
31º	148	36	626,9	40	743,1	34	693,8	38	822,1	920	761,18
32º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	761,06
33º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	760,42
34º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	760,2
35º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	760
36º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	759,74
37º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	759,74
38º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	759,52
39º	143	37	637,3	41	724,1	32	681,5	33	792,8	960	759,14

15 CANDIDATOS ANTECIPADOS!

4 vagas para LI_PCD no 1º período

Classificação	Acertos	Acertos LC	Nota LC	Acertos CH	Nota CH	Acertos CN	Nota CN	Acertos MT	Nota MT	Redação	Média
1º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	774,18
2º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	770,7
3º	147	40	684,5	39	714,9	26	643,3	42	883,2	920	769,18
4º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	759,04
5º	151	-	-	-	-	-	-	-	-	960	758

1 CANDIDATOS ANTECIPADO!

12 vagas para LB_EP no 1º período

Classificação	Acertos	Acertos LC	Nota LC	Acertos CH	Nota CH	Acertos CN	Nota CN	Acertos MT	Nota MT	Redação	Média
1º	157	40	693	41	731	40	761	37	820	960	792,96
2º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	791,5
3º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	791,08
4º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	790,78
5º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	790,58
6º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	788,9
7º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	788,16
8º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	787,72
9º	163	40	672,7	42	754,3	41	740,6	40	866,6	900	786,84
10º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	786,62
11º	155	35	649,2	41	701,9	37	711	42	909,4	940	782,3
12º	158	39	678,9	40	698,1	37	769,7	42	874,8	920	780,3
13º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	780,26
14º	152	33	612,7	42	762,6	37	723,4	40	838,3	960	779,4
15º	152	40	692	39	-	38	-	40	882	940	779,38
16º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	778,82
17º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	778,76
18º	150	39	648,2	39	723,6	34	722,1	38	858,1	940	778,4

6 CANDIDATOS ANTECIPADOS!

2 vagas para LB_PCD no 1º período

Classificação	Acertos	Acertos LC	Nota LC	Acertos CH	Nota CH	Acertos CN	Nota CN	Acertos MT	Nota MT	Redação	Média
1º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	753,48
2º	147	37	635,9	40	702,5	31	665,6	39	819,3	900	744,66
3º	130	35	634,8	36	689	28	688,5	30	770,8	940	744,62

1 CANDIDATO ANTECIPADO!

1 vaga para LI_Q no 1º período

Classificação	Acertos	Acertos LC	Nota LC	Acertos CH	Nota CH	Acertos CN	Nota CN	Acertos MT	Nota MT	Redação	Média
1º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	765,96

0 CANDIDATOS ANTECIPADOS!

24 vagas para LB_PPI no 1º período

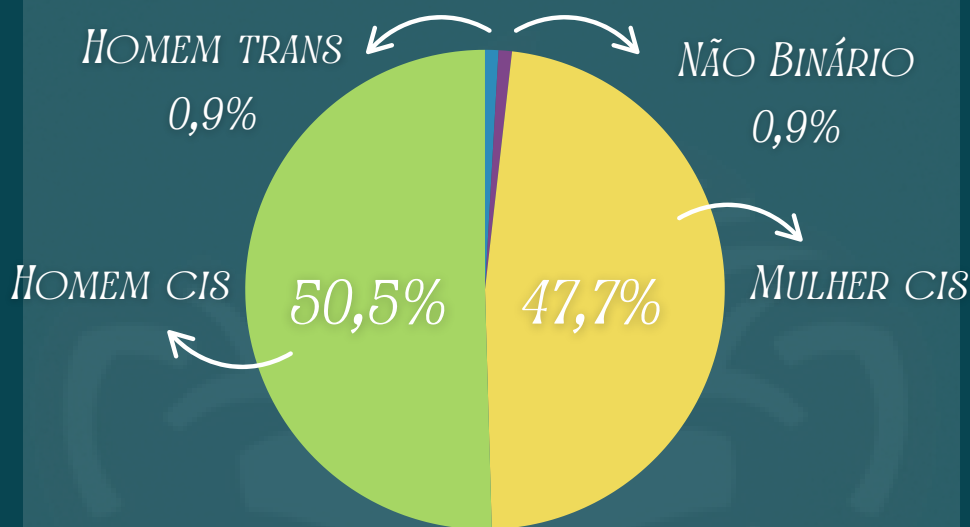
Classificação	Acertos	Acertos LC	Nota LC	Acertos CH	Nota CH	Acertos CN	Nota CN	Acertos MT	Nota MT	Redação	Média
1º	144	36	621,4	39	704,1	36	737,3	33	779	940	756,36
2º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	753,18
3º	139	39	681,4	37	683,2	27	657,8	36	823,5	920	753,18
4º	134	30	-	35	-	29	-	40	-	-	752,7
5º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	750,98
6º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	750,86
7º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	750,86
8º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	750,24
9º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	748,5
10º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	748,12
11º	141	33	607,6	34	626,6	37	728,6	37	837,4	940	748,04
12º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	747,94
13º	133	41	665,3	38	693,6	26	653,9	28	785,4	940	747,64
14º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	747,02
15º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	746,2
16º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	745,56
17º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	744,88
18º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	742,92
19º	135	39	637,6	40	703	30	665,4	25	745,7	960	742,16
20º	136	38	646,6	39	705,3	26	631,2	32	787	940	742,02
21º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	741,64
22º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	741,64
23º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	741,14
24º	133	37	679	41	696,2	28	657,1	27	750,5	920	740,56
25º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	740,22
26º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	740,2
27º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	739,8
28º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	739,64
29º	130	37	633,1	38	698,1	30	688,7	25	737,5	960	739,48
30º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	739,4
31º	126	36	631,6	41	738,5	29	655,5	21	690,3	980	739,18

7 CANDIDATOS ANTECIPADOS!

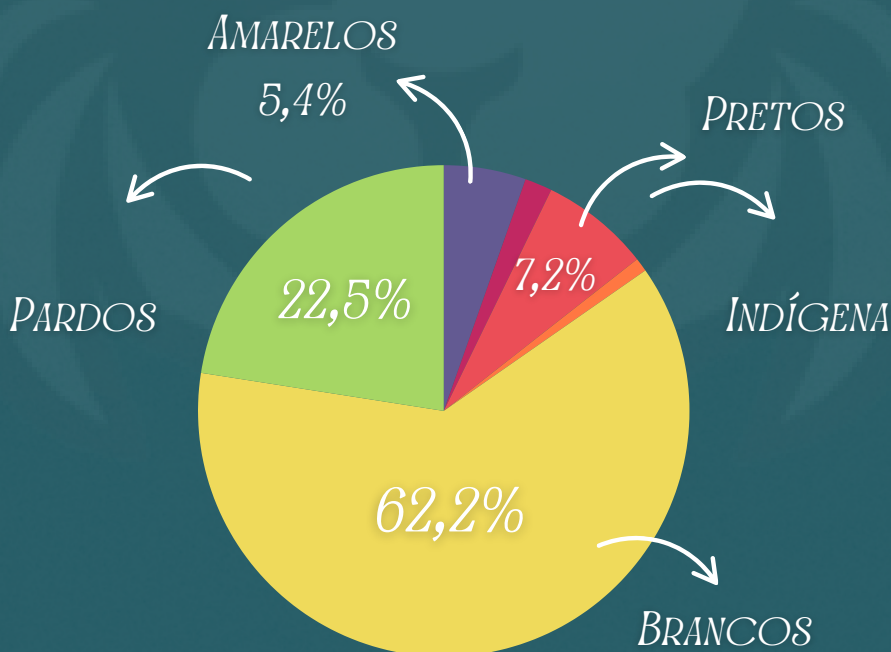
*Dados Gerais
dos
Aprovados*

Conheça a 169

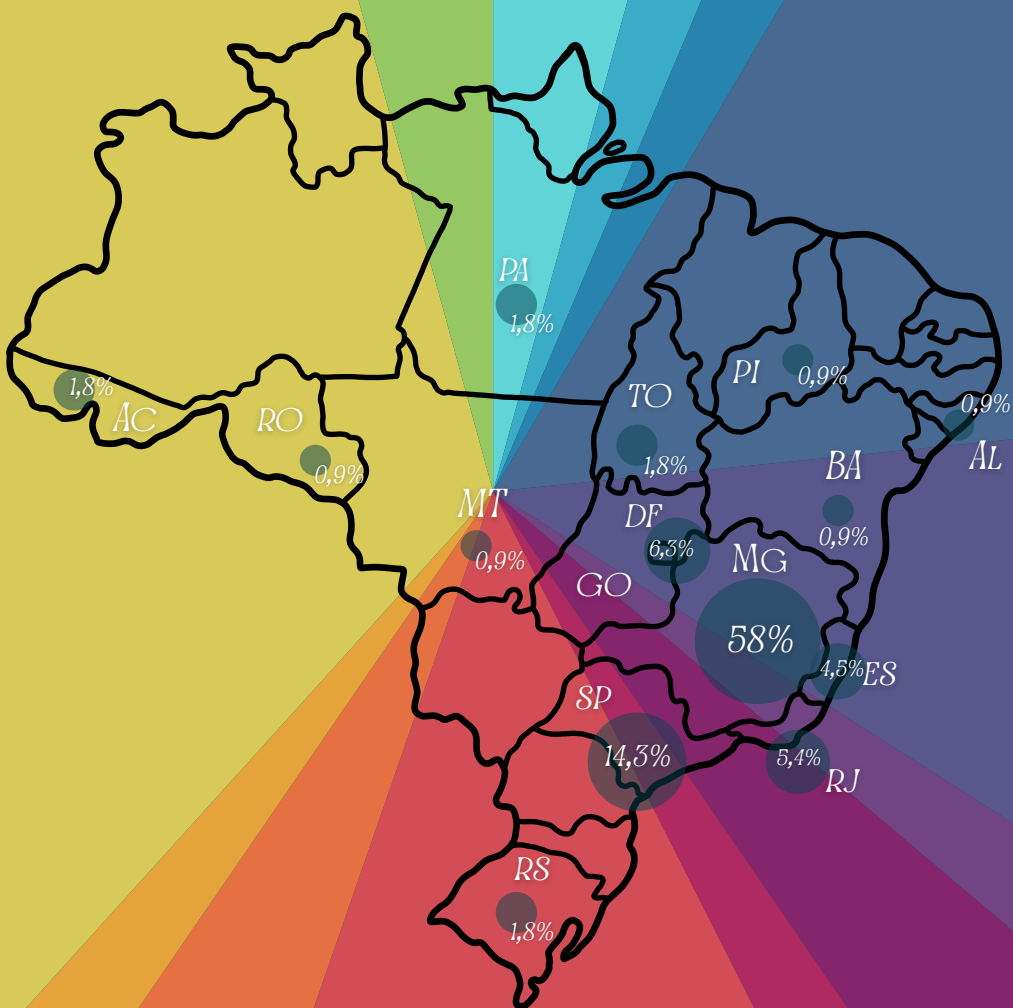
IDENTIDADE DE GÊNERO



AUTODECLARAÇÃO (COR/RAÇA)



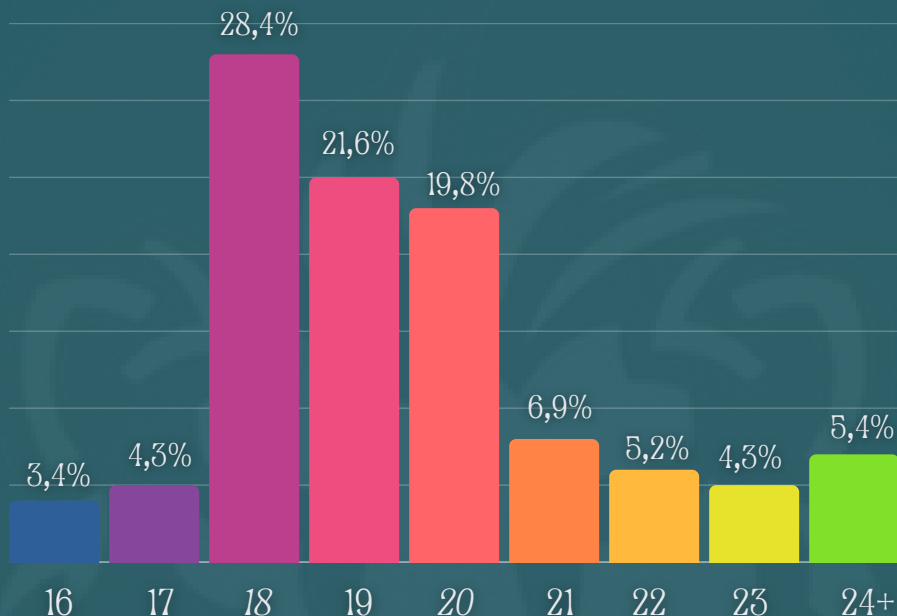
ESTADO DE ORIGEM*



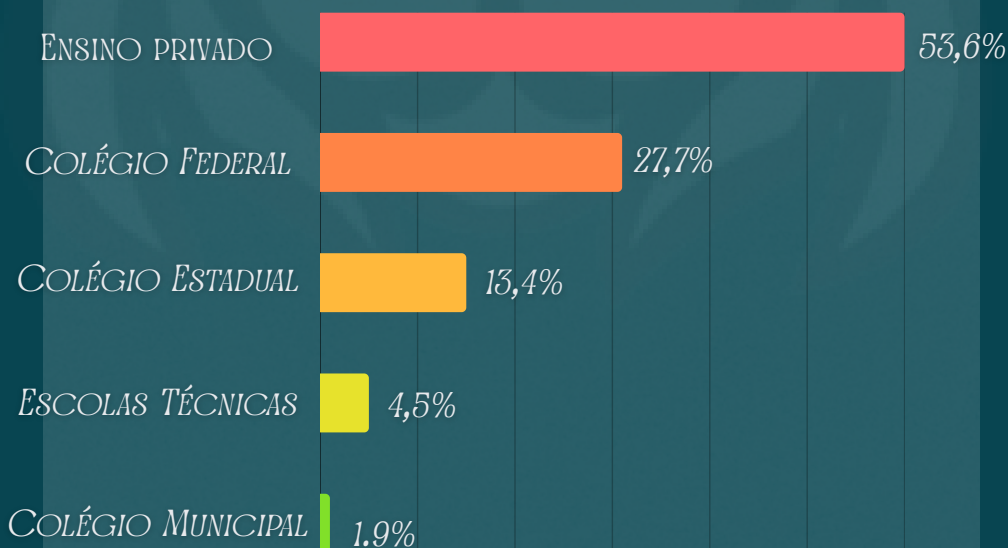
A TURMA DE MEDICINA DA UFMG COSTUMA REUNIR ESTUDANTES DE DIFERENTES ESTADOS. A NOSSA TURMA É COMPOSTA POR SUA MAIORIA POR COLEGAS QUE TEM MINAS GERAIS COMO ESTADO DE ORIGEM, SEGUIDO POR SÃO PAULO, GOIÁS/DISTRITO FEDERAL, RIO DE JANEIRO E ESPÍRITO SANTO

* ESTADOS SEM SIGLA INDICAM AUSÊNCIA DE CANDIDATOS ORIUNDOS DESTA LOCAL

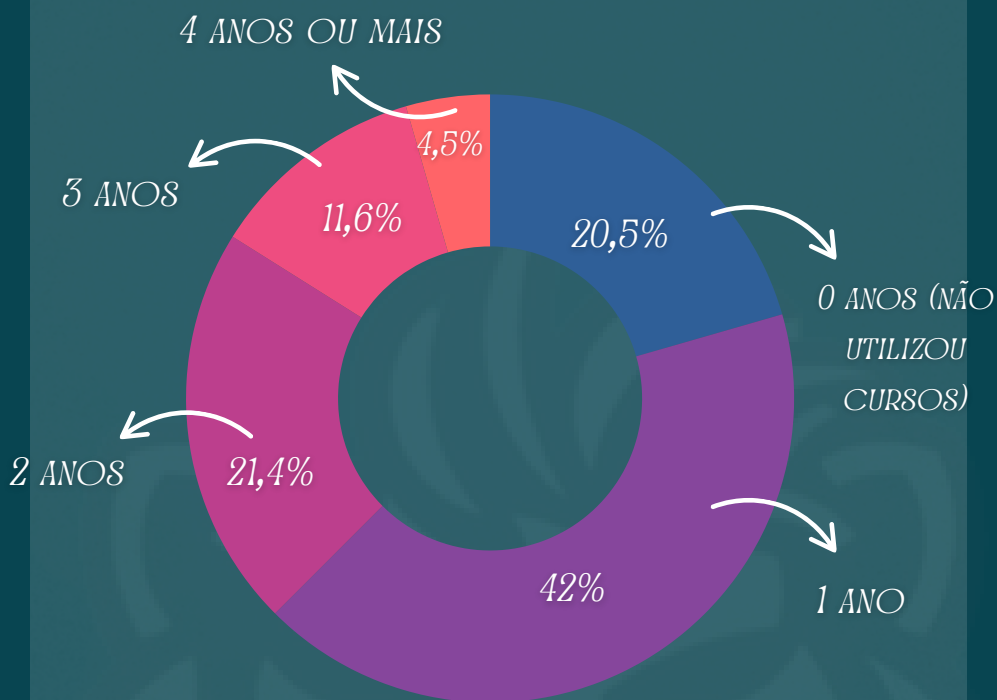
IDADE (DE QUANDO PASSOU)



TIPO DE ENSINO



ANOS DE CURSINHO



APROXIMADAMENTE,



APENAS ESTUDOU

10%

ESTUDOU E
TRABALHO

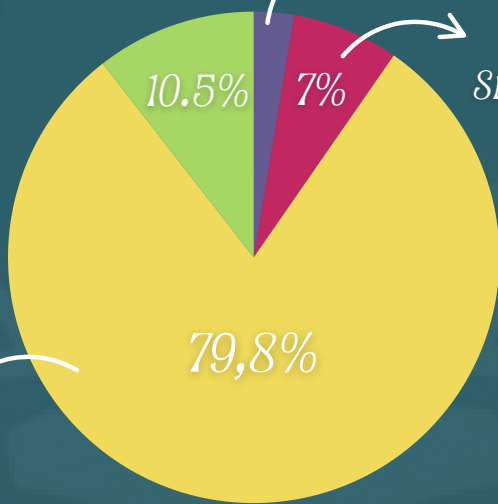
SE FEZ OUTRO CURSO ANTES

SIM, OUTRO
CURSO E EM
OUTRA
UNIVERSIDADE

MEDICINA EM OUTRA
UNIVERSIDADE: 2,6%

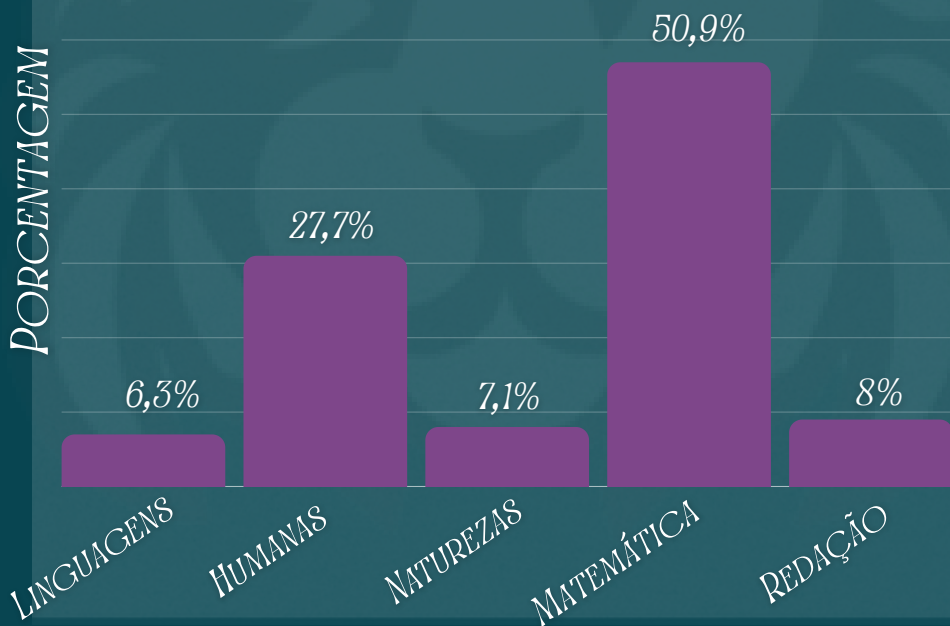
SIM, OUTRO
CURSO

NÃO

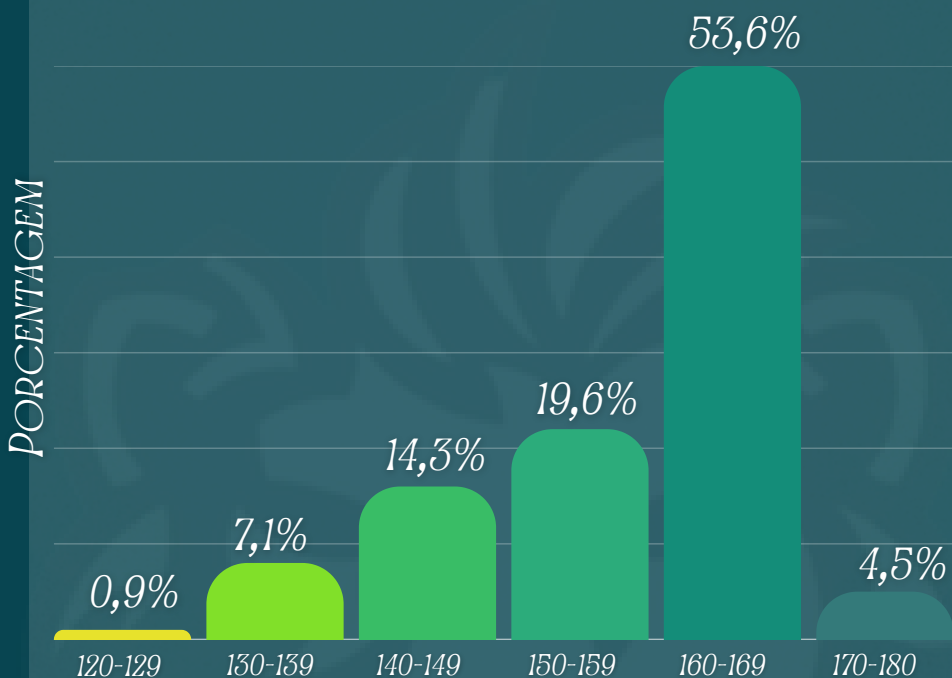


MATÉRIA/ÁREA DE MAIOR FACILIDADE

PORCENTAGEM



ACERTOS GERAIS (CONTANDO A ANULADA)



PAINEL DE MÉTRICAS (ACERTOS GERAIS)

MÉDIA GERAL DA TURMA
(PONDERADA)

153 ACERTOS

FAIXA MAIS FREQUENTE
(MODA)

165 ACERTOS

MAIOR N° DE ACERTOS

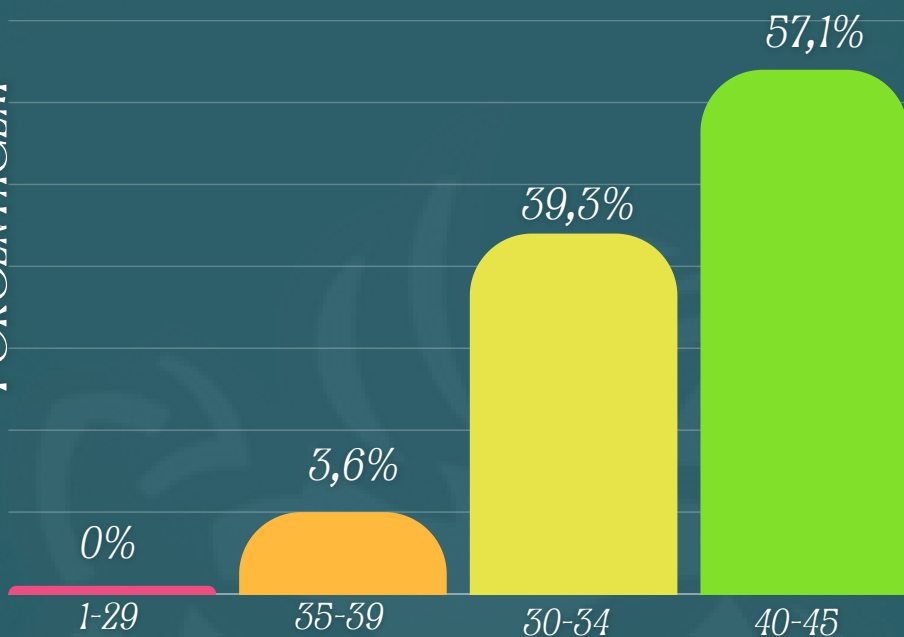
172 ACERTOS

MENOR N° DE ACERTOS

126 ACERTOS

ACERTOS EM LINGUAGENS

PORCENTAGEM



PAINEL DE MÉTRICAS (LINGUAGENS)

MÉDIA GERAL DA TURMA
(PONDERADA)

40 ACERTOS

FAIXA MAIS FREQUENTE
(MODA)

41 ACERTOS

MAIOR N° DE ACERTOS

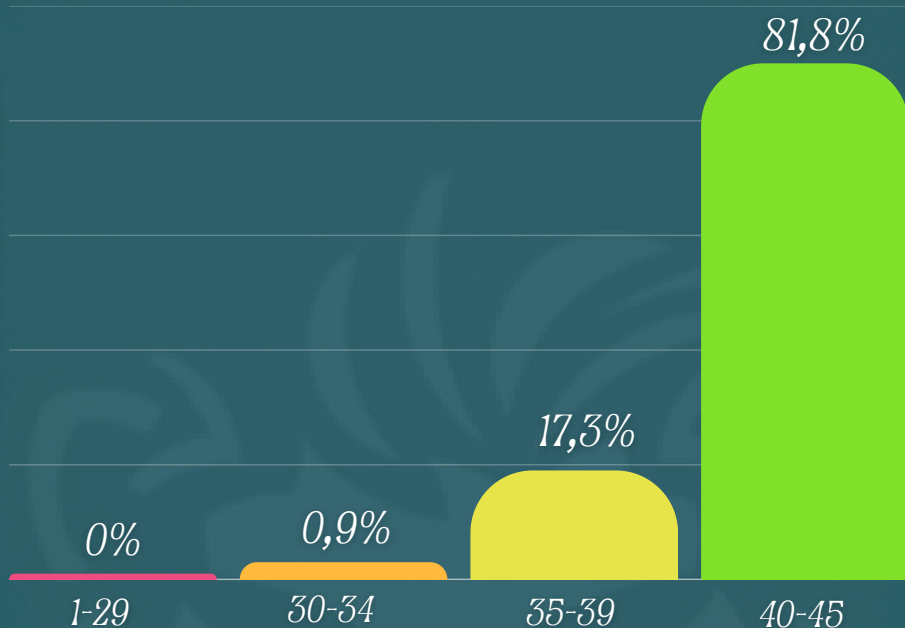
44 ACERTOS

MENOR N° DE ACERTOS

30 ACERTOS

ACERTOS EM HUMANAS

PORCENTAGEM



PAINEL DE MÉTRICAS (HUMANAS)

MÉDIA GERAL DA TURMA
(PONDERADA)

38 ACERTOS

FAIXA MAIS FREQUENTE
(MODA)

42 ACERTOS

MAIOR N° DE ACERTOS

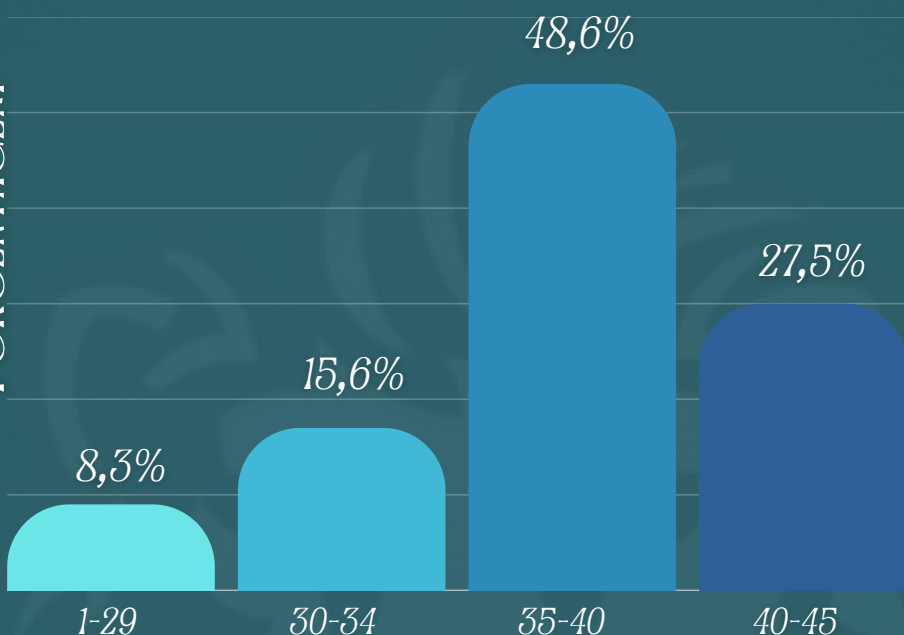
45 ACERTOS

MENOR N° DE ACERTOS

34 ACERTOS

ACERTOS EM NATUREZAS

PORCENTAGEM



PAINEL DE MÉTRICAS (NATUREZAS)

MÉDIA GERAL DA TURMA
(PONDERADA)

37 ACERTOS

FAIXA MAIS FREQUENTE
(MODA)

37 ACERTOS

MAIOR N° DE ACERTOS

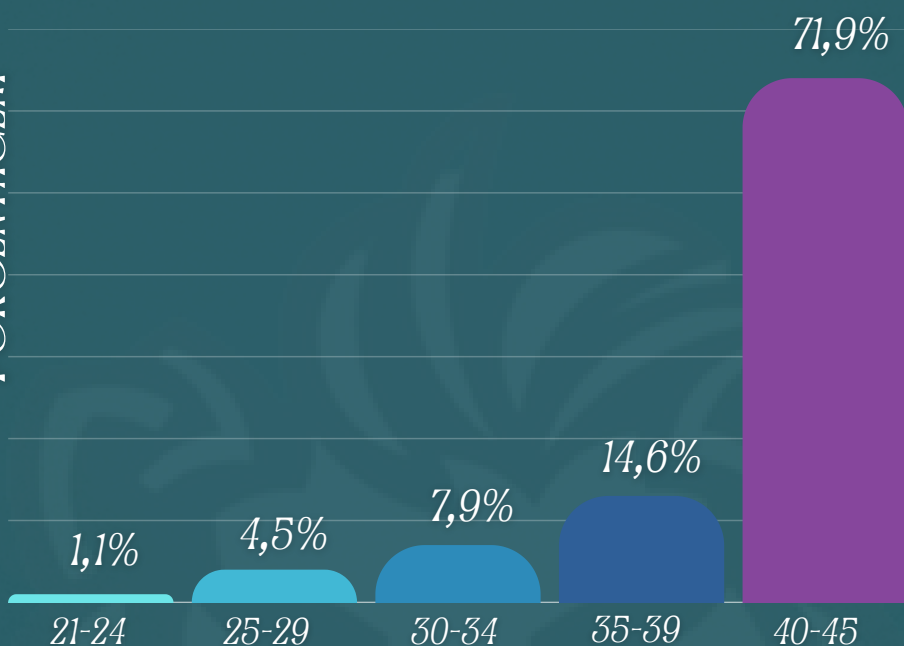
44 ACERTOS

MENOR N° DE ACERTOS

26 ACERTOS

ACERTOS EM MATEMÁTICA

PORCENTAGEM



PAINEL DE MÉTRICAS (MATEMÁTICA)

MÉDIA GERAL DA TURMA
(PONDERADA)

34 ACERTOS

FAIXA MAIS FREQUENTE
(MODA)

42 ACERTOS

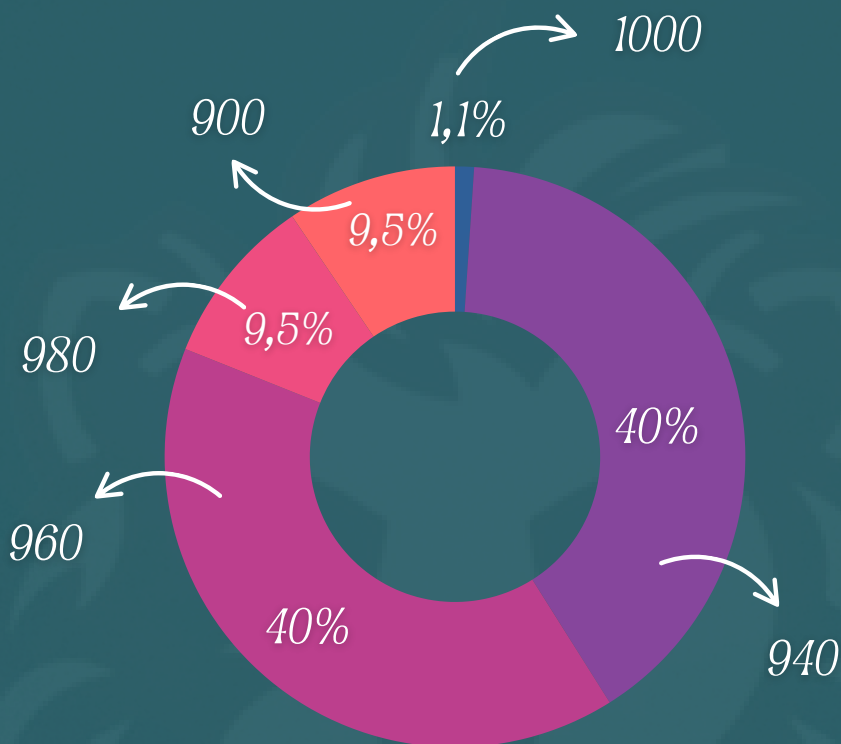
MAIOR N° DE ACERTOS

44 ACERTOS

MENOR N° DE ACERTOS

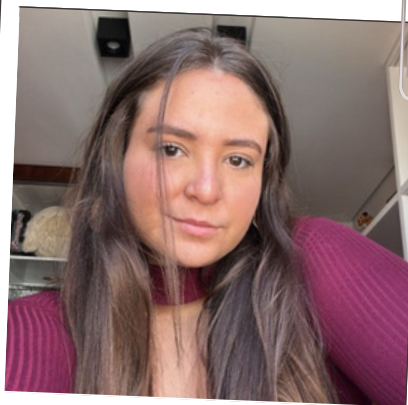
21 ACERTOS

NOTAS EM REDAÇÃO



*Evolução
Rumo à
Aprovação*

EVOLUÇÃO ATÉ A APROVAÇÃO



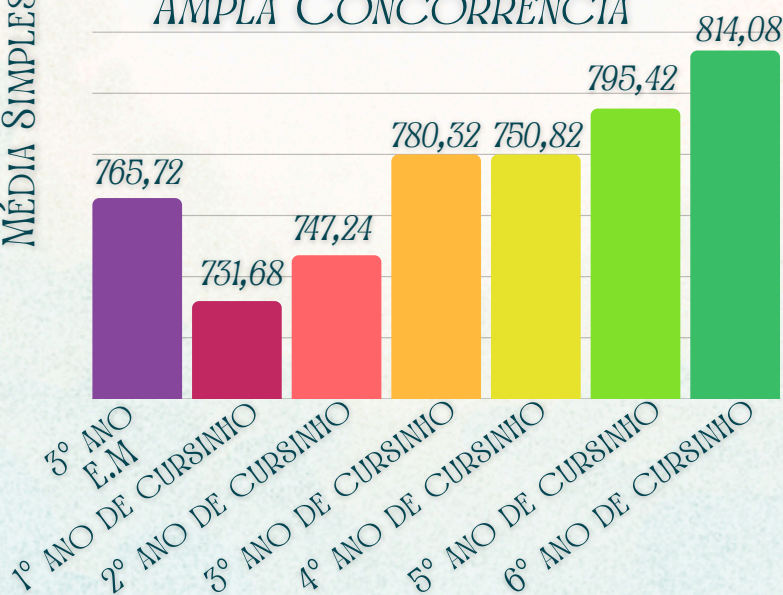
@lusinacio

LUIZA INÁCIO

25 ANOS

MÉDIA SIMPLES

AMPLA CONCORRÊNCIA



Para quem quiser conhecer melhor essa trajetória, deixamos abaixo uma entrevista em que ela conta, com calma, como foi o processo até a aprovação.

Link: <https://youtu.be/-CgUggTQUq8?si=rfPTIUfon1LuEkly>

EVOLUÇÃO ATÉ A APROVAÇÃO



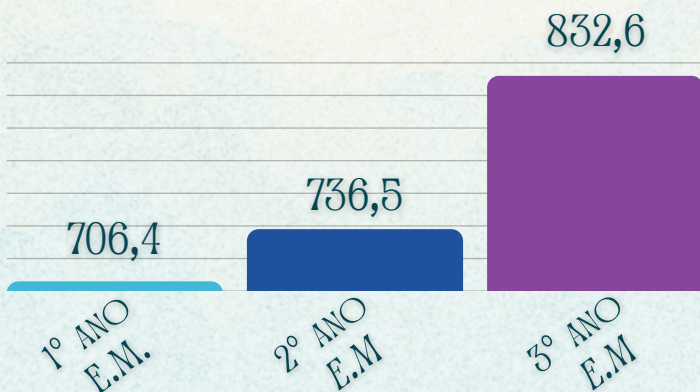
@bernardobrazz

BERNARDO BRAZ

17 ANOS

AMPLA CONCORRÊNCIA

MÉDIA SIMPLES



EVOLUÇÃO ATÉ A APROVAÇÃO



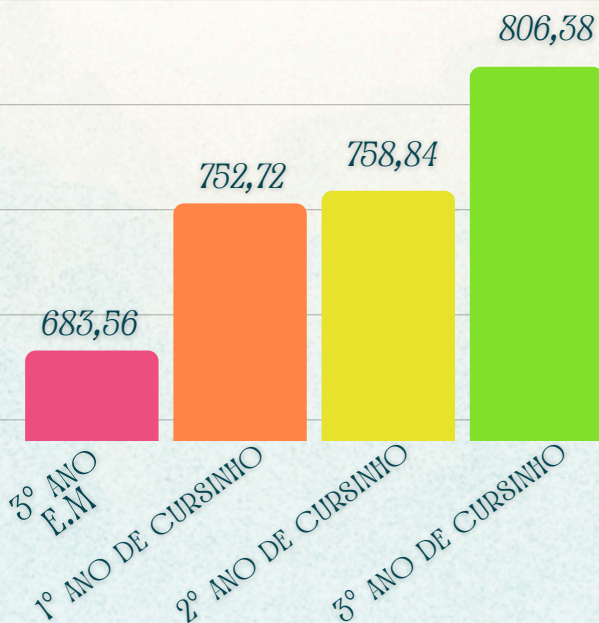
@soujuliacarolina

JULIA CAROLINA

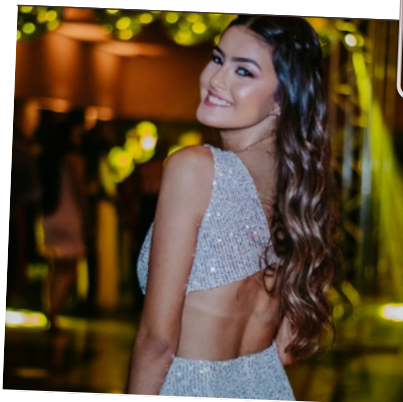
22 ANOS

LI_EP

MÉDIA SIMPLES



EVOLUÇÃO ATÉ A APROVAÇÃO



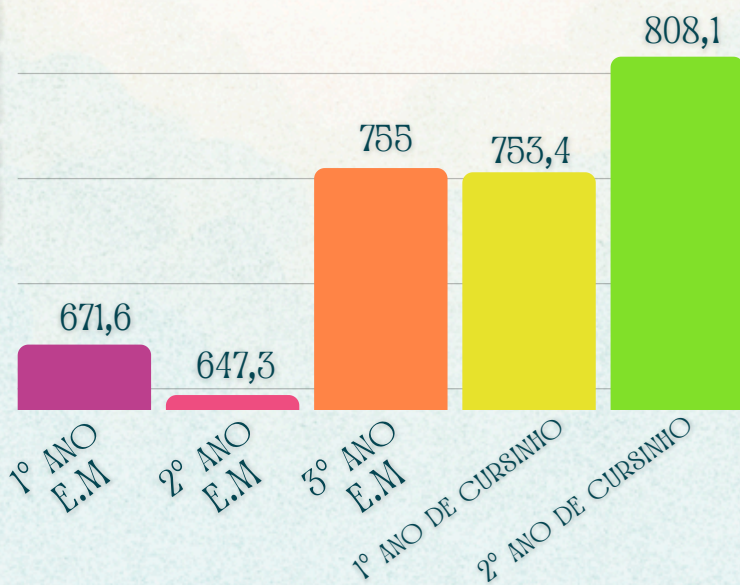
@saracpereira_

SARA PEREIRA

20 ANOS

LI_EP

MÉDIA SIMPLES

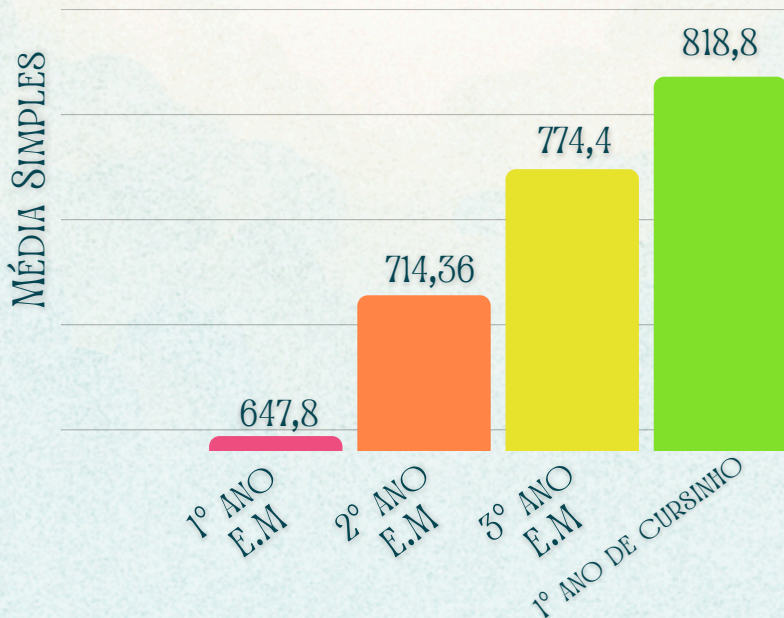


EVOLUÇÃO ATÉ A APROVAÇÃO



@ogabrielcarvalhoo

GABRIEL CARVALHO
19 ANOS
AMPLA CONCORRÊNCIA



EVOLUÇÃO ATÉ A APROVAÇÃO



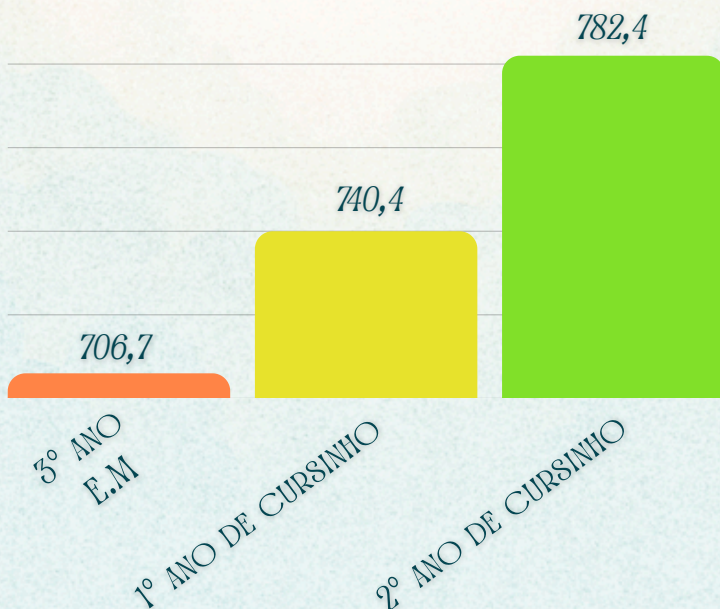
@brtz.carol

CAROLAYNE CAMILA

19 ANOS

LB_EP

MÉDIA SIMPLES



*Redações
dos
Aprovados*

SAMILLE LEÃO

CE: 200 | C2: 200 | C3: 200 | C4: 200 | C5: 200

No período colonial brasileiro, a cultura dos indivíduos escravizados foi suprimida para facilitar a dominação e a exploração desse grupo pelos europeus. Apesar do lapso temporal, a desvalorização da herança africana permanece sendo uma realidade presente no país, assim como no contexto escravocrata, o que se configura como um problema que agrava a exclusão social dos cidadãos negros. Diante desse cenário, é essencial analisar a inoperância governamental e a falha do sistema educacional como fatores que intensificam tal revés.

Nessa perspectiva, o escasso interesse estatal se configura como um desafio para a resolução dessa problemática. Isso ocorre, porque, tal qual abordado pelo teórico Raymundo Faoro, o governo, muitas vezes, prioriza seus próprios interesses em detrimento das necessidades do povo. Em conformidade com Faoro, os políticos em exercício, ao se preocuparem apenas com seus proveitos pessoais, não tomam medidas efetivas para valorizar a herança africana, como investir na criação de espaços destinados a exposições culturais e artísticas dos cidadãos afrodescendentes. Sendo assim, a ineficácia governamental acarreta a marginalização social desse grupo, já que suas manifestações são negligenciadas e silenciadas, em um contexto que, mesmo após décadas da abolição da escravidão, continua perverso para a população negra.

Além disso, a falha do modelo educacional acentua a desvalorização das raízes da África no país. Nesse sentido, o sociólogo Émile Durkheim afirma que a escola é o segundo mecanismo de socialização do indivíduo, que molda seus hábitos e seus comportamentos. No entanto, as instituições de ensino promovem um ensinamento que aborda apenas a perspectiva eurocêntrica da história nacional e não retratam a contribuição do patrimônio africano para o desenvolvimento do Brasil. Dessa forma, a manutenção desse sistema de educação enfraquece o sentimento de pertencimento dos cidadãos afro-brasileiros e a formação de laços identitários, uma vez que perpetua o apagamento da memória negra ao não ensinar suas crenças e suas tradições.

Portanto, é necessária a adoção de medidas para combater os desafios para a valorização da herança africana. Logo, o Poder Executivo, responsável pelo bem-estar social, deve aumentar a visibilidade de exposições culturais dos cidadãos afro-brasileiros, por meio da criação de espaços públicos para essas manifestações, a fim de erradicar a exclusão social desse grupo. Ademais, as escolas devem inserir conteúdos que ensinem as crenças e as tradições dos negros para fortalecer seu sentimento de pertencimento. A partir dessas ações, o patrimônio desse grupo deixará de ser suprimido no Brasil como foi no período colonial.

NOTA: 1000

LAVÍNIA MANZOLI

C1: 180 | C2: 200 | C3: 200 | C4: 200 | C5: 200

Parafraseando Jessé Souza, escritor brasileiro, há no país uma classe de subcidadãos, indivíduos aquém de visibilidade social. Nesse sentido, a perspectiva de Souza, no Brasil hodierno, é observada quando a herança africana - com marcos identitários de inúmeros povos - é invisibilizada e a sua valorização torna-se um desafio. Desse modo, são de análise ímpar: a histórica desvalorização da cultura africana e o papel educacional na sociedade.

Diante desse cenário, é válido destacar a secular subjugação da cultura africana no país. Sob esse prisma, entre os séculos XVI e XIX, os negros escravizados, além da violência física, eram submetidos à aculturação - imposição da substituição de suas práticas culturais e religiosas em prol da adoção de costumes europeus considerados superiores pelos colonizadores. Nesse contexto, no Brasil contemporâneo, a noção de superioridade persiste em diversos setores sociais, pois como exposto por Pierre Bourdieu, sociólogo francês, existem hábitos que são naturalizados e perpassam gerações. A partir desse âmbito, a naturalização da histórica marginalização da herança africana é comprovada quando, segundo reportagens da Rede Globo, nos desfiles de Carnaval da última década, escolas de samba foram menosprezadas por apresentarem elementos das religiões de matriz africana em seus enredos, o que evidencia a inferiorização sofrida pela cultura africana. Logo, é notório que a desvalorização de práticas africanas tornou-se um hábito no país.

Ademais, é imperativa pontuar a importância do papel social da educação. Sob esse viés, Paulo Freire, pensador brasileiro, afirma que a educação é o caminho para o bem comum, todavia, o sistema educacional nacional, por priorizar assuntos técnicos científicos, negligencia fatores socioculturais e não possibilitam tal bem seja alcançado. Nessa ótica, a valorização da herança africana, por se tratar de um fator sociocultural, não é devidamente abordada nas atuais escolas do país, o que acarreta em um corpo populacional - devido ao não cumprimento da sua função social da educação - sem conhecimento acerca da necessidade da notoriedade da cultura dos povos africanos, permitindo que estes permaneçam na subcidadania. Dessa forma, enquanto a falta de consciência nacional se mantiver, a herança africana não será valorizada.

Portanto, cabe ao Ministério da Cultura e ao Ministério da Educação - órgãos do Governo Federal - mitigar a problemática. Por isso, mediante Assembleias Legislativas, deve-se elaborar projetos de lei e políticas públicas - como palestras comunitárias para dar visibilidade às práticas com origem africana e abranger questões socioculturais nas escolas, cumprindo sua função social com objetivo no bem comum, visando reduzir os desafios relacionados à valorização das heranças africanas no país, tais medida devem ser difundidas nas esferas municipais e estatais.

NOTA: 980

LUIZA LIMA

C1: 180 | C2: 200 | C3: 200 | C4: 200 | C5: 200

No livro “Terno Negro”, da escritora Cristiane Sobral, há diversos poemas que abordam a vivência da população preta, em vários aspectos, como as relações sociais, os estereótipos e a estética. Diante dessa obra literária, evidencia-se a importância da negritude na construção do “gigante sul-americano”, mas, apesar disso, essa cultura é marginalizada, o que se reflete desde a escolarização até a atuação no cinema e na televisão. Isso ocorre por conta do processo de colonização e a falta de representatividade.

A princípio, é determinado pela lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional como obrigatório, o ensino da história da África e da cultura afro-brasileira nas escolas. Contudo, esse conteúdo é transmitido aos estudantes, na maioria das vezes, de forma reducionista, limitando-se ao estudo da escravidão, o qual ocorre, por exemplo, sem um enfoque em resistência negra nesse período, fomentando a ideia de que o fim dessa exploração se deve, somente, à promulgação da Lei Áurea pela Princesa Isabel em 1888, reduzindo a importância dos movimentos abolicionistas nesse processo histórico. Nesse contexto, a identidade e a cultura negra na formação da sociedade brasileira, a qual é baseada na coragem, crítica aos colonialistas, são apagadas.

Além disso, a cultura preta é historicamente representada por estereótipos, os quais não abarcam a vivência de seu povo. Segundo isso, a Disney produziu uma versão em live-action da clássica animação “A pequena sereia” e escolheu a atriz negra Halle Bailey como a protagonista Ariel, que era representada por uma garota loira no filme do século XX. Diante disso, muitos jovens pretos conseguiram se sentir vistos e ter destaque por meio da artista, que, até então, não era comum que pessoas pretas fossem protagonistas ficcionais, em que apenas a população branca era representada, essa era uma constante em espaços subalternos, como na novela “Avenida Brasil”, produzida pela Rede Globo, em que um dos poucos personagens pretos no enredo é a empregada. Dessa maneira, há uma perpetuação de estereótipos que marginalizam a cultura negra, além de sua exclusão dos espaços midiáticos.

Portanto, fica claro que há desafios no que se refere ao ensino e à representatividade da população preta, visto a colonização e à falta de representatividade. Logo, cabe às escolas promover um estudo interdisciplinar da história da África e da tradição afro-brasileira, em que os alunos pesquisem sobre o assunto, por meio do auxílio de pedagogos e sociólogos, e compartilhem seus resultados nas redes sociais da instituição de ensino. Isso será realizado para que os estudantes ampliem seus conhecimentos e entendam a importância da negritude, ao mesmo tempo em que promovem essa mudança de pensamento em outros indivíduos, a partir da mídia.

NATÁLIA LUZ

Cl: 180 | C2: 200 | C3: 200 | C4: 200 | C5: 200

Na obra "O Perigo de Uma História Única", a escritora nigeriana Chimamanda Adichie relata o seu desconcerto diante da prevalência de narrativas planas sobre as ancestralidades africanas nos Estados Unidos. De maneira semelhante, a herança cultural dos povos negros é retratada de maneira unidimensional no Brasil, o que impede sua valorização como um dos elementos centrais da identidade nacional. Nessa realidade, a superação da abordagem historiográfica excludente e o combate a percepções hierarquizadas acerca das contribuições de diferentes grupos sociais configuram desafios para a transformação desse panorama no país.

A princípio, a manutenção de um modelo de ensino histórico definido pela prevalência da perspectiva cultural hegemônica resulta no apagamento da heranças dos povos africanos no Brasil. De acordo com a historiadora francesa, Michelle Perot, na Obra "Os Excluídos da História", a historiografia tradicional perpetua a segregação entre grupos sociais dominantes e marginalizados, na medida em que privilegia personalidade em concordância com o ideário dominante no momento da documentação. A partir desse viés, é possível compreender como o apego à abordagem típica acarreta a persistência da exclusão de indivíduos pertencentes a grupos historicamente oprimidos do processo de reconhecimento das contribuições para a constituição da nação. Logo, é imprescindível transformar a metodologia de ensino da História no país para superar tal desafio imposto à valorização da herança africana.

Ademais, a percepção hierarquizada das contribuições culturais de diferentes povos dificulta a aceitação de diversos elementos afrobrasileiros como parte do repertório identitário nacional. Conforme o conceito de "violência simbólica", do filósofo francês Pierre Bourdieu, a frequente distinção qualitativa entre as heranças dos grupos étnicos formadores da nação brasileira constitui uma forma de agressão indireta que visa preservar paradigmas raciais desiguais. Nessa conjuntura, a desvalorização de componentes da ancestralidade africana atua como um mecanismo de manutenção da dicotomia assimétrica entre brasileiros de grupos hegemônicos e afrobrasileiros no âmbito da representação cultural. Assim, é essencial combater visões hierarquizantes para garantir a reversão desse quadro.

Destarte, é necessário superar os desafios supracitados para promover a valorização da herança africana no Brasil. Portanto, o Ministério da Educação deve transformar a abordagem historiográfica utilizada nas escolas brasileiras, por meio da elaboração de uma nova Base Nacional Curricular Comum, a qual será formulada tendo em vista a participação de diversos agentes negros na história do Brasil, com a colaboração de professores de História, especializados no assunto, para garantir a inclusão da herança afrobrasileira na documentação histórica. Outrossim, o Ministério da Cultura deve combater uma percepção hierarquizante das manifestações culturais no país, mediante uma campanha de divulgação de elementos de origem africana presentes no cotidiano brasileiro, a fim de despertar a percepção da herança dos povos negros para a identidade nacional. Dessa forma, a ancestralidade africana será valorizada no Brasil.

NOTA: 980

RENATO BARBOSA

C1: 200 | C2: 200 | C3: 200 | C4: 180 | C5: 200

Na canção “Filhos da Diversidade”, o cantor Fábio Braga faz um apelo acerca da importância da valorização da cultura afro-brasileira ao afirmar que, ao invés de princesas fictícias, as crianças deveriam conhecer princesas - personalidades históricas - como Teresa de Benguela, em prol do reconhecimento identitário brasileiro. Para além da obra, no Brasil, a valorização da herança africana se vê prejudicada em decorrência das estigmas sociais em relação à população negra e da dominação violenta à qual os africanos foram submetidos na história. Sob esse viés, cabe a análise em relação aos impactos do racismo e do período de escravidão no Brasil sobre a preservação e disseminação das tradições africanas.

Primeiramente, é importante salientar que o racismo e os demais preconceitos associados a afrodescendentes desvalorizam as heranças de origem africana, dificultando sua proteção e difusão como patrimônio identitário brasileiro. Sob essa perspectiva, o sociólogo Erwin Goffman delibera que a estigmatização ocorre quando um grupo social caracteriza outro como inferior, de modo a marginalizá-lo na sociedade. Nesse sentido, uma vez que a população brasileira apresenta diversas estigmas em relação aos negros, decorrentes da herança advinda da escravidão, os costumes oriundos do continente africano são desvalorizados e julgados como menos importantes, resultando na dificuldade de disseminá-los e protegê-los e logo, infere-se que o preconceito não apenas prejudica o determinado grupo social, como impede a efetiva manutenção de sua cultura e tradição.

Em segunda análise, é interessante ressaltar que o período da escravidão no país resultou na subversão e no apagamento de muitas tradições africanas, impossibilitando sua disseminação atualmente. Nessa conjuntura, a historiografia retrata que costumes como cultos religiosos e manifestações culturais eram oprimidos e proibidos pelos senhores de escravos, em prol do eurocentrismo vigente na época. Tal fator, desse modo, faz com que diversas crenças e comportamentos habituais africanos fossem perdidos pelos escravos ou então disfarçados por meio da associação deles com costumes europeus. Assim, a valorização de tais heranças foi prejudicada pela dominação violenta e pela imposição cultural dos escravizadores, causando a destruição de tradições africanas ao longo do tempo.

Portanto, a fim de valorizar as heranças africanas no Brasil, é necessário que o Poder político, em consonância com o Ministério da Educação - órgão que rege o currículo educacional do país -, promover o combate ao racismo por meio da obrigatoriedade do ensino da história africana no ensino básico e de suas influências na identidade brasileira e na sociedade atual, de modo a conscientizar os alunos acerca da importância da valorização da cultura africana e dos seus prejuízos no racismo. Além disso, é interessante que o Estado, por meio do direcionamento de verbas para pesquisas históricas, invista em projetos de investigação de patrimônios históricos imateriais em registros historiográficos e promoção de tais heranças. Dessa forma, com a efetivação de tais medidas, será possível formar uma população que valoriza mais suas heranças históricas.

NOTA: 980

SARA PEREIRA

C1: 160 C2: 200 C3: 200 C4: 200 C5: 200

Durante a colonização brasileira, houve um grande intercâmbio cultural entre o Brasil e o continente Africano, devido ao número de escravizados levado à nação. Contudo, embora tenha contribuído na formação da identidade do país, a herança proveniente da África, ainda hoje, é desvalorizada na realidade. Nesse sentido, é necessário alterar a problemática citada e, para isso, é preciso, importante analisar as suas principais causas e as consequências mais relevantes da questão, como o ensino superior e o esquecimento dos legados, respectivamente. Então, ao entender os fatores destacados, será possível realizar medidas que eliminem esses desafios para a valorização da cultura em pauta.

Sob esse viés, é válido ressaltar que as escolas não abordam o tema de forma eficiente. Para fundamentar a relação descrita, é pertinente destacar a teoria do pensador Paulo Freire, a qual afirmou que o ensino brasileiro prioriza tópicos favoráveis ao sistema capitalista, como a gestão financeira, e banaliza discussões relacionadas às Ciências Humanas, a importância da cultura e do respeito, por exemplo. Trazendo o repertório exposto à análise concreta, compreende-se que, muitas vezes, as instituições educacionais não investem o tempo disponível em debates sobre a herança africana, permitindo a formação de novas gerações que desvalorizam essa cultura, já que não foram instruídas quanto à importância dela na identidade nacional, com influências no vocabulário, na gastronomia e nos hábitos de vida. Logo, como uma reportagem do jornal The News destacou que mais de 60% dos estudantes entrevistados afirmaram que as escolas em que são matriculadas considera a preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio mais importante que a formação humana dos alunos, a conduta dessas organizações deve ser alterada para alcançar a valorização almejada.

Consequentemente, acontece o apagamento desse legado no país. Isso ocorre, pois a inferiorização de tal herança, que é demonstrada pela quantidade insuficiente de propagação dos conhecimentos em pauta, faz com que, de geração em geração, cada vez menos pessoas no Brasil saibam das diferentes manifestações culturais provenientes do continente em pauta. Em tal perspectiva, esse cenário é um problema, já que, com base no líder indígena Daniel Munduruku, o reconhecimento do ancestralidade é fundamental, para que os sofrimentos e os sacrifícios dos antepassados, como a escravidão, sejam lembrados e os valores éticos e morais ensinados por eles sejam interiorizados. Assim, a falta de valorização faz com que os aprendizados que poderiam ser obtidos com os africanos, como a resistência e a resiliência, sejam perdidos, o que não deveria ocorrer.

Portanto, a sociedade civil, enquanto responsável por pressionar as autoridades em prol de mudanças, deve realizar manifestações solicitando o ensino sobre as heranças africanas em escolas. Isso precisa ocorrer por meio de movimentações em ambientes virtuais, com a participação de antropólogos que vão liderar as reivindicações, com a finalidade de alcançar um cenário em que os estudantes sejam ensinados sobre a importância da valorização do legado em pauta. Dessa maneira, como desdobramento desse efeito, a caracterização de Paulo Freire não será mais verídica e os benefícios do conhecimento da ancestralidade serão visíveis no Brasil.

NOTA: 960

MARIA LÍVIA

C1: 160 C2: 200 C3: 200 C4: 200 C5: 200

Durante a colonização brasileira, houve um grande intercâmbio cultural entre o Brasil e o continente Africano, devido ao número de escravizados levado à nação. Contudo, embora tenha contribuído na formação da identidade do país, a herança proveniente da África, ainda hoje, é desvalorizada na realidade. Nesse sentido, é necessário alterar a problemática citada e, para isso, é preciso, importante analisar as suas principais causas e as consequências mais relevantes da questão, como o ensino superior e o esquecimento dos legados, respectivamente. Então, ao entender os fatores destacados, será possível realizar medidas que eliminem esses desafios para a valorização da cultura em pauta.

Sob esse viés, é válido ressaltar que as escolas não abordam o tema de forma eficiente. Para fundamentar a relação descrita, é pertinente destacar a teoria do pensador Paulo Freire, a qual afirmou que o ensino brasileiro prioriza tópicos favoráveis ao sistema capitalista, como a gestão financeira, e banaliza discussões relacionadas às Ciências Humanas, a importância da cultura e do respeito, por exemplo. Trazendo o repertório exposto à análise concreta, compreende-se que, muitas vezes, as instituições educacionais não investem o tempo disponível em debates sobre a herança africana, permitindo a formação de novas gerações que desvalorizam essa cultura, já que não foram instruídas quanto à importância dela na identidade nacional, com influências no vocabulário, na gastronomia e nos hábitos de vida. Logo, como uma reportagem do jornal The News destacou que mais de 60% dos estudantes entrevistados afirmaram que as escolas em que são matriculadas considera a preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio mais importante que a formação humana dos alunos, a conduta dessas organizações deve ser alterada para alcançar a valorização almejada.

Consequentemente, acontece o apagamento desse legado no país. Isso ocorre, pois a inferiorização de tal herança, que é demonstrada pela quantidade insuficiente de propagação dos conhecimentos em pauta, faz com que, de geração em geração, cada vez menos pessoas no Brasil saibam das diferentes manifestações culturais provenientes do continente em pauta. Em tal perspectiva, esse cenário é um problema, já que, com base no líder indígena Daniel Munduruku, o reconhecimento do ancestralidade é fundamental, para que os sofrimentos e os sacrifícios dos antepassados, como a escravidão, sejam lembrados e os valores éticos e morais ensinados por eles sejam interiorizados. Assim, a falta de valorização faz com que os aprendizados que poderiam ser obtidos com os africanos, como a resistência e a resiliência, sejam perdidos, o que não deveria ocorrer.

Portanto, a sociedade civil, enquanto responsável por pressionar as autoridades em prol de mudanças, deve realizar manifestações solicitando o ensino sobre as heranças africanas em escolas. Isso precisa ocorrer por meio de movimentações em ambientes virtuais, com a participação de antropólogos que vão liderar as reivindicações, com a finalidade de alcançar um cenário em que os estudantes sejam ensinados sobre a importância da valorização do legado em pauta. Dessa maneira, como desdobramento desse efeito, a caracterização de Paulo Freire não será mais verídica e os benefícios do conhecimento da ancestralidade serão visíveis no Brasil.

FILIPPE AUGUSTO

Cl: 180 | C2: 180 | C3: 180 | C4: 200 | C5: 200

Na canção “Eu”, o artista mineiro Djonga expõe as suas dificuldades para conquistar sucesso no mercado musical, uma vez que o cantor, enquanto um jovem negro, não se adequa aos padrões hegemônicos que apreciam, majoritariamente, a cultura branca. De maneira análoga, a problemática vivenciada por Djonga é semelhante ao cenário nacional, tendo em vista a deficiente valorização da herança africana no Brasil, o que evidencia a mesma exclusão retratada pelo cantor. Assim, é imprescindível debater acerca dos desafios que potencializam essa desvalorização, como o legado histórico do país e a falta de discussões pedagógicas.

Nesse contexto, é fundamental apontar que as permanências históricas do colonialismo impedem a valorização da herança africana no território nacional. À vista disso, segundo o sociólogo Aníbal Quijano, em seu conceito “Colonialidade”, as antigas colônias da América - a exemplo do Brasil -, ainda que, atualmente, sejam independentes, carregam consigo as marcas da sua dominação. Sob essa perspectiva, é perceptível que, devido à repressão da cultura africana provocada pelos conquistadores portugueses, o povo brasileiro está submerso, nos dias atuais, em um pensamento arcaico que desvaloriza os costumes da população negra. Isso pode ser observado, na prática, pela constante estereotipação, oriunda do passado colonial, em torno dessas tradições historicamente oprimidas, como a indevida associação entre as religiões de matriz africana e o “diabo” - ser maligno da crença popular. Com isso, é inadmissível que, devido à “Colonialidade” do país, responsável por criar essa mentalidade estigmatizante, a cultura africana seja desvalorizada.

Ademais, é válido ressaltar a escassez de abordagens educativas como um entrave para a valorização da herança africana no Brasil. Desse modo, cabe mencionar o conceito de “educação bancária”, elaborado por Paulo Freire, o qual apresenta a exclusiva preocupação das escolas brasileiras em formar mão de obra, negligenciando, por consequência, o ensino sobre a identidade nacional. Sob essa ótica, percebe-se a falta de debates, nas salas de aula do país, a respeito dos costumes e das tradições dos povos africanos, visto que, assim como dito por Freire, esse tipo de conteúdo não satisfaz o principal objetivo da educação brasileira: o de produzir trabalhadores para servir à economia capitalista. Logo, enquanto o ambiente escolar nacional for permeado por essa lógica mercadológica, os estudantes do país, infelizmente, permanecerão desinformados sobre a cultura negra, o que mantém a desvalorização.

Portanto, é urgente tomar medidas para promover a valorização da herança africana no país. Para isso, urge que o Ministério dos Direitos Humanos - órgão responsável pela cidadania dos brasileiros - divulgue, por meio de vídeos rápidos, nas redes sociais, obras que enalteçam figuras negras do país - a exemplo de filmes sobre líderes de religiões africanas -, a fim de romper com o legado histórico, amenizando a estereotipação. Além disso, é necessário que o Ministério da Educação altere a grade curricular das escolas, com a finalidade de ampliar as discussões acerca da cultura negra, o que conscientizará os estudantes, promovendo a valorização. Com efeito, a herança africana brasileira, finalmente, estará distante daquelas dificuldades enfrentadas por Djonga.

NOTA: 960

CLARA LUA

CE: 160 | C2: 200 | C3: 200 | C4: 200 | C5: 200

Na pintura “A Redenção de Cam”, de Modesto Brocos, é possível observar uma senhora negra agradecendo a Deus por sua neta, oriunda da miscigenação brasileira, não ter herdado traços típicos da população africana. Tal obra é extremamente relevante no Brasil hodierno, uma vez que reflete um costume histórico no país: o repúdio às heranças africanas, que corrobora com a manutenção de uma sociedade desigual e excludente. Acerca disso, a fim de superar os desafios para a valorização da tradição afro-brasileira, temas como a inação estatal e a estigmatização precisam ser abordados.

Diante do exposto, primeiramente, vale retomar o desamparo governamental como um agente impulsionador da desvalorização da cultura afrodescendente no Brasil. Isso posto, é necessário avaliar que, de acordo com Noberto Bobbio, as autoridades deveriam não só oferecer uma legislação ao corpo civil, como também garantir que ela seja cumprida. Todavia, embora a Lei brasileira condene o racismo e a perseguição religiosa, a punição desses crimes é ineficiente no país. Dessa forma, tornam-se comuns, por exemplo, casos nos quais centros religiosos de matriz africana são destruídos, o que contribui para um apagamento sistemático da herança africana. Logo, enquanto o Estado fizer vista grossa à aplicação de suas leis, o descaso com os valores afrodescendentes persistirá.

Em segunda análise, outro fator a evidenciar é o papel da estigmatização como obstáculo para a valorização da tradição africana brasileira. No que tange a isso, torna-se relevante o conceito de “estigma”, desenvolvido por Ervin Goffman: trata-se da atribuição de características negativas a um grupo que não corresponde às normas sociais vigentes, o que leva à exclusão de seus integrantes. Sob essa perspectiva, a designação de estereótipos ruins à população e à cultura afro-brasileira remete a um passado colonial e racista no Brasil, que continua difundindo a desvalorização de heranças africanas. Nesse contexto, ademais, pessoas negras são ensinadas a se afastar de suas origens identitárias, analogamente ao cenário retratado em “A Redenção de Cam”. Assim, é possível perceber como a estigmatização resulta na invisibilidade da memória africana no território nacional.

Destarte, uma ação deve ser tomada para combater o revés em questão. Em vista disso, o Ministério da Cultura deve promover uma campanha de reeducação da população brasileira quanto à ilegalidade do racismo e à importância sociocultural da bagagem africana no Brasil. Isso será alcançado através da divulgação, nos veículos midiáticos nacionais, de uma série de propagandas educativas, que informe sobre formas de denúncia de racismo e divulguem tradições culturais afro-brasileiras. Essa ação terá como objetivo reforçar a legislação vigente e mitigar a estigmatização de heranças afrodescendentes.

JOSÉ S. ÂNGELO

CE: 160 C2: 200 C3: 200 C4: 200 C5: 200

O filme "Medida Provisória" retrata um Brasil distópico, no qual é estabelecido um decreto federal eugênico que proibia a permanência da população preta e toda manifestação afro-brasileira no território. Embora a representação extrapole o debate acerca da questão étnico-racial no âmbito nacional, o drama oferece, com exímia precisão, uma reflexão a respeito dos desafios para a valorização da herança africana no Brasil. Nessa perspectiva, para discutir esse insustentável tema, é preciso analisar a persistência de ideais retrógrados e a deficiência do ensino do tema.

É relevante enfatizar, a princípio, que a intolerância religiosa ao patrimônio cultural africano é inversamente proporcional ao avanço do país. Nesse contexto, ao priorizar a repulsão em detrimento da inclusão, o indivíduo acabar por fortalecer cenários de marginalização de identidades diversas, o que gera, entre outros malefícios, a violência prejudicialmente direcionada, ótica representada cinematograficamente em "Besouro". O filme de 2018, ao tematizar o período escravagista, acompanha a jornada do escravo Besouro que, em dado momento, tem seu tempo religioso queimado pelos senhores da terra. Sob esse viés, a desvalorização dos costumes geracionais desses grupos, sem dúvidas, põe em risco o equilíbrio e melhora da sociedade.

Além disso, a efetiva aplicação dos ensino das tradições africanas é um fator imprescindível na esfera estudantil, especialmente no que tange a formação cidadã da pessoa. Isso se dá, pois reconhecer e entender a importância da pluralidade sociocultural, o aluno cria condições para quebrar preconceitos e intensificar práticas de respeito. A lei nº 10639 configura-se como marco de progresso, nesse sentido, ao tornar obrigatório o lecionamento historicocultural africano-brasileiro. Contudo, essa legislação enfrenta entraves na sua verdadeira implementação, em virtude de uma resistência arcaica, que valoriza, sobretudo, contribuições eurocêntricas em negligência à herança do povo negro tão presente no Brasil. Como resultado dessa dinâmica, os alunos são impedidos de crescerem intelectualmente, o que, a longo prazo, favorece a manutenção do panorama discriminatório. Assim sendo, é essencial a mudança desse comportamento radicalmente limitante.

Portanto, é notório que a herança africana convém não só ser valorizada, mas também ser discutida no espaço nacional. Para tanto, o Ministério da Educação e Ministério da Cultura - pastas executivas encarregadas na melhor formação do cidadão e na disseminação de valores culturais diversos, respectivamente - devem criar, por meio do auxílio de escolas, universidades e plataformas de comunicação, projetos comunitários abordando a importância de valorizar perspectivas e tradições afrobrasileiras, com o objetivo de, gradativamente, mitigar preconceitos enraizados e, ao mesmo, favorecer o ensino dos alunos. Mediante essas ações concretas, tornar-se-á possível a criação de uma sociedade, na qual a realidade representadas em "Medida Provisória" figurará tão somente em telas de cinema.

NOTA: 960

DIOGO MEDEIROS

C1: 160 | C2: 200 | C3: 200 | C4: 200 | C5: 200

No Brasil do início do século XX, fortes correntes de defesa do evolucionismo cultural pautaram as políticas públicas da República recém proclamada, orientando uma valorização institucional da cultura colonial europeia frente ao apagamento de memórias nacionais relacionadas à influência africana. O cenário em questão ainda persiste na atualidade, tendo em vista as baixas investimentos estatais voltadas à produção de arte e de exposições que resgatem a herança de povos pretos, consequentemente prejudicando a formação identitária e engajada dos cidadãos. Logo, o descaso com a preservação da história afro-brasileira e seus reflexos sociais são desafios a serem combatidos.

Sob esse viés, cumpre destacar a origem da destinação reduzida de recursos a produções de protagonismo negro no país. Para entender o exposto, recorre-se à ideia do “Campo Burocrático”, de Pierre Bourdieu, que aborda os mecanismo de decisão no âmbito político e a forma como lutas ligadas a grupos minoritários, a exemplo da arte contra o racismo, tendem a ser silenciadas ante projetos associados às elites, uma vez que estas são detentoras do poder econômico que financia o Estado. Assim, artistas que resgatam a memória africana sofrem com dificuldades de financiamento em seus trabalhos, reduzindo a chance de publicação de livros, de filmes e de músicas engajadas no tema, como verificado nos obstáculos enfrentados pela autora mineira Conceição Evaristo na divulgação de seus textos. Portanto, faz-se clara a constituição da negligência governamental e do baixo número de produções afro-brasileiras como barreiras à valorização da herança preta.

Por conseguinte, o contato da população com os bens culturais citadas anteriormente é prejudicado, bem como a formação da consciência étnica e social decorrente do processo mencionado. Isso ocorre pois, como aborda o pedagogo Paulo Freire, o entendimento das necessidades de mobilização contra a opressão e da importância da reafirmação identitária dependem de uma educação que inclua o resgate das memórias culturais e artísticas, o que é barrado pelo cenário de apagamento negro reportado. Como resultado, as populações em questão sofrem com a baixa força de reivindicação política, o que reduz a capacidade dessas pessoas de lutar, por exemplo, pela representatividade parlamentar, fato evidenciado pela participação percentual de pessoas pretas no Congresso Nacional muito inferior àquela verificada na distribuição étnica do povo brasileiro.

Então, tendo em vista as causas da desvalorização da herança africana no Brasil e seus efeitos negativos, é dever do Governo Federal, em parceria com o Ministério da Cultura, instituir o aumento dos incentivos financeiros à arte identitária preta no país, por meio de um decreto oficial. Essa medida terá a finalidade de elevar as possibilidades de contato popular com as obras em questão, garantindo um processo formacional inclusivo, justo e capaz de expandir o engajamento social, como defender Paulo Freire.

NOTA: 960

LUISA INÁCIO

C1: 160 | C2: 200 | C3: 200 | C4: 200 | C5: 200

Segundo a Sociologia, “epistemicídio” é a destruição das representações culturais e dos conhecimentos de um povo por outro. Nesse viés, o cenário decorrente da escravidão dos negros, a partir do século XVI foi marcado pelo epistemicídio de grande parte da herança africana trazida com esses povos ao Brasil. Assim, hodiernamente, há vários desafios para o reconhecimento do legado remanescente relativo à África, como a pouca discussão da temática no âmbito coletivo e várias consequências desse processo, em destaque a manutenção de uma estrutura de uma sociedade racista.

Diante desse cenário, é indubitável que um dos grandes impasses para a valorização da ancestralidade afrodescendente é a baixa ocorrência de debates sobre o tema na sociedade brasileira. Isso ocorre, porque existe um sistema de supressão de determinadas pautas, como esta, que é responsável pelas hierarquias sociais. Nessa lógica, o filósofo Michel Foucault teorizou sobre um silenciamento relativo, ao qual é possível atribuir a manutenção do status quo das elites e das culturas dominantes, em detrimento da opressão de minorias, nesse caso dos negros e de suas origens. Dessa forma, ao não se discutir sobre a atribuição de valor à herança africana, ela acaba se tornando um tabu e, por conseguinte, é invisibilizada e subestimada pelo restante do corpo social.

Consequentemente, esse silenciamento do legado relativo à África concretiza e perpetua uma conjuntura nacional marcada pelo racismo, uma vez que a herança escravista foi geradora de assimetrias que segregam, até hoje, essas pessoas do pleno cenário em comunidade. Nesse sentido, o sociólogo Jessé Souza afirma a existência da “ralé brasileira”, um agrupamento marcado pelo descaso e pelo preconceito. Portanto, situações racistas são corriqueiras e, infelizmente, normalizadas por uma parcela populacional, fazendo com que os negros sejam inferiorizados ou com que sua ancestralidade seja menosprezada, seja com atitudes diretamente pessoais - como os constantes ataques sofridas pela Titi, filha do ator Bruno Gagliasso - ou mesmo pelo preconceito disfarçado de medo das religiões de matrizes africanas - como a umbanda e o candomblé.

Logo, nota-se que dos grandes empecilhos na valorização da cultura afrodescendente é o pouco debate desse tema em espaços coletivos, e por sua vez, isso mantém a estrutura racista característica do país. Sob tal prisma, o Ministério da Comunicação em parceria com as grandes mídias televisivas capazes de alcançar um grande público - deve promover a visibilidade e a desmistificação da herança africana, por meio de campanha e de programas culturais a serem vinculados nos horários nobres, a fim de fomentar uma visão sociocultural mais integradora, consciente e menor excludente, que propicie o debate da pauta em questão e diminua o racismo por falta de informação. Além disso, a sociedade civil deve se organizar em movimentos coesos com o fito de cobrar legislações mais rigorosas para coibir o crime do racismo.

NOTA: 960

GABRIEL CARVALHO

C1: 180 C2: 200 C3: 160 C4: 200 C5: 200

A Constituição Federal de 1988 garante, no Artigo 5º, os direitos civis aos brasileiros, dentre eles a igualdade de tratamento. Entretanto, essas prerrogativas são ameaçadas para os indivíduos pretos e pardos devido à falta de valorização da herança africana. Isso ocorre porque a mídia nacional é negligente em relação à cultura afrodescendente. Consequentemente, tal cultura é apagada e o racismo é perpetuado no meio social. Portanto, o Poder Público deve criar novas leis que visem superar os desafios que contribuem para a atual realidade.

Sob essa ótica, é válido discorrer sobre como os veículos de comunicação brasileiros ignoram a cultura negra e de que forma isso dificulta a valorização da herança africana. Inicialmente, destaca-se que os grandes canais midiáticos do país retratam os afrodescendentes sob um recorte, na maioria das vezes, negativo, associando as origens dos cidadãos pretos somente à escravidão e à posição de dominado. Por exemplo, nas novelas da Rede Globo, que ilustram o passado colonial brasileiro, os negros são, em sua maioria, retratados como escravizados cuja única função é servi aos seus senhores, ignorando toda a origem e a cultura afro-brasileira. O motivo pelo qual os pretos e pardos são caracterizados dessa maneira está no Racismo Estrutural, conceito da Sociologia que afirma que as estruturas da sociedade contemporânea perpetuam a opressão e a discriminação dos negros em suas camadas sociais, culturais e econômicas. Tais estruturas inferem que os afrodescendentes são inferiores aos brancos e menos capazes que eles. Assim, entende-se que a mídia compõe uma das camadas racistas e, por isso, os canais de comunicação negligenciam a herança africana.

Por seguinte, a cultura negra brasileira é apagada e o preconceito contra os pretos e pardos é perpetuada. Nessa perspectiva, observa-se que a falta de valorização das tradições africanas caracteriza uma forma de Epistemicídio, fenômeno estudado por filósofos e sociólogos contemporâneos que diz respeito à tentativa de apagamento dos meios de conhecimento de determinado grupo. Esse fenômeno é um dos principais instrumentos de dominação racial e contribui para a hegemonia de uma parcela populacional sobre outra. No contexto nacional, a ausência de importância dada às origens e às tradições dos afrodescendentes leva à fragmentação da memória e da identidade coletiva dos negros, fator esse que torna a dominação da cultura eurocêntrica mais fácil e permite a perpetuação do Racismo Estrutural. Então, fica claro de que maneira a falta de valorização da herança africana leva ao apagamento da cultura afrodescendente e à permanência das estruturas preconceituosas.

Logo, com o objetivo de acabar com a negligência midiática em relação às tradições afrobrasileiras, a Câmara dos Deputados, órgão constituinte do Poder Legislativo do Brasil - deve, por meio de votações em Brasília, criar leis que determinem um número mínimo de horas nos quais os canais de televisão devem transmitir programas que valorizem as heranças africanas, visto que isso impediria que a mídia ignorasse a cultura negra. Dessa forma, as tradições afro-brasileiras não seriam apagadas e o Racismo Estrutural não se perpetuaria.

NOTA: 940

JULIA CAROLINA

C1: 160 | C2: 200 | C3: 180 | C4: 200 | C5: 200

De acordo com historiadores, estima-se que durante o período colonial brasileiro foram trazidas mais de 3 milhões de pessoas originárias de diferentes etnias e regiões do continente africano. Sob a condição de escravizados, parte desses indivíduos teve suas particularidades identitárias suprimidas, gerando um apagamento cultural. Dessa forma, as consequências disso são notadas até hoje, visto que, mesmo a população brasileira (segundo o IBGE) sendo composta por 56% de afrodescendentes, a herança africana ainda enfrenta desafios para ser valorizada no Brasil. Portanto, cabe entender como o silenciamento midiático e a inoperância estatal agem como obstáculos à resolução desse problema.

A princípio, deve-se debater sobre como a falta de destaque na mídia dificulta a valorização da herança africana no Brasil. Segundo a ilustre filósofa Djamila Ribeiro, o primeiro passo para o enfrentamento de um problema é o fim de sua invisibilidade. Sob essa perspectiva, entende-se que a mídia, exercendo o papel de principal vinculadora de informações à população, é um dos agentes responsáveis por disseminar o legado da cultura africana no Brasil. Entretanto, ao não incluir conteúdos gerados a partir desse assunto em suas produções, assume uma postura passiva diante da situação e falha na função de combater tal invisibilidade. Portanto, o fim do silenciamento midiático deve ser uma das questões enfrentadas para a atenuação da problemática.

Ademais, é necessário compreender como a inércia governamental atua como desafio à solução do imbróglgio discutido. A partir disso, Zygmunt Bauman conceitua as “Instituições Zumbis”, que são aquelas que não cumprem com o seu papel na sociedade. Dessa forma, o Estado brasileiro, ao não promover a valorização africana, rompe com a ideia de isonomia prevista em sua Constituição Federal, já que impede uma parcela da população de obter acesso a seu passado histórico e cultural. Assim, tal instituição se encaixa dentro do conceito criado pelo filósofo. Então, a inoperância estatal atua como outra causa a ser enfrentada para solucionar a questão discutida.

É necessário, portanto, que medidas sejam tomadas para promover a valorização da herança africana no Brasil. O governo federal — responsável pelo bem-estar geral dos brasileiros —, juntamente com a mídia e com o Ministério da Cultura, deve criar campanhas e espaços de debate, por meio da injeção de capital público e privado, com a finalidade de incentivar o acesso ao legado deixado pelos antecessores africanos. Além disso, o Ministério da Educação deve incluir na grade curricular da educação básica disciplinas que abordem o passado histórico relacionado ao continente africano, a fim de uniformizar o ensino da herança africana nas escolas. Assim, espera-se que o cenário atual seja revertido.

MARCOS VINICIUS

C1: 160 C2: 200 C3: 180 C4: 200 C5: 200

20 de Novembro, feriado do “Dia da Consciência Negra”, é considerada o marco nacional da valorização da população preta. Entretanto, apesar da institucionalização dessa data, há a permanência de desafios para reconhecer a cultura africana no país, haja vista as tristes heranças escravocratas do Brasil. Nesse sentido, agem como fatores a agravar essa problemática: a insuficiência educacional e as lacunas na execução das leis.

Sob esse viés, é essencial consolidar o falho papel escolar no combate ao problema. Nessa circunstância, a análise da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento padronizador das diretrizes pedagógicas, possibilita perceber as deficiências de abordagem dos costumes e dos legados dos povos afro-brasileiros, uma vez que esses indivíduos são estudados, majoritariamente, sob a perspectiva do cruel período de escravidão, mas não como populações diversas e construtoras de cultura. Essa negligência do ensino ocorre, sobretudo, porque as escolas, alinhadas ao modo capitalista de lucro máximo, visam, muitas vezes, à aprovação estudantil, visto que ela gera retorno financeiro, porém ignoram a importância de conscientizar os jovens da riqueza do patrimônio artístico africano, como a capoeira, para geração de uma pedagogia transformadora. Assim, o vigente modelo educacional dificulta a formação de uma sociedade ciente das heranças africanas no Brasil.

Ademais, é fundamental destacar o insuficiente funcionamento do aparato legislativo. Nessa conjuntura, o jornalista Alberto Dimmenstein denuncia o caráter pouco pragmático das leis brasileiras, pois elas são aprovadas, todavia não são executadas. Prova disso é o artigo 215 da Constituição Federal de 1988, cujas diretrizes abordam a importância da preservação do patrimônio cultural, porém essa premissa de proteção não é assegurada integralmente, porque as constantes degradações às religiões de matrizes africanas - como a umbanda - explicitam a carência de políticas públicas de assistência às tradições da população preta. Essa irresponsabilidade do poder político acontece, principalmente, pois os costumes dos povos em questão são subjugados, resultando na não operacionalização de mecanismo de conservação, por exemplo, canais de denúncia contra crimes ao patrimônio afro-brasileiro. Desse modo, a não execução das leis, por parte dos governantes, aprofunda os desafios na valorização da herança negra.

Portanto, ao entender os fatores que agravam o problema, cabe ao Ministério da Educação, órgão desenvolvedor de projetos pedagógicos, promover, nas escolas, o reconhecimento do legado africano, por meio da criação da disciplina “Estudos Afro-brasileiros”, a qual buscará transmitir essa rica cultura, a fim de promover maior valorização pela sociedade. Além disso, o Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania, deve estimular o combate à violência patrimonial, mediante a construção de canais de denúncia, como sites, com o fito de erradicar a destruição da cultura africana

NOTA: 940

BERNARDO BRAZ

CE: 160 | C2: 200 | C3: 200 | C4: 180 | C5: 200

O tráfico negreiro, que transportava negros africanos para serem escravos no Brasil desde o século XVI, provocou um intenso intercâmbio cultural, presente até os dias atuais, por exemplo, nas doenças, na religião e na culinária. Sob tal perspectiva, nota-se que, infelizmente, essa rica herança africana é desvalorizada no país, encontrando, de tal modo, maléficos desafios para sua valorização, como a narrativa eurocêntrica sobre a história dos povos africanos e o profundo preconceito racial presente na sociedade brasileira.

De início, ressalta-se o silenciamento sofrido pelos afrodescendentes no cenário nacional, os quais têm sua história contada por descendentes de europeus. A título de embasamento, cita-se a autora Chimamanda Adichie, que, em seu livro "O perigo de uma história única", denunciou o constante apagamento da cultura africana, a qual é desvalorizada e adequada à perspectiva eurocêntrica. Tal invisibilização é identificada, na realidade concreta, pela falta de conhecimento dos próprios negros sobre a herança africana no país, fato exposto pelo cantor negro Djonga, no podcast "Podpah", o qual disse que não foi ensinado sobre a importância africana na composição do patrimônio cultural brasileiro, apenas sobre o período escravagista, resumindo, assim, a participação dos negros ao trabalho escravo e omitindo a diversidade cultural produzida por ele, como a capoeira. Logo, entende-se a urgência de mudança da situação.

Ademais, é possível destacar que a valorização das práticas culturais advindas da África é dificultada pela intensa discriminação racial no país. De acordo com o sociólogo Pierre Bourdieu, existe um tipo de violência simbólica, que consiste na desvalorização dos costumes típicos de um grupo social ou étnico subjugado. Nesse sentido a ideia defendida pelo autor se manifesta no contexto vivenciado pelos povos afrodescendentes no Brasil, os quais sofrem com o sistemático preconceito racial, que motiva a estigmatização das manifestações culturais de matriz africana. A fim de exemplificar o fenômeno apresentado, tem-se o comediante carioca Yuri Marçal, o qual foi vítima de injúria racial e de preconceito religioso, uma vez que, nas redes sociais, expressa sua religião de matriz africana, o Candomblé. Então, observa-se a maleficidade desse problema.

Portanto, com base no cenário desafiador em questão, cabe ao Governo, órgão regente dos três poderes, disseminar uma narrativa sobre a herança africana construída sob um viés negro identitário. Tal ação deve ser realizada por meio de projetos desenvolvidos junto a vozes políticas afrodescendentes, com o intuito de valorizar a herança africana no Brasil. Além disso, o Governo deve ampliar a fiscalização contra casos de intolerância étnica e cultural, para modificar a problemática

NOTA: 940

ESTHER MARIA

C1: 180 C2: 200 C3: 160 C4: 200 C5: 200

Na música “olhos coloridos”, a cantora Sandra de Sá exalta a miscigenação ao ressaltar, em especial, o orgulho de traços étnicos pretos. A realidade nacional, no entanto, segue distante do pleno reconhecimento deste que é um dos três principais grupos formadores da sociedade brasileira: os africanos. Assim, revela-se a urgência do debate acerca dos obstáculos impostos a valorização da herança africana no país. Sobre isso, aspectos tanto segregacionistas quanto educacionais são de destaque.

A respeito da participação africana no patrimônio cultural brasileiro, é importante a análise do racismo estrutural. Essa problemática, no caso, manifesta-se na marginalização da comunidade negra e, conseqüentemente, na subvalorização de suas contribuições. Nesse sentido, a exclusão tem gênese colonial, período que, mesmo após a abolição da escravidão, os recém libertos seguiam vítimas de negligência e feridos à margem da sociedade - origem dos cortiços cariocas, por exemplo. Ainda historicamente, nota-se tal segregação na construção da identidade brasileira, haja vista o apagamento da participação cultural africana quando proclamada a República - nesse contexto, o índio foi eleito herói nacional em obras como “Iracema”, contraponto à ex-metrópole lusa. Com isso, é evidente, a partir de um viés histórico, a exclusão sofrida pelo povo africano e sua descendência, o racismo estrutural, de modo que impacta negativamente seu reconhecimento como parte ativa na formação cultural do Brasil.

Além disso, deve-se destacar o desafio de ordem educacional para o reconhecimento de herança africana, dado a abordagem reducionista do assunto nas escolas. Sob essa ótica, a importância de um ensino aprofundado é abordada em produções midiáticas, como a série norte-americana “Abbot Elementary”, que se passa em uma escola de bairro de maioria preta. No enredo, um dos únicos professores brancos é acusado de ensinar a história da comunidade superficialmente por um pai, apenas no dia da consciência negra. Entretanto, a diretora exalta tal docente dedicava aulas ao longo de todo o ano para o assunto. A vida real, analogamente ao denunciado na série, também carece de aplicação e cobrança sobre o ensino da herança africana no meio educacional.

Dessa forma, entende-se a necessidade de combate nos obstáculos existentes para o reconhecimento da herança africana no país. Para tanto, cabe ao Ministério da Educação - responsável pela manutenção do ensino - investir na ampliação do debate relacionado à cultura negra nas escolas. Isso deve ser feito por meio de palestras, com o objetivo de promover a plena inclusão desse povo na identidade nacional. Espera-se, assim, um verdadeira valorização da pluralidade étnica proclamada por Sandra de Sá

DANIELA GÓMEZ

C1: 160 C2: 180 C3: 180 C4: 200 C5: 200

Pode-se definir como herança africana a preservação dos costumes e da cultura dos povos pertencentes ao continente africano. No entanto, ainda é o problema no Brasil a falta de visibilidade deste legado. Desta forma, a fim de conter o avanço da desvalorização da herança africana no Brasil é necessário um olhar mais atento para a falta de aprofundamento da cultura afrodescendente nas escolas, assim como, para o pouco reconhecimento dado a personalidades negras.

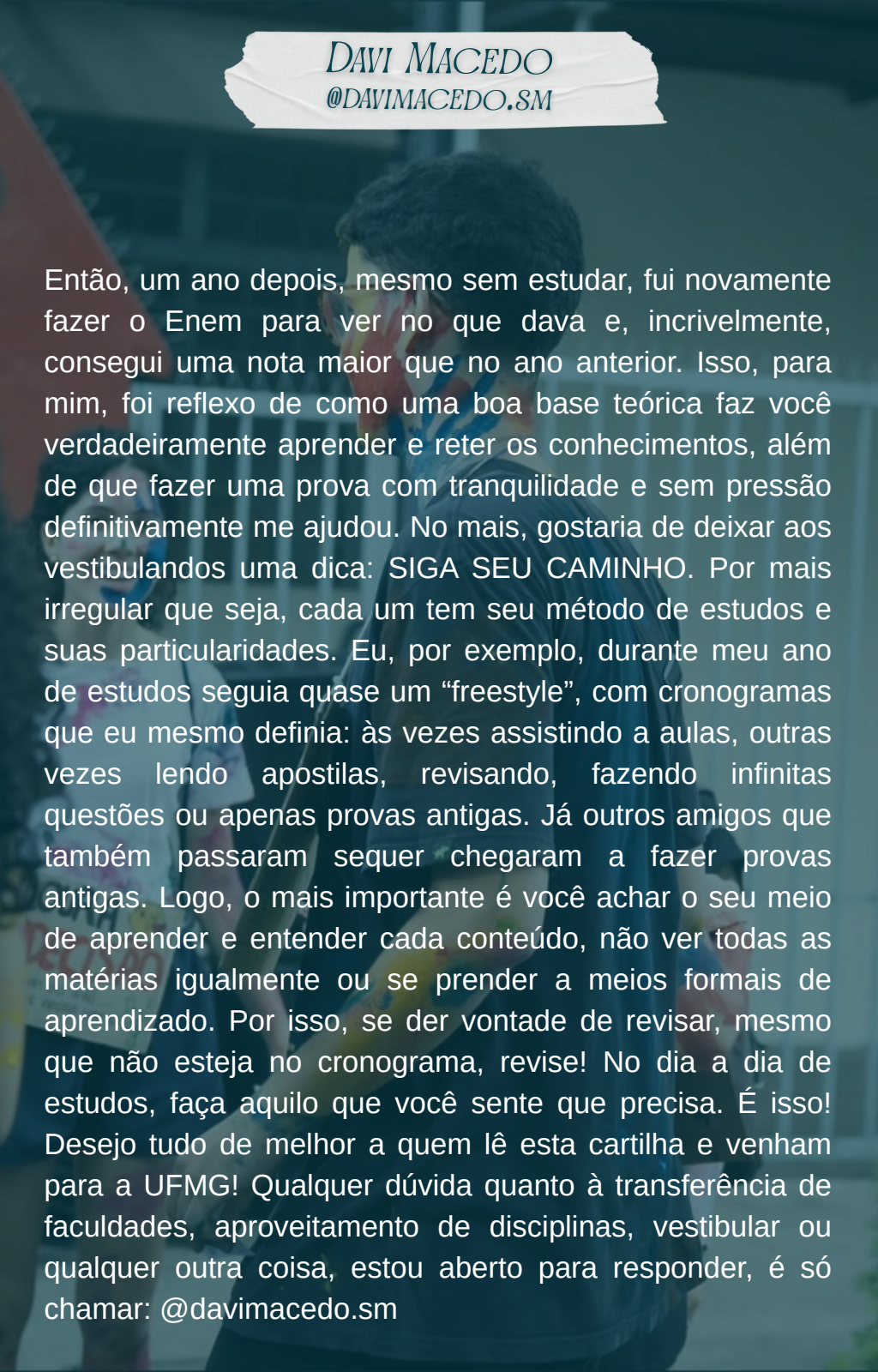
Em primeiro lugar, é necessário observar a falta de ensino sobre a cultura negras nas escolas brasileiras. Certamente, no cenário atual, dificilmente um estudante de escola pública conheça a obra “Quarto de Despejo” da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, então é de se esperar que tampouco tenha conhecimento algum de que dita obra influenciou à escritora martinicana Françoise Egá a escrever seu livro “Cartas a uma negra”. Nesse sentido, é notório que não existe uma educação minimamente voltada ao ensino da cultura negra, o que se torna preocupante diante do fato de que mais da metade da população brasileira se identifica como preta. Em vista disso, a educação do país não reflete nas mais mínimas condições o impacto sociocultural que, a herança africana, possui no país.

Além disso, a falta de reconhecimento dado a personalidades negras é um entrave no que tange ao tema. Neste raciocínio, os cidadãos brasileiros conhecem algumas personalidades negras como Pelé e Glória Maria, porém, o repertório de famosos negros brasileiros ainda é muito vago dado que existe uma grande invisibilidade em relação aos “destaques” negros do Brasil pois a maioria não recebe o reconhecimento que merece. Desse modo, se não houver à disposição da população figuras negras com as quais se identificar, não será gerado o desejo de conhecer àquelas que marcaram o passado do país, consequentemente, apagando cada vez mais a herança vinda do chamado continente negro.

Portanto, a desvalorização da herança africana é um desafio atual no Brasil e são necessárias medidas que resolvam. Assim sendo, cabe ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), que é o maior órgão federal responsável pela educação do país, implementar um projeto sobre a literatura negra brasileira por meio do fornecimento de uma grade de livros a todas as escolas públicas do país, ditos livros deverão ter como fixo obras de brasileiros negros com a finalidade de incentivar o consumo e a valorização da herança africana no Brasil. Desse modo, o país se tornará um exemplo mais justo de preservação e apoio à etnia negra e africana

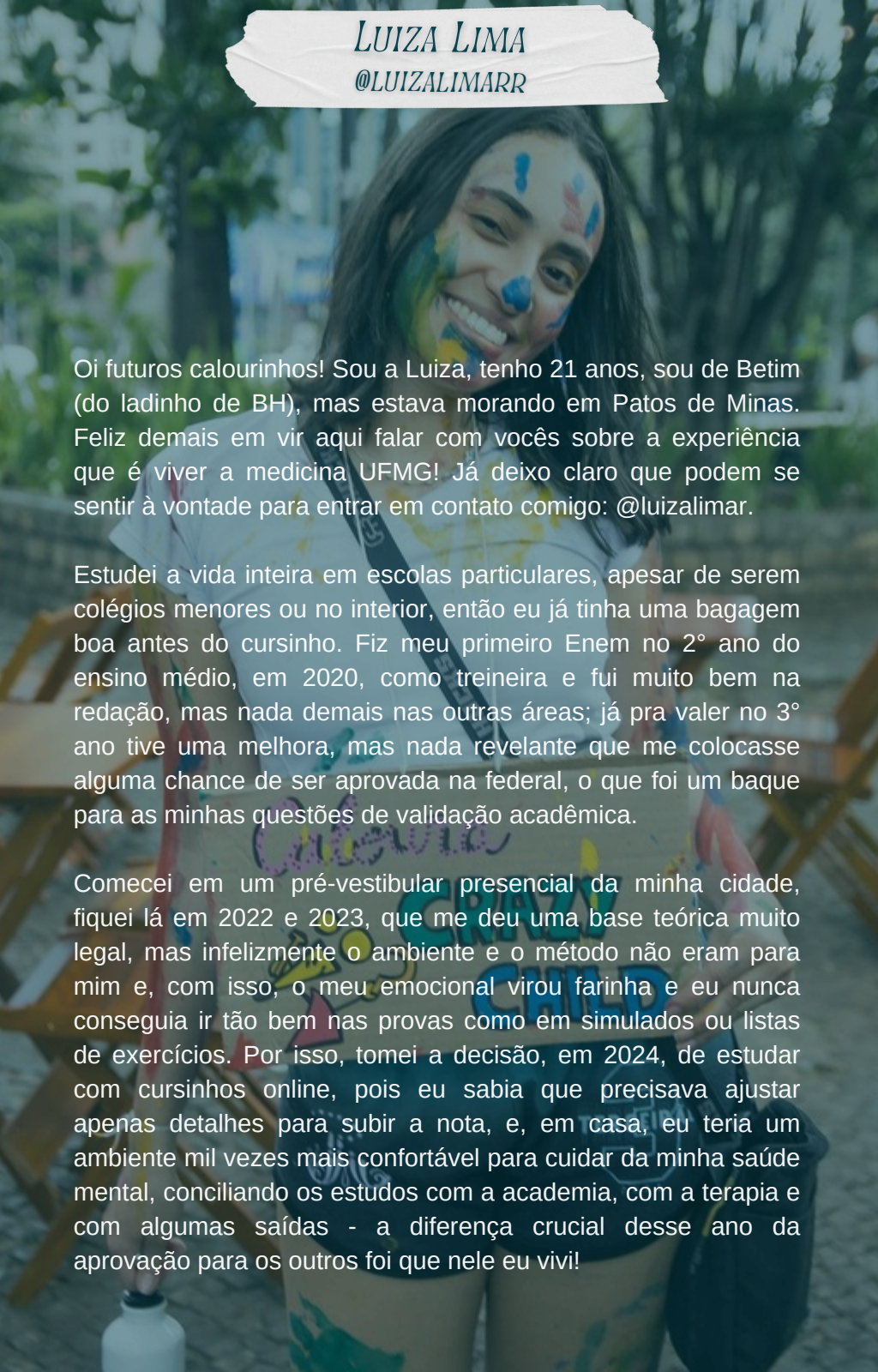
Depoimentos

“Cumpra o pequeno dever de cada momento; faz o que deves e está no que fazes.” Essa frase de Josemaría Escrivá era minha frase de cabeceira durante todo o tempo em que eu era vestibulando. Era o que me lembrava diariamente de fazer, mesmo que pouco, o necessário, pois apenas dali poderiam vir os resultados que eu tanto buscava. Eu vim de uma rotina um tanto quanto diferente. Estudei em cerca de 20 escolas durante minha vida e, assim, nunca pude me prender a um estudo tão formal. Por isso, assinei cursos online desde o segundo ano do Ensino Médio e sempre via muitos conteúdos de estudo no YouTube, uma vez que não podia me apoiar na regularidade das escolas. Durante o Ensino Médio, foquei na construção de uma base geral de estudos, principalmente em matemática, o que me ajudou muito posteriormente, especialmente na velocidade de prova (normalmente conseguia terminar ambos os dias do Enem com cerca de 2 horas para acabar, tempo que eu usava para revisar). Depois do Ensino Médio, fiz um ano de cursinho online, focado no aprofundamento dos conhecimentos que já havia estudado nos dois anos anteriores, e consegui passar na UFSM, onde cursei um ano de Medicina (universidade maravilhosa, por sinal). Mas ainda tinha o sonho de estudar na UFMG, a maior universidade federal do país e mais próxima da minha família, e queria realizar esse objetivo.

A background image showing a student in a classroom setting, looking down at a book or paper. The image is slightly blurred and has a dark, teal-colored overlay. At the top, there is a white, torn-edge banner containing the author's name and social media handle.

DAVI MACEDO
@DAVIMACEDO.SM

Então, um ano depois, mesmo sem estudar, fui novamente fazer o Enem para ver no que dava e, incrivelmente, consegui uma nota maior que no ano anterior. Isso, para mim, foi reflexo de como uma boa base teórica faz você verdadeiramente aprender e reter os conhecimentos, além de que fazer uma prova com tranquilidade e sem pressão definitivamente me ajudou. No mais, gostaria de deixar aos vestibulandos uma dica: SIGA SEU CAMINHO. Por mais irregular que seja, cada um tem seu método de estudos e suas particularidades. Eu, por exemplo, durante meu ano de estudos seguia quase um “freestyle”, com cronogramas que eu mesmo definia: às vezes assistindo a aulas, outras vezes lendo apostilas, revisando, fazendo infinitas questões ou apenas provas antigas. Já outros amigos que também passaram sequer chegaram a fazer provas antigas. Logo, o mais importante é você achar o seu meio de aprender e entender cada conteúdo, não ver todas as matérias igualmente ou se prender a meios formais de aprendizado. Por isso, se der vontade de revisar, mesmo que não esteja no cronograma, revise! No dia a dia de estudos, faça aquilo que você sente que precisa. É isso! Desejo tudo de melhor a quem lê esta cartilha e venham para a UFMG! Qualquer dúvida quanto à transferência de faculdades, aproveitamento de disciplinas, vestibular ou qualquer outra coisa, estou aberto para responder, é só chamar: @davimacedo.sm

A young woman with long dark hair is smiling broadly. Her face is decorated with colorful body paint: blue dots on her cheeks, a blue nose, and green and yellow paint on her chin and neck. She is wearing a white t-shirt with colorful paint splatters. She is holding a sign that says "Café da Criança" in colorful letters. The background is a blurred outdoor setting with trees and other people.

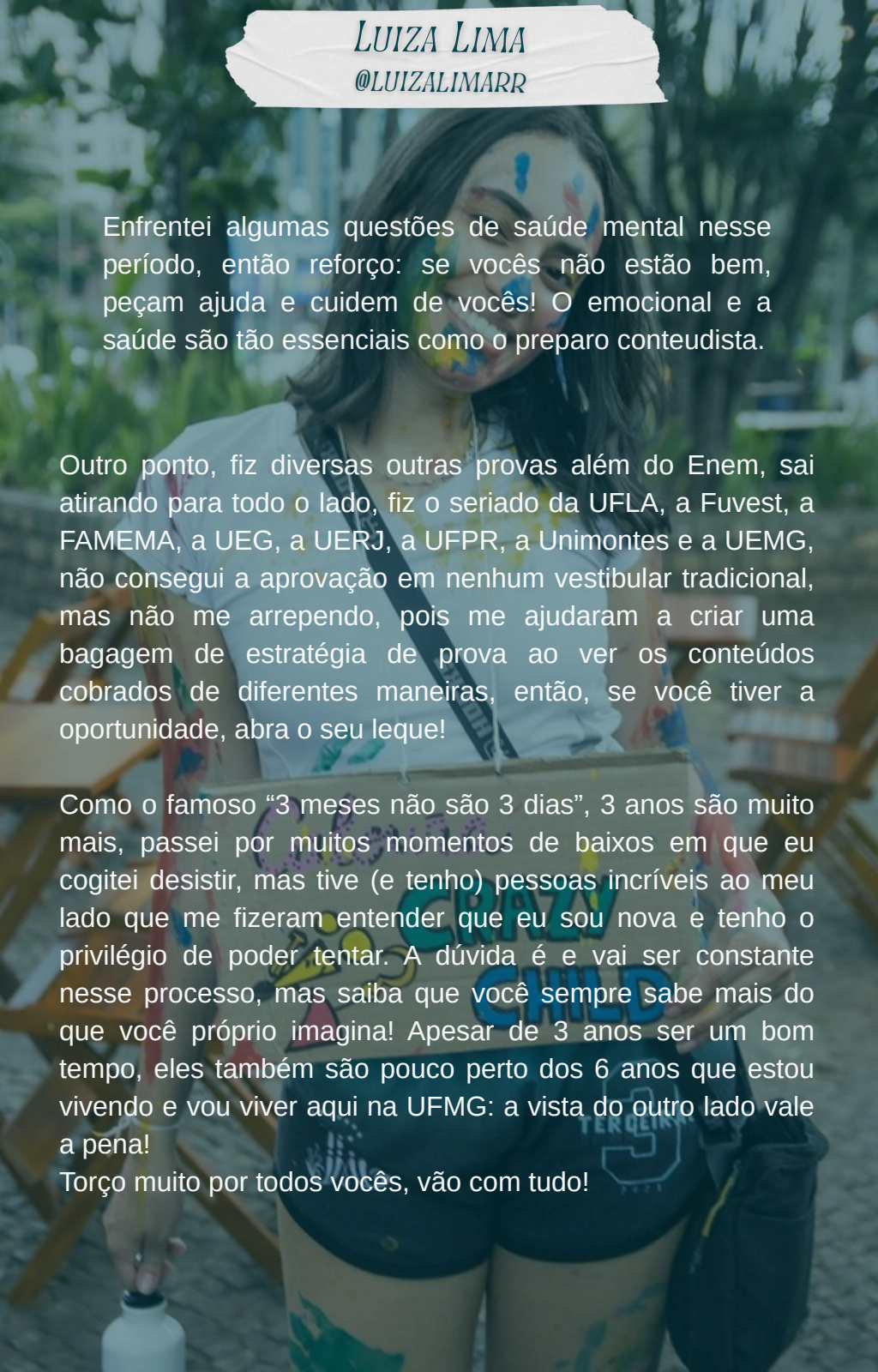
LUIZA LIMA

@LUIZALIMARR

Oi futuros calourinhos! Sou a Luiza, tenho 21 anos, sou de Betim (do ladinho de BH), mas estava morando em Patos de Minas. Feliz demais em vir aqui falar com vocês sobre a experiência que é viver a medicina UFMG! Já deixo claro que podem se sentir à vontade para entrar em contato comigo: @luizalimar.

Estudei a vida inteira em escolas particulares, apesar de serem colégios menores ou no interior, então eu já tinha uma bagagem boa antes do cursinho. Fiz meu primeiro Enem no 2º ano do ensino médio, em 2020, como treineira e fui muito bem na redação, mas nada demais nas outras áreas; já pra valer no 3º ano tive uma melhora, mas nada revelante que me colocasse alguma chance de ser aprovada na federal, o que foi um baque para as minhas questões de validação acadêmica.

Comecei em um pré-vestibular presencial da minha cidade, fiquei lá em 2022 e 2023, que me deu uma base teórica muito legal, mas infelizmente o ambiente e o método não eram para mim e, com isso, o meu emocional virou farinha e eu nunca conseguia ir tão bem nas provas como em simulados ou listas de exercícios. Por isso, tomei a decisão, em 2024, de estudar com cursinhos online, pois eu sabia que precisava ajustar apenas detalhes para subir a nota, e, em casa, eu teria um ambiente mil vezes mais confortável para cuidar da minha saúde mental, conciliando os estudos com a academia, com a terapia e com algumas saídas - a diferença crucial desse ano da aprovação para os outros foi que nele eu vivi!

A young woman with long brown hair is the central figure. Her face is covered in colorful paint splatters (blue, yellow, red). She is wearing a white t-shirt and dark shorts, both also splattered with paint. She holds a cardboard sign in front of her chest that reads "I AM CRAZY CHILD" in colorful, stylized letters. The background is a blurred outdoor setting with green foliage and wooden chairs.

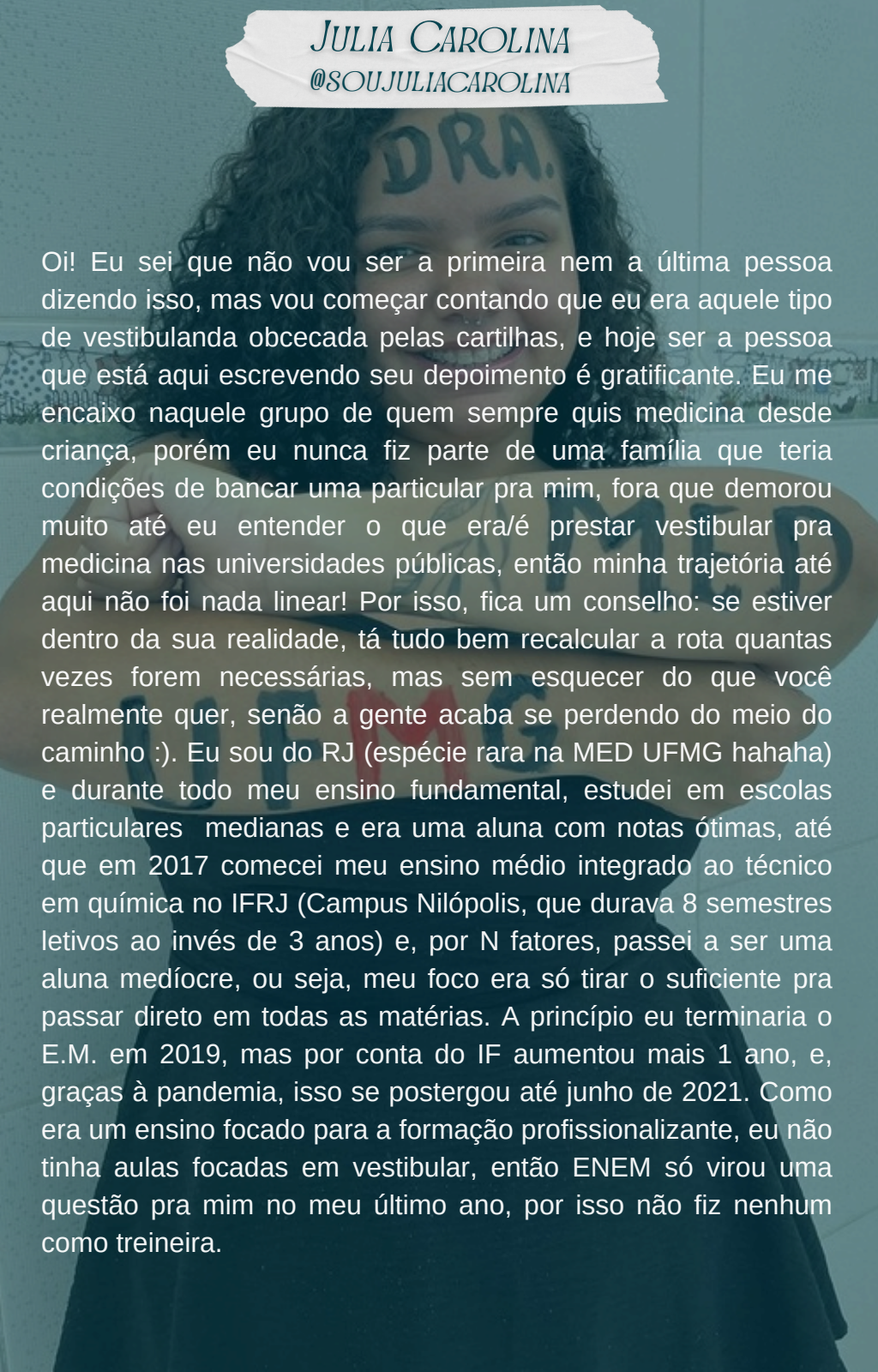
LUIZA LIMA
@LUIZALIMARR

Enfrentei algumas questões de saúde mental nesse período, então reforço: se vocês não estão bem, peçam ajuda e cuidem de vocês! O emocional e a saúde são tão essenciais como o preparo conteudista.

Outro ponto, fiz diversas outras provas além do Enem, sai atirando para todo o lado, fiz o seriado da UFLA, a Fuvest, a FAMEMA, a UEG, a UERJ, a UFPR, a Unimontes e a UEMG, não consegui a aprovação em nenhum vestibular tradicional, mas não me arrependo, pois me ajudaram a criar uma bagagem de estratégia de prova ao ver os conteúdos cobrados de diferentes maneiras, então, se você tiver a oportunidade, abra o seu leque!

Como o famoso “3 meses não são 3 dias”, 3 anos são muito mais, passei por muitos momentos de baixos em que eu cogitei desistir, mas tive (e tenho) pessoas incríveis ao meu lado que me fizeram entender que eu sou nova e tenho o privilégio de poder tentar. A dúvida é e vai ser constante nesse processo, mas saiba que você sempre sabe mais do que você próprio imagina! Apesar de 3 anos ser um bom tempo, eles também são pouco perto dos 6 anos que estou vivendo e vou viver aqui na UFMG: a vista do outro lado vale a pena!

Torço muito por todos vocês, vão com tudo!



JULIA CAROLINA

@SOUJULIACAROLINA

Oii! Eu sei que não vou ser a primeira nem a última pessoa dizendo isso, mas vou começar contando que eu era aquele tipo de vestibulanda obcecada pelas cartilhas, e hoje ser a pessoa que está aqui escrevendo seu depoimento é gratificante. Eu me encaixo naquele grupo de quem sempre quis medicina desde criança, porém eu nunca fiz parte de uma família que teria condições de bancar uma particular pra mim, fora que demorou muito até eu entender o que era/é prestar vestibular pra medicina nas universidades públicas, então minha trajetória até aqui não foi nada linear! Por isso, fica um conselho: se estiver dentro da sua realidade, tá tudo bem recalcular a rota quantas vezes forem necessárias, mas sem esquecer do que você realmente quer, senão a gente acaba se perdendo do meio do caminho :). Eu sou do RJ (espécie rara na MED UFMG hahaha) e durante todo meu ensino fundamental, estudei em escolas particulares medianas e era uma aluna com notas ótimas, até que em 2017 comecei meu ensino médio integrado ao técnico em química no IFRJ (Campus Nilópolis, que durava 8 semestres letivos ao invés de 3 anos) e, por N fatores, passei a ser uma aluna medíocre, ou seja, meu foco era só tirar o suficiente pra passar direto em todas as matérias. A princípio eu terminaria o E.M. em 2019, mas por conta do IF aumentou mais 1 ano, e, graças à pandemia, isso se postergou até junho de 2021. Como era um ensino focado para a formação profissionalizante, eu não tinha aulas focadas em vestibular, então ENEM só virou uma questão pra mim no meu último ano, por isso não fiz nenhum como treineira.

JULIA CAROLINA

@SOUJULIACAROLINA

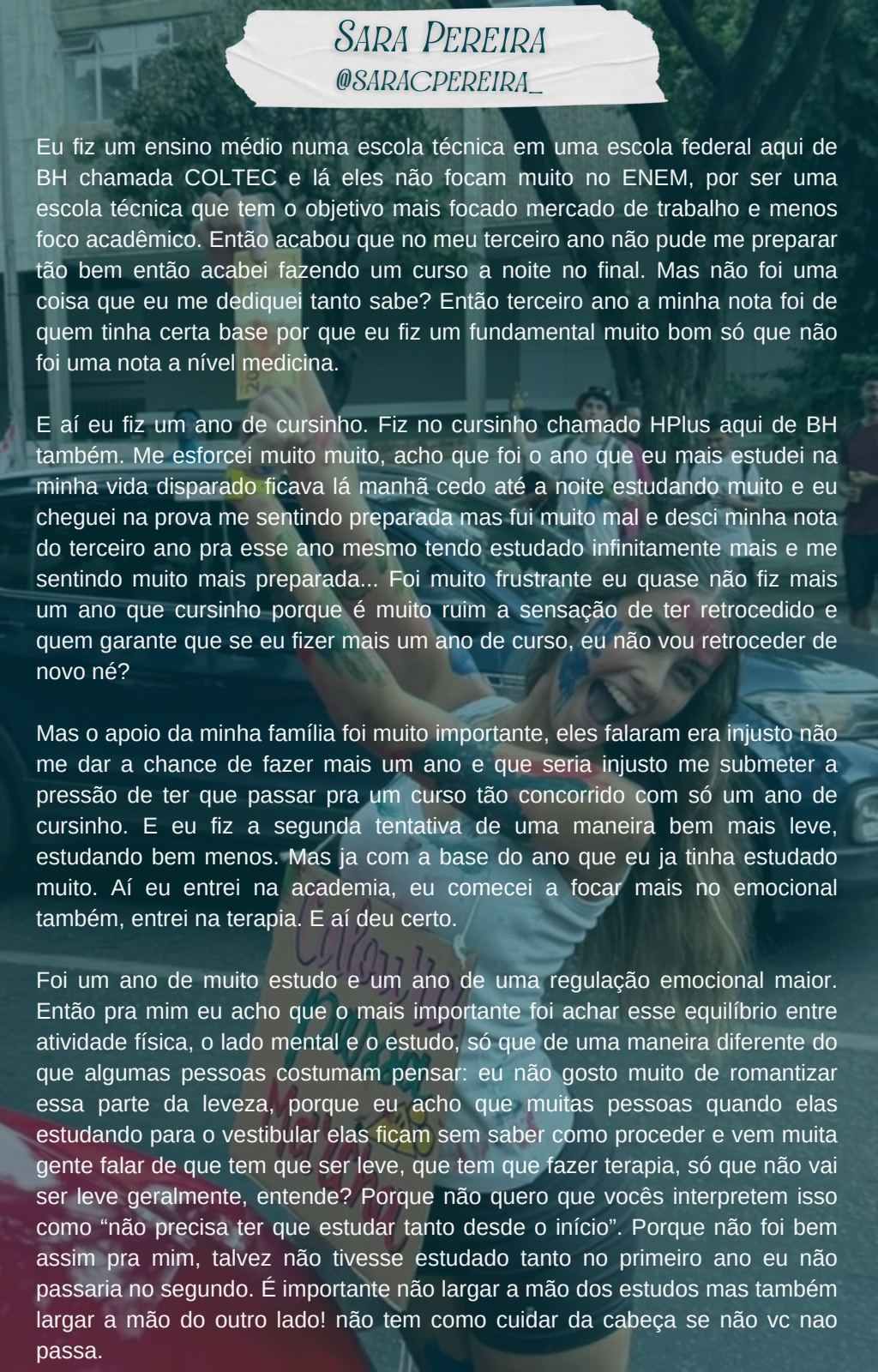
Na minha 1º edição (a de 2020) eu consegui uma nota que me deixava bem longe de ser aprovada em medicina numa federal, mas me rendeu uma aprovação em Engenharia Química na UFRJ em 2021.1, e eu fui porque era o que fazia sentido pra mim naquele momento: adiar o sonho da medicina e dar uma chance pra área em que eu estava me formando como técnica. Porém, o tempo foi passando, fui vendo que não estava satisfeita, não cheguei nem no 2º período do curso, e (finalmente) no início de 2022 eu cancelei minha matrícula e decidi focar no que realmente queria. Daí em diante é mais do mesmo: fiz 3 anos de cursinho online, recebi vários “não’s” que me frustraram horrores, via colegas de escola sendo aprovados e minha vez nunca chegava (mesmo com todo mundo dizendo que eu conseguiria). Em 2023.2 cheguei a passar pra Unigranrio com 100% de bolsa pelo Prouni, mas não fui já que meu sonho sempre foi fazer na federal (na época, teve gente que dizia que eu estava jogando fora a chance da minha vida hahaha se eu tivesse seguido esse conselho, não teria sido aprovada pra UFMG, USP e Unicamp depois). Até que no ENEM 2024 consegui um desempenho que me dava a liberdade de escolher a faculdade que eu quisesse. Um adendo: no meio disso tudo eu já tinha virado CLT, trabalhei no MC Donald's (foi punk kkkk) de dezembro de 2020 até junho de 2021, quando virei auxiliar de farmácia num hospital público daqui do Rio (lá foi onde reacendeu minha paixão pela medicina, pois eu tive a oportunidade de trabalhar no bloco cirúrgico e vi que não me enxergava em outra área senão a medicina e em setembro de 2021 eu comecei a atuar como técnica na produção da vacina da Covid na Fiocruz, de onde saí só quando me mudei pra BH. Então, o meu processo de vestibular foi conciliado com trabalho, ou seja: o sol também pode nascer pra gente que não veio de berço de ouro. Enfim, depois desse textão o que eu tenho a dizer é: confia no processo e não se perde do seu objetivo, mesmo que a estrada passe a ser tortuosa! Hoje eu tô vivendo meu sonho, e apesar das voltas que eu dei nos últimos anos, não me arrependo de nenhuma decisão que tomei até aqui :)

LUISA INÁCIO

@LUSINACIO

Eu sou a Luisa, sou da turma 169 da medicina UFMG e vou apresentar pra vocês um pouco da minha jornada até a aprovação.

Bom, eu estudei em uma escola particular muito boa de Belo Horizonte e saí de lá, em 2018 com 17 anos, com a nota de 765,72 de média geral e 940 na redação. No ano seguinte, eu me vi dividida entre acompanhar o que meus amigos que entraram na faculdade estavam vivendo ou me dedicar aos estudos para viver o que eu, de fato, queria. Foram alguns bons anos de autossabotagem e baixa auto-confiança que fizeram com que eu demorasse mais a alcançar o que eu queria: a vaga na UFMG. E, consequentemente, isso refletiu na minha nota, que caiu nesses anos. Foi então que, em 2022, eu cheguei nos 780,92 e recomecei a crescente de notas. Mais segura do meu desejo, fiz escolhas mais assertivas quanto a métodos de estudo (que, nessa altura, eu optei por estudar sozinha e online). Mas seguindo a linha do tempo: em 2024, quase fui aprovada na USFJ - Divinópolis. Faltaram 2,75 e, olha a minha sorte! Entrei onde eu sempre quis 1 ano depois! Por último, meu grande diferencial mesmo foi o último ano, no qual fiz, até junho, o estudo individual online em uma sala de estudos alugada e a partir de julho contratei uma mentoria que me ajudou na estabilidade mental e nos cronogramas pra reta final. Vocês não precisam viver PARA o sonho de vocês, mas foi o que eu fiz nesse último ano. Passei um ano em dedicação exclusiva, estudando de segunda a sexta e fazendo simulado todos os sábados. Testei quase todas as bancas possíveis e fazia muitas questões. Sobre o Anki: eu, particularmente, gosto muito da ferramenta, mas fazia, no máximo, meia hora todos os dias. Tinha um baralho só com tudo junto, porque na prova cai tudo junto. Cheguei, então, aos 814,08 aos 23 anos. Queria ressaltar aqui (e talvez confortar alguns de vocês) que o caminho até a aprovação não é lindo, regular e florido pra todo mundo. Alguns passamos por dificuldades, por complicações na saúde mental, nos sentimos sozinhos e desesperançosos. Tive a sorte grande de ter uma mãe que me apoiou incontestavelmente pelos 6 anos de esforços, mesmo com os altos e baixos! Mas, apesar de tudo, como alguém que chegou lá: vale à pena. Continuem! Espero vocês aqui!!!



SARA PEREIRA

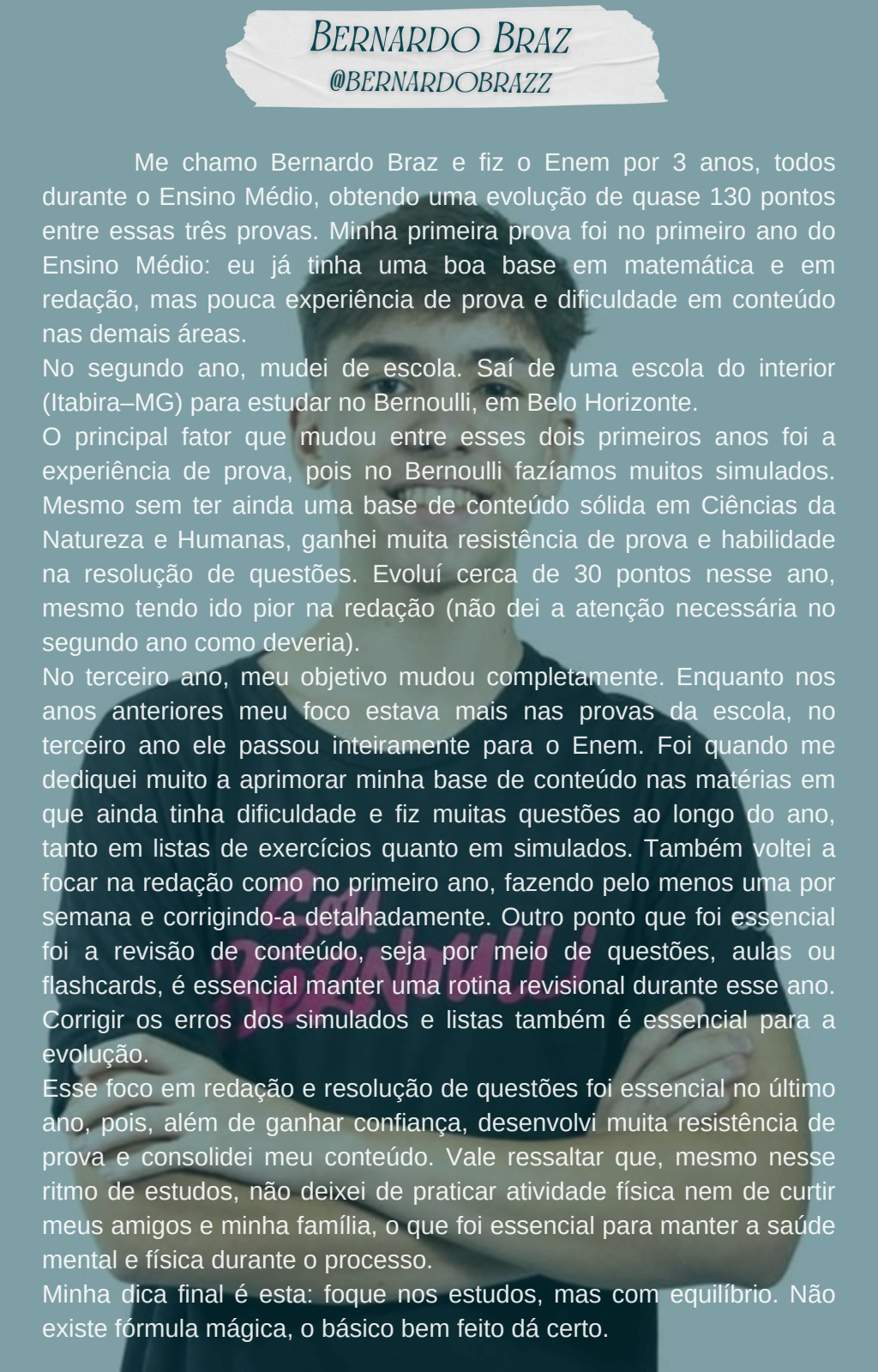
@SARACPEREIRA_

Eu fiz um ensino médio numa escola técnica em uma escola federal aqui de BH chamada COLTEC e lá eles não focam muito no ENEM, por ser uma escola técnica que tem o objetivo mais focado mercado de trabalho e menos foco acadêmico. Então acabou que no meu terceiro ano não pude me preparar tão bem então acabei fazendo um curso a noite no final. Mas não foi uma coisa que eu me dediquei tanto sabe? Então terceiro ano a minha nota foi de quem tinha certa base por que eu fiz um fundamental muito bom só que não foi uma nota a nível medicina.

E aí eu fiz um ano de cursinho. Fiz no cursinho chamado HPlus aqui de BH também. Me esforcei muito muito, acho que foi o ano que eu mais estudei na minha vida disparado ficava lá manhã cedo até a noite estudando muito e eu cheguei na prova me sentindo preparada mas fui muito mal e descii minha nota do terceiro ano pra esse ano mesmo tendo estudado infinitamente mais e me sentindo muito mais preparada... Foi muito frustrante eu quase não fiz mais um ano que cursinho porque é muito ruim a sensação de ter retrocedido e quem garante que se eu fizer mais um ano de curso, eu não vou retroceder de novo né?

Mas o apoio da minha família foi muito importante, eles falaram era injusto não me dar a chance de fazer mais um ano e que seria injusto me submeter a pressão de ter que passar pra um curso tão concorrido com só um ano de cursinho. E eu fiz a segunda tentativa de uma maneira bem mais leve, estudando bem menos. Mas já com a base do ano que eu já tinha estudado muito. Aí eu entrei na academia, eu comecei a focar mais no emocional também, entrei na terapia. E aí deu certo.

Foi um ano de muito estudo e um ano de uma regulação emocional maior. Então pra mim eu acho que o mais importante foi achar esse equilíbrio entre atividade física, o lado mental e o estudo, só que de uma maneira diferente do que algumas pessoas costumam pensar: eu não gosto muito de romantizar essa parte da leveza, porque eu acho que muitas pessoas quando elas estudando para o vestibular elas ficam sem saber como proceder e vem muita gente falar de que tem que ser leve, que tem que fazer terapia, só que não vai ser leve geralmente, entende? Porque não quero que vocês interpretem isso como "não precisa ter que estudar tanto desde o início". Porque não foi bem assim pra mim, talvez não tivesse estudado tanto no primeiro ano eu não passaria no segundo. É importante não largar a mão dos estudos mas também largar a mão do outro lado! não tem como cuidar da cabeça se não vc nao passa.



BERNARDO BRAZ

@BERNARDOBRAZZ

Me chamo Bernardo Braz e fiz o Enem por 3 anos, todos durante o Ensino Médio, obtendo uma evolução de quase 130 pontos entre essas três provas. Minha primeira prova foi no primeiro ano do Ensino Médio: eu já tinha uma boa base em matemática e em redação, mas pouca experiência de prova e dificuldade em conteúdo nas demais áreas.

No segundo ano, mudei de escola. Saí de uma escola do interior (Itabira–MG) para estudar no Bernoulli, em Belo Horizonte.

O principal fator que mudou entre esses dois primeiros anos foi a experiência de prova, pois no Bernoulli fazíamos muitos simulados. Mesmo sem ter ainda uma base de conteúdo sólida em Ciências da Natureza e Humanas, ganhei muita resistência de prova e habilidade na resolução de questões. Evoluí cerca de 30 pontos nesse ano, mesmo tendo ido pior na redação (não dei a atenção necessária no segundo ano como deveria).

No terceiro ano, meu objetivo mudou completamente. Enquanto nos anos anteriores meu foco estava mais nas provas da escola, no terceiro ano ele passou inteiramente para o Enem. Foi quando me dediquei muito a aprimorar minha base de conteúdo nas matérias em que ainda tinha dificuldade e fiz muitas questões ao longo do ano, tanto em listas de exercícios quanto em simulados. Também voltei a focar na redação como no primeiro ano, fazendo pelo menos uma por semana e corrigindo-a detalhadamente. Outro ponto que foi essencial foi a revisão de conteúdo, seja por meio de questões, aulas ou flashcards, é essencial manter uma rotina revisional durante esse ano. Corrigir os erros dos simulados e listas também é essencial para a evolução.

Esse foco em redação e resolução de questões foi essencial no último ano, pois, além de ganhar confiança, desenvolvi muita resistência de prova e consolidei meu conteúdo. Vale ressaltar que, mesmo nesse ritmo de estudos, não deixei de praticar atividade física nem de curtir meus amigos e minha família, o que foi essencial para manter a saúde mental e física durante o processo.

Minha dica final é esta: foque nos estudos, mas com equilíbrio. Não existe fórmula mágica, o básico bem feito dá certo.

GABRIEL CARVALHO

@OGABRIELCARVALHO

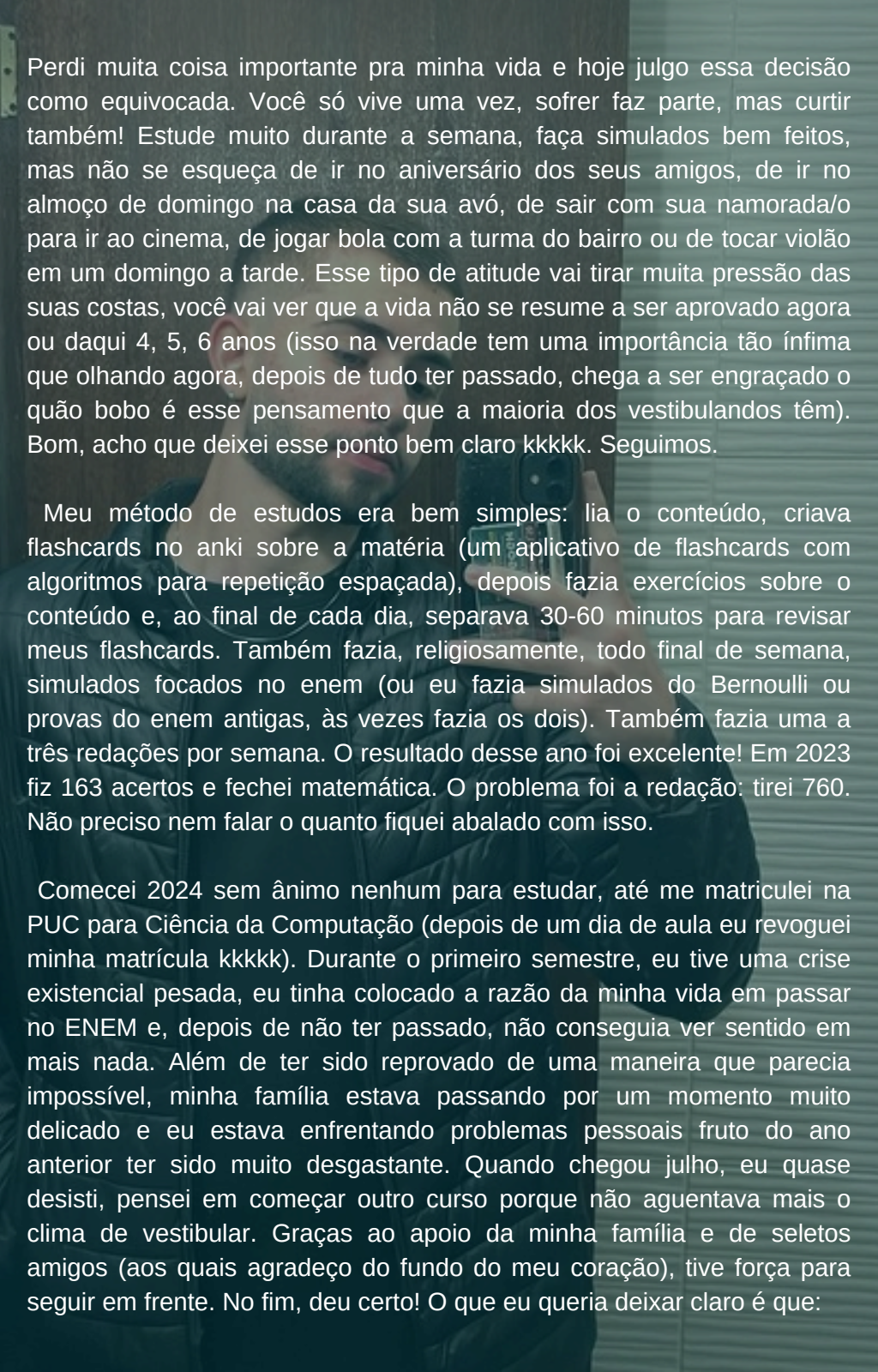


Cresci em uma casa que valorizava muito a educação e, por isso, sempre tive o incentivo a ir bem na escola e a ser uma pessoa que valorizava a aquisição de conhecimento. Estudei a vida toda em bons colégios particulares de Belo Horizonte e isso, obviamente, me deu uma base muito privilegiada na escola. Sempre tive facilidade em matemática, e também sempre tive um interesse muito grande nos temas de história e geografia.

Meu interesse pelo ENEM surgiu no meio do segundo ano do ensino médio quando eu me dei conta que estava muito distante da aprovação. Apesar de sempre ter ido bem na escola, eu praticamente não tive nono e primeiro ano (graças à pandemia eu não tive aula) e passei meu segundo ano todo colando em quase todas as provas (com exceção de matemática, história e geografia).

No meu primeiro ENEM, fui relativamente ok no primeiro dia para um treineiro, mas no segundo dia eu só fiz a prova de matemática e saí no meio, porque meu time estava quase sendo campeão brasileiro depois de 50 anos e eu julguei ser mais importante assistir ao jogo do que terminar a prova. No segundo ENEM, considero que fui bem pra um treineiro; fui bem em matemática, regular em LC e Humanas, mas fui péssimo em natureza. Isso me fez abrir o olho e foi aí que eu percebi que tinha um longo caminho pela frente.

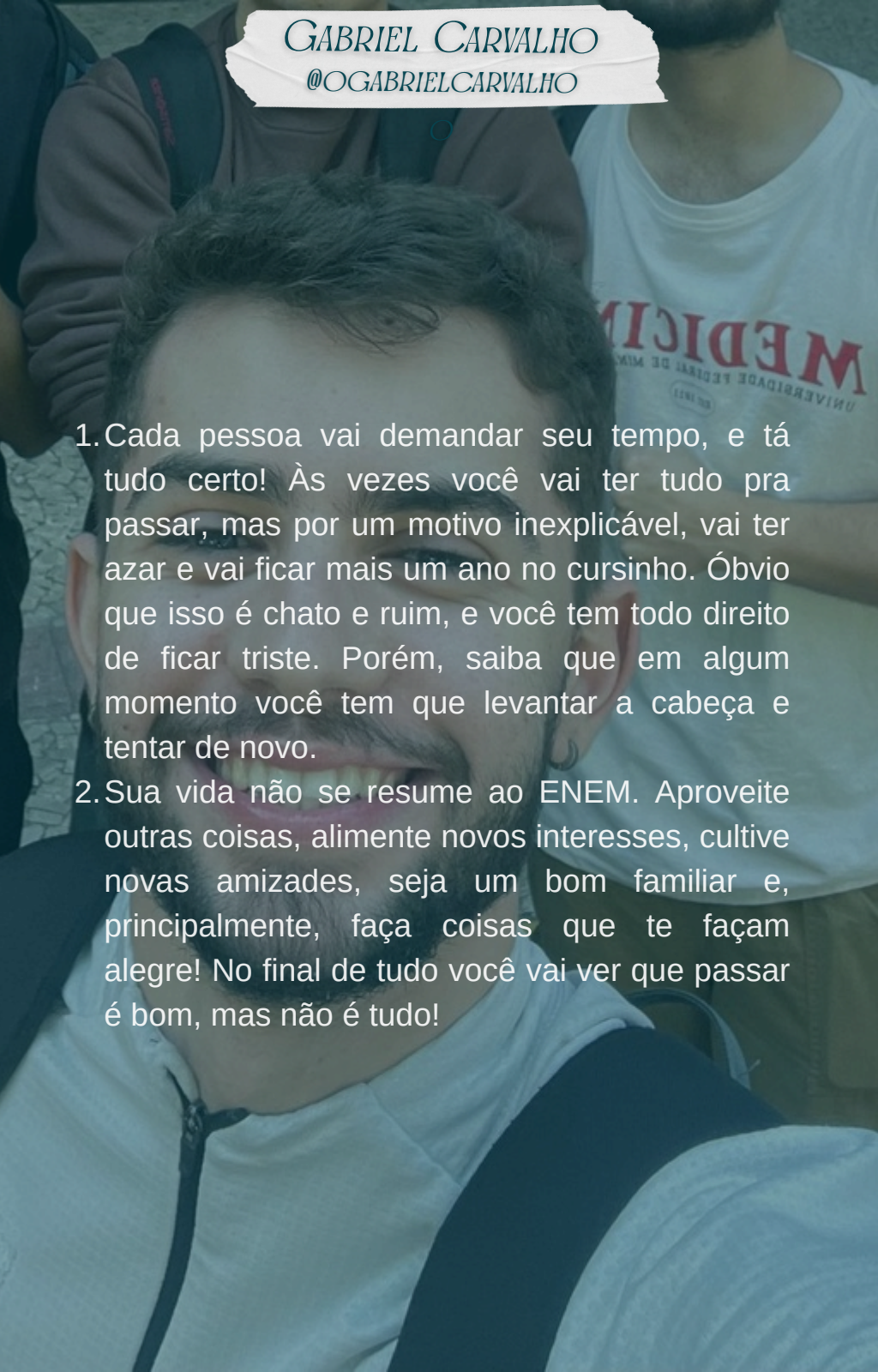
Por isso, no terceiro ano do ensino médio, eu troquei todos os aspectos da minha vida pelos estudos. Troquei minhas relações, meus hobbies e meus interesses pelo estudo. Estudei o máximo que eu conseguia todos os dias. Hoje em dia, depois de muita reflexão, concluo que esse tipo de postura é, obviamente, muito efetiva para passar, mas é idiota, ingênua e simplista demais. Sua vida não se resume a passar no vestibular o quanto antes, a maioria dos vestibulandos são jovens e eu creio que deve-se aproveitar a juventude. A palavra que define um processo de vestibular bem feito é equilíbrio e isso com certeza eu não tive enquanto estudava pro meu primeiro ENEM valendo.



Perdi muita coisa importante pra minha vida e hoje julgo essa decisão como equivocada. Você só vive uma vez, sofrer faz parte, mas curtir também! Estude muito durante a semana, faça simulados bem feitos, mas não se esqueça de ir no aniversário dos seus amigos, de ir no almoço de domingo na casa da sua avó, de sair com sua namorada/o para ir ao cinema, de jogar bola com a turma do bairro ou de tocar violão em um domingo a tarde. Esse tipo de atitude vai tirar muita pressão das suas costas, você vai ver que a vida não se resume a ser aprovado agora ou daqui 4, 5, 6 anos (isso na verdade tem uma importância tão ínfima que olhando agora, depois de tudo ter passado, chega a ser engraçado o quão bobo é esse pensamento que a maioria dos vestibulandos têm). Bom, acho que deixei esse ponto bem claro kkkkk. Seguimos.

Meu método de estudos era bem simples: lia o conteúdo, criava flashcards no anki sobre a matéria (um aplicativo de flashcards com algoritmos para repetição espaçada), depois fazia exercícios sobre o conteúdo e, ao final de cada dia, separava 30-60 minutos para revisar meus flashcards. Também fazia, religiosamente, todo final de semana, simulados focados no enem (ou eu fazia simulados do Bernoulli ou provas do enem antigas, às vezes fazia os dois). Também fazia uma a três redações por semana. O resultado desse ano foi excelente! Em 2023 fiz 163 acertos e fechei matemática. O problema foi a redação: tirei 760. Não preciso nem falar o quanto fiquei abalado com isso.

Comecei 2024 sem ânimo nenhum para estudar, até me matriculei na PUC para Ciência da Computação (depois de um dia de aula eu revoguei minha matrícula kkkkk). Durante o primeiro semestre, eu tive uma crise existencial pesada, eu tinha colocado a razão da minha vida em passar no ENEM e, depois de não ter passado, não conseguia ver sentido em mais nada. Além de ter sido reprovado de uma maneira que parecia impossível, minha família estava passando por um momento muito delicado e eu estava enfrentando problemas pessoais fruto do ano anterior ter sido muito desgastante. Quando chegou julho, eu quase desisti, pensei em começar outro curso porque não aguentava mais o clima de vestibular. Graças ao apoio da minha família e de seletos amigos (aos quais agradeço do fundo do meu coração), tive força para seguir em frente. No fim, deu certo! O que eu queria deixar claro é que:



GABRIEL CARVALHO

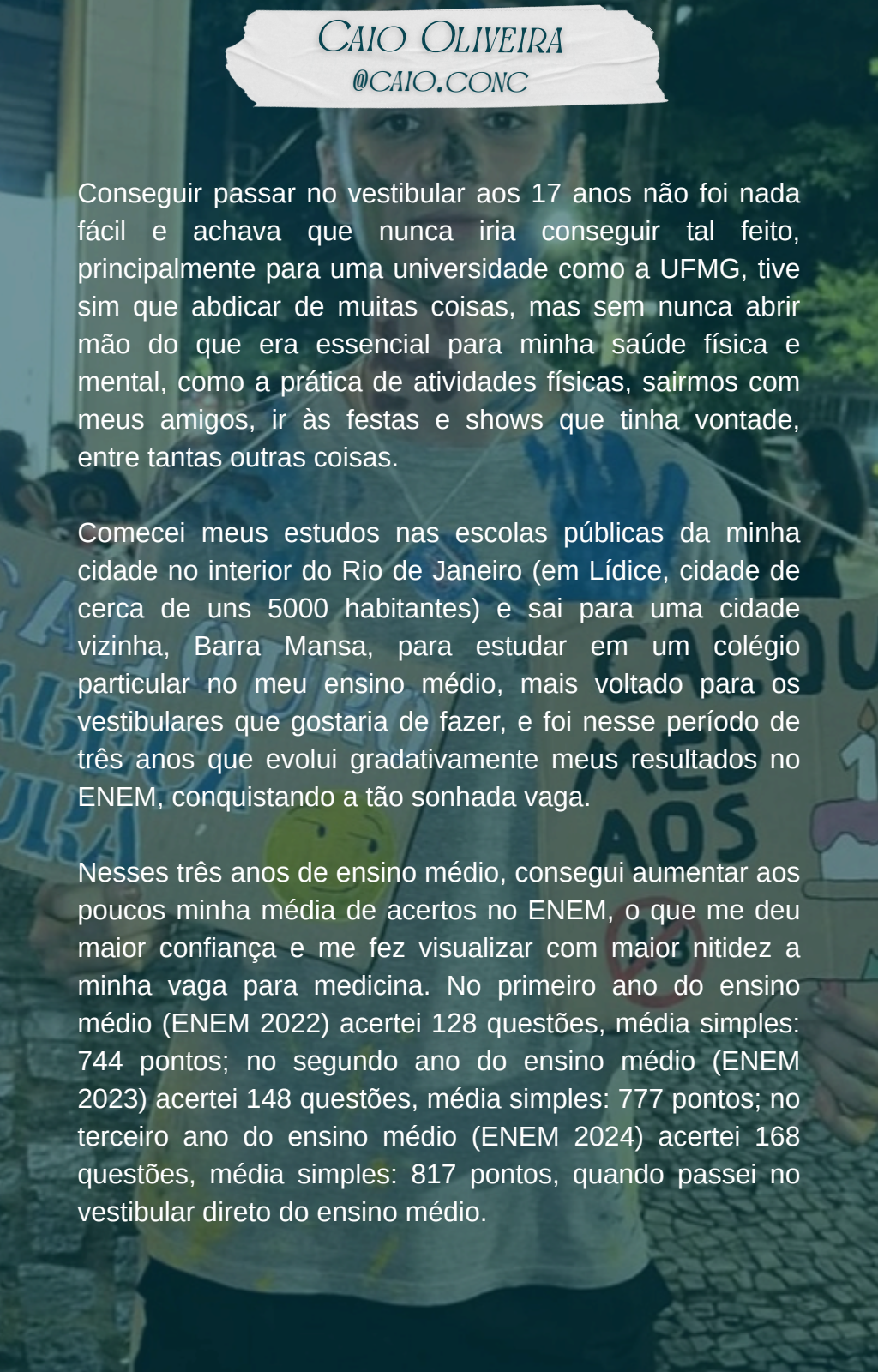
@OGABRIELCARVALHO

1. Cada pessoa vai demandar seu tempo, e tá tudo certo! Às vezes você vai ter tudo pra passar, mas por um motivo inexplicável, vai ter azar e vai ficar mais um ano no cursinho. Óbvio que isso é chato e ruim, e você tem todo direito de ficar triste. Porém, saiba que em algum momento você tem que levantar a cabeça e tentar de novo.
2. Sua vida não se resume ao ENEM. Aproveite outras coisas, alimente novos interesses, cultive novas amizades, seja um bom familiar e, principalmente, faça coisas que te façam alegre! No final de tudo você vai ver que passar é bom, mas não é tudo!

TÚLIO SANTOS

@TULIO.PS

Meu nome é Túlio, tenho 22 anos, sou de Coronel Murta – MG. Fiz cursinho on-line durante três anos até ser aprovado em Medicina na UFMG, pela modalidade LB_PPI. Minha trajetória até aqui foi repleta de altos e baixos, mas, apesar das dificuldades, sempre me mantive firme e nunca me vi desistindo desse sonho. Algo essencial nesse processo foi o apoio da minha mãe, que contribuiu significativamente para que eu persistisse na busca pela aprovação. Na minha rotina diária, eu estudava pela manhã e à tarde, assistindo às aulas dos conteúdos exigidos pelo Enem e treinando bastante com questões e simulados no estilo da prova. À noite, praticava atividade física, o que foi de grande ajuda para o meu bem-estar físico e mental. Algo que me marcou muito durante esse período foi o conhecimento que, a cada dia, eu adquiria sobre diversos conteúdos. Nesse processo, também tive a chance de aprimorar meu hábito de leitura, o que foi essencial até mesmo para ganhar agilidade na resolução das provas do Enem. Uma coisa que aprendi sobre mim mesmo até conquistar a aprovação em Medicina foi que somos capazes de conquistar tudo o que quisermos, basta termos oportunidade e nos esforçarmos de verdade. Assim, já haverá grandes chances de chegarmos onde desejamos.



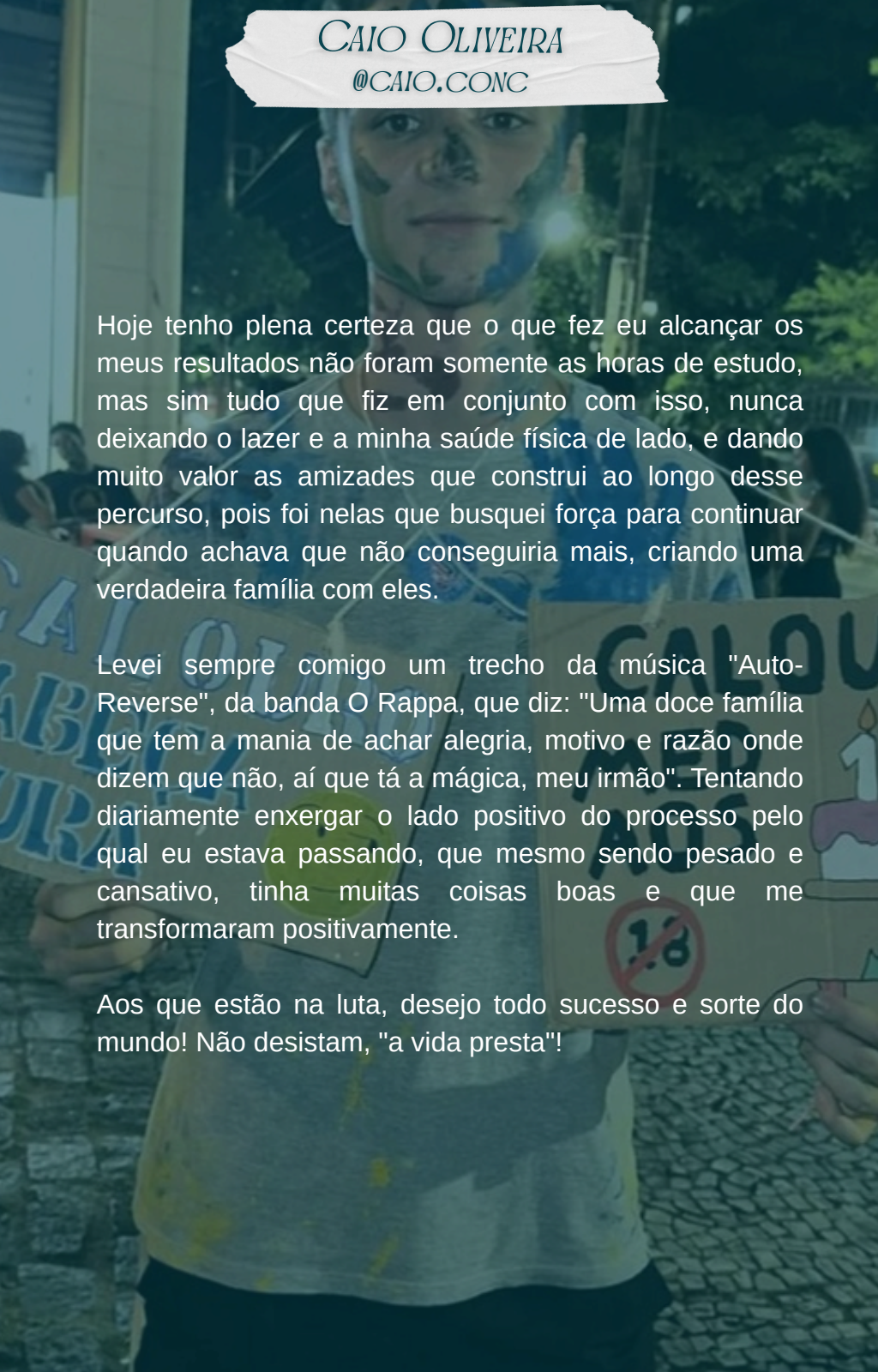
CAIO OLIVEIRA

@CAIO.CONC

Conseguir passar no vestibular aos 17 anos não foi nada fácil e achava que nunca iria conseguir tal feito, principalmente para uma universidade como a UFMG, tive sim que abdicar de muitas coisas, mas sem nunca abrir mão do que era essencial para minha saúde física e mental, como a prática de atividades físicas, sairmos com meus amigos, ir às festas e shows que tinha vontade, entre tantas outras coisas.

Comecei meus estudos nas escolas públicas da minha cidade no interior do Rio de Janeiro (em Lídice, cidade de cerca de uns 5000 habitantes) e sai para uma cidade vizinha, Barra Mansa, para estudar em um colégio particular no meu ensino médio, mais voltado para os vestibulares que gostaria de fazer, e foi nesse período de três anos que evolui gradativamente meus resultados no ENEM, conquistando a tão sonhada vaga.

Nesses três anos de ensino médio, consegui aumentar aos poucos minha média de acertos no ENEM, o que me deu maior confiança e me fez visualizar com maior nitidez a minha vaga para medicina. No primeiro ano do ensino médio (ENEM 2022) acertei 128 questões, média simples: 744 pontos; no segundo ano do ensino médio (ENEM 2023) acertei 148 questões, média simples: 777 pontos; no terceiro ano do ensino médio (ENEM 2024) acertei 168 questões, média simples: 817 pontos, quando passei no vestibular direto do ensino médio.

A person with blue and white face paint, holding protest signs. The background is a blurred outdoor scene with other people and trees.

CAIO OLIVEIRA

@CAIO.CONC

Hoje tenho plena certeza que o que fez eu alcançar os meus resultados não foram somente as horas de estudo, mas sim tudo que fiz em conjunto com isso, nunca deixando o lazer e a minha saúde física de lado, e dando muito valor as amizades que construi ao longo desse percurso, pois foi nelas que busquei força para continuar quando achava que não conseguiria mais, criando uma verdadeira família com eles.

Levei sempre comigo um trecho da música "Auto-Reverse", da banda O Rappa, que diz: "Uma doce família que tem a mania de achar alegria, motivo e razão onde dizem que não, aí que tá a mágica, meu irmão". Tentando diariamente enxergar o lado positivo do processo pelo qual eu estava passando, que mesmo sendo pesado e cansativo, tinha muitas coisas boas e que me transformaram positivamente.

Aos que estão na luta, desejo todo sucesso e sorte do mundo! Não desistam, "a vida presta"!

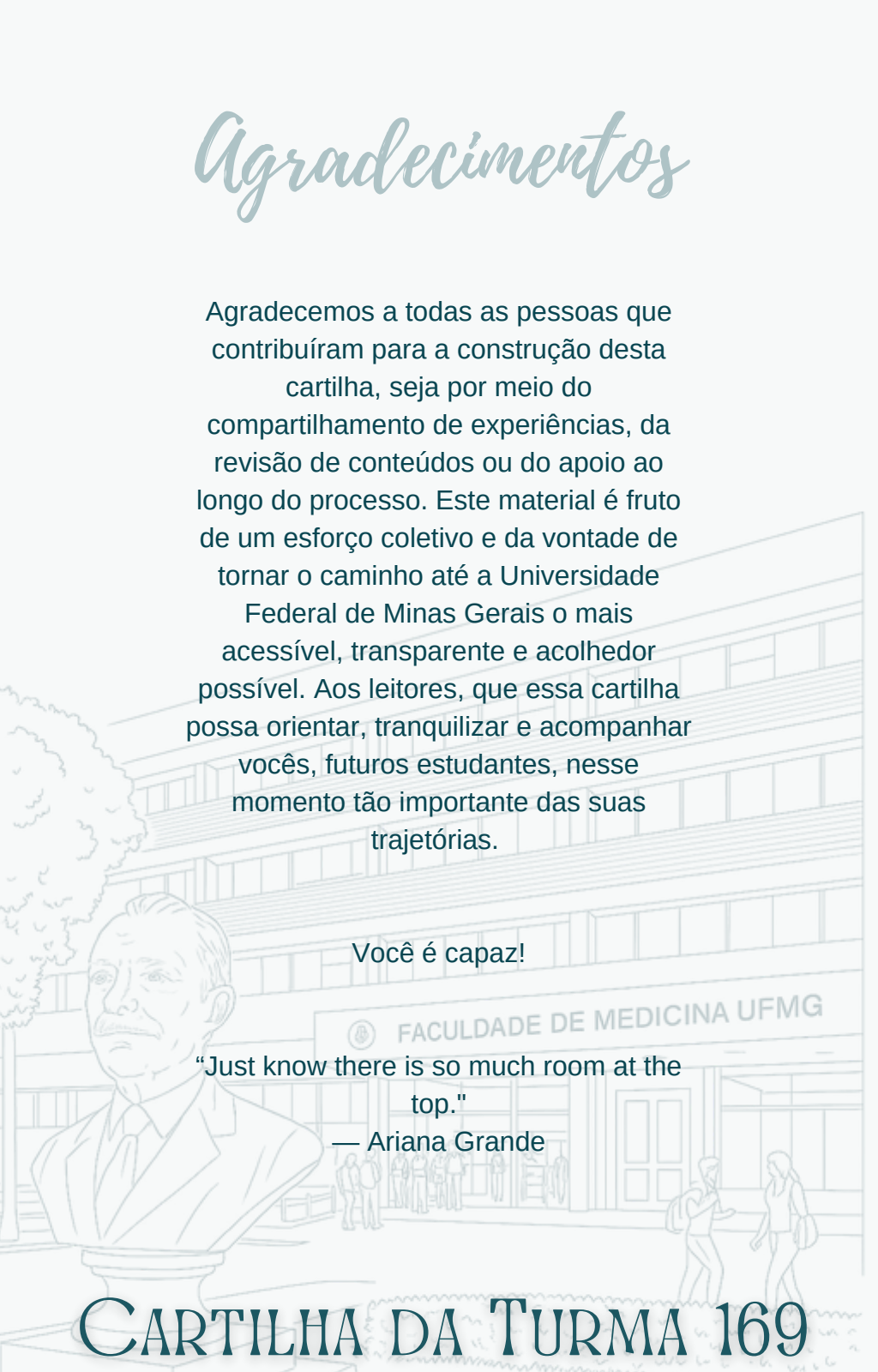
Agradecimentos

Agradecemos a todas as pessoas que contribuíram para a construção desta cartilha, seja por meio do compartilhamento de experiências, da revisão de conteúdos ou do apoio ao longo do processo. Este material é fruto de um esforço coletivo e da vontade de tornar o caminho até a Universidade Federal de Minas Gerais o mais acessível, transparente e acolhedor possível. Aos leitores, que essa cartilha possa orientar, tranquilizar e acompanhar vocês, futuros estudantes, nesse momento tão importante das suas trajetórias.

Você é capaz!

"Just know there is so much room at the top."

— Ariana Grande



CARTILHA DA TURMA 169